
UM
GRITO DE
LIBERDADE!
THIAGO TRINDADE
contos por espíritos diversos


UM
GRITO DE
LIBERDADE!
THIAGO TRINDADE
contos por espíritos diversos

© 2023 por Thiago Trindade – formato digital

Capa e produção gráfica: Equipe Vida & Consciência

Conversão e-book: Cumbuca

ISBN 978-65-88599-68-6 – formato digital

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, por qualquer forma ou meio, seja ele mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., tampouco apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora (Lei nº 5.988, de 14/12/1973).

Este livro adota as regras do novo acordo ortográfico (2009).

Vida & Consciência Editora e Distribuidora Ltda.

Rua das Oiticicas, 75 — São Paulo — SP — Brasil

CEP 04346-090

editora@vidaeconsciencia.com.br

www.vidaeconsciencia.com.br

Sonho com o dia em que todos levantar-se-ão e compreenderão que foram feitos para viverem como irmãos.

(Nelson Mandela)

Senhor, és Mestre deste mundo

E dos outros mundos também

Eu venho pedir a Oxalá

Nas horas de Deus, amém

Oxalá, meu Pai,

Que sua Luz não nos deixe sós

Se a volta do mundo é grande,

Seu poder é bem maior

Saravá Babá.

(Autor desconhecido)

Thiago Trindade

Um grito de liberdade!

por espíritos diversos

MENSAGEM DO AUTOR

Este livro, para mim, é um marco importante, pois, embora esteja sendo lançado agora, após tantos outros, posso considerar que ele é o início de minhas obras literárias marcadas pela mediunidade. Explico. Nos idos de 2013, o livro Contos de Redenção foi lançado pela Editora Mythos. À época, foi um ato corajoso do editor apostar em uma obra mediúnica na qual os personagens não eram em sua maioria brancos e traziam bagagens culturais não tão aceitas, ou seja, as histórias eram — e são — carregadas de influências afro-brasileiras. Após longa conversa com ele, foi decidido que algumas histórias não entrariam e outras teriam alguns trechos cortados, então, eu fiquei chateado e pensei até em desistir. Mas Joaquim, um caríssimo amigo espiritual e quem trouxe esses contos, determinou que eu aceitasse a proposta feita. “As obras futuras serão do jeito que chegaram até você”, disse o velho Quincas — e assim aconteceu.

Contos de Redenção foi um sucesso, mas as crises financeiras (no plural mesmo) fizeram a editora mudar sua linha editorial para sobreviver.

Por alguns anos, guardei comigo o sonho de republicar os contos como eu os havia recebido. Temia ainda problemas contratuais, que foram resolvidos pela lucidez do novo editor, liberando todas as histórias sem criar nenhum empecilho. No entanto, elas — na maioria — não eram mais inéditas, e outras editoras não publicariam um material que já estava no mercado. Foi aí que entrou a Vida & Consciência, editora na qual publico meus romances. E cá estamos nós, voltando ao início, porém de forma original. Espero que gostem da obra — agora apropriadamente chamada de Um grito de liberdade! —, na qual almas em diversos estágios de evolução recebem as mesmas oportunidades que eu e você recebemos diariamente para nossa verdadeira felicidade.

Espero que aproveitem!

Thiago Trindade

Seropédica, 4 de dezembro de 2021.

SUMÁRIO

O filósofo

O fogo

A verdade de Jacó

Marlene e Guará

O tronco

Araçari

A tempestade

A encruzilhada

O preço

À luz do luar

O perdido

O orador

Sebastião

O jardim

O seguidor

O defunto

O jesuíta e o pajé

Perdas e ganhos

O lavrador

O FILÓSOFO

Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo.

(2Co 12:7)

Sentou-se sobre o relvado. Seus olhos encontraram as nuvens brancas que marcavam o céu safirino. As mãos, ressequidas e ossudas, alisaram o pulsante solo verdejante. Uma brisa leve tocou o rosto marcado de Malaquias, que esboçou um sorriso desprovido de dentes, mas repleto de júbilo. Os farrapos que o negro vestia pareciam-lhe um nobre manto que os reis usavam.

Malaquias aspirou o ar doce. Jamais percebera o oxigênio como fonte de esperança. Haviam lhe dito que o ar se renovava graças às plantas.

O negro, que passara a vida toda na lida na roça, sabia também que as plantas só cresciam com a presença do sol e da água. O ancião comparou o sol a Jesus, que vinha do alto para fazer a plantinha crescer e renovar o oxigênio, enquanto a água ficara ao encargo de Maria, que acalentava os estômagos famintos da dor da carne e do espírito. A benevolência da água, em parceria com o sol e sob a liderança deste, pois vinha do alto, fazia toda a Terra florescer e contemplar o céu, onde o Criador residia.

O homem, cujas costas magras estavam cheias de cicatrizes, piscou. Se o padre Luís e mesmo o feitor Lauro ouvissem seus pensamentos, poriam-no no tronco, e uma centena de chibatadas lhe arrancariam a carne que restava sobre os ossos velhos. Um súbito pensamento sobreveio-lhe: seu corpo, velho e quebrado, estava impedido. Preso. Não podia ir aonde quisesse. Mas sua alma era livre. Livre como o próprio ar, que se espalhava igualmente para todos.

Malaquias compreendeu que era sua opção aceitar passar pela planta e renovar-se. As palavras dos sermões, embora difíceis de compreender, estavam todas lá, à disposição de quem quisesse. O homem sentiu seu corpo crescer, expandir-se.

Espalhando-se como o próprio ar, o escravo sorria. Há muito a tristeza e o rancor haviam se convertido em resignação e esperança.

— Eu sou o ar! — disse Malaquias. — Ninguém pode segurar o ar! E, já que sou o ar, contemplo o céu iluminado!

Barnabé despertou no chão duro de terra batida da senzala. O negro fitou seu companheiro deitado ao lado. Com um sorriso de resignação, o escravo percebeu que seu melhor amigo e irmão de jornada terrena partira. Barnabé acariciou a fronte fria de Malaquias e deu-lhe um até breve com um sorriso.

O FOGO

Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

(Rm 9:28)

Fitava silencioso o céu naquela noite quente. Tudo parecia imóvel naquele canto escuro da Terra. Firmino caminhava lentamente, e suas lágrimas mesclavam-se com seu suor. Em suas costas, cicatrizes da chibata pulsavam cruéis. Os olhos torturados do escravo encontraram as estrelas distantes. Em uma respiração dorida, tramou vingança.

— Se te pegam fora da senzala, filho, te dão outra surra — disse uma voz carregada, assustando o escravo.

— Quem está aí? — indagou Firmino, pegando uma pedra no chão.

— Esqueceu-se de mim, filho? — perguntou um ancião negro saindo de trás de um pé de café. — Não faz tanto tempo assim que não nos vemos.

— Pai José! — exclamou assombrado o escravo. — O senhor morreu! Ai de mim!

— Ora, acalme-se — asseverou o outro com firmeza. Seu andar lento era amparado por um galho de goiabeira, que lhe fazia o papel de bengala. — Não vá alarmar os vigias.

— Mas o senhor morreu de febre — insistiu Firmino. — Eu vi!

— Ah, meu filho, você viu mesmo. — Sorriu o idoso com uma boca banguela, enquanto se sentava em um toco de árvore cortada. — E se eu voltei, é porque a morte não existe, não é?

Firmino continuou pasmo. Estava diante do homem que o criara e lhe ensinara

muitas coisas, sobretudo a ter esperança, mesmo naquela existência miserável sob a chibata. Seu mundo caiu quando testemunhou o último e dolorido suspiro de Pai José.

— O senhor viu os orixás? — balbuciou o jovem, aproximando-se do espírito do antigo amigo.

— Vi — respondeu Pai José. — E vi muito mais. Mas vim até o reino da carne para outra coisa, não para falar das coisas do Além.

— Para quê o senhor veio, então? — indagou o escravo.

— Para salvá-lo. — Disparou o velho.

— Vai me levar para junto dos orixás? — sussurrou Firmino com uma súbita tremedeira.

— Não, filho — retrucou Pai José. — Você quer cometer uma violência muito grave!

— Cansei de humilhações! — esbravejou Firmino. — Apanhei a vida inteira só porque sou preto. Passo fome e vejo o coronel ficar cada vez mais gordo. E agora Quitéria está enrabichada pelo filho do Coronel Mendonça!

— Matar o jovem resolverá seu problema? — perguntou o espírito, que coçava pensativamente a barba grisalha, enquanto seus olhos luminosos devassavam a alma do antigo pupilo.

— Quitéria vai me amar novamente — respondeu o jovem com firmeza.

— Você morrerá no tronco, só em tentar atacar o rapaz. — A lucidez das palavras de Pai José fez o outro fitar o chão duro. — E Quitéria vai continuar com ele ou com outro.

— Será que nesta vida só terei desgraça? — resmungou Firmino apertando os punhos por pura revolta.

— Sim — asseverou Pai José. — Se você quiser apenas desgraça na sua vida.

Firmino fitou Pai José. Era o mesmo velho encurvado que guardava no coração.

Sempre direto, firme e sábio. O grande companheiro da lamentável senzala. Sua morte, três anos antes, provocara imensa tristeza em todos, até nos senhores da casa-grande. Apreciavam a conversa do velho escravo, que ainda tinha a influência pacífica de manter os jovens nos eixos.

— Filho, lembra-se do carpinteiro de quem eu costumava falar? — questionou o espírito apertando sua bengala rústica.

— Jesus — disse prontamente o jovem.

— Nosso Oxalá. — Pai José sorriu para o pupilo, e pareceu-lhe que ele ganhara uma aura de luz ligeiramente prateada. — Certa vez, Ele organizou uma refeição com seus seguidores. Todos estavam lá. Jesus disse que, servindo aos outros, seríamos como príncipes ao partirmos para o Além.

— Serei rei só porque fui escravo? — retrucou Firmino, sem compreender.

— Servir é um gesto de grandeza, meu filho. — Prosseguiu o espírito. — Um prato de comida para alguém é servir. Todo o bem que se faz é servir.

— O senhor serviu a vida inteira e agora é morto. Não me parece um príncipe. — Atalhou o jovem.

— Jesus era rei e não se vestia como um príncipe, Firmino — disse o outro. — De que vale uma bela roupa e a barriga gorda, se o coração é podre? Paulo de Tarso era rico e mau. Mas, ao começar a servir, tornou-se pobre de roupas e rico de espírito. Xangô, a quem ama, já que é filho do Benin, aprecia a justiça. Aprecia a verdade, não é? Acha que Xangô, sendo justo, permitiria que você sofresse sem razão?

Firmino silenciou.

Subitamente, parecendo régio, embora estivesse trajado com panos simples, Pai José fitou o céu. O velho tronco seco parecia um trono magnífico, esculpido pela natureza. O galho tosco de goiabeira parecia um cajado digno do mais nobre sábio. Firmino, de joelhos, viu a realeza espiritual que seu antigo protetor estava investido.

— Você está me vendo aqui. Não estou no Além. — A voz de Pai José soava vibrante. — Não tenho asas de penas ou chifres de bode. Você sabe que sou eu,

porque não lhe falei nada diferente do que estava acostumado a ouvir de mim, quando eu era feito de carne e osso. Parece que estou mentindo a você?

— Não entendo... — sussurrou o jovem.

— Entenderá com o tempo, Firmino. — Sorriu Pai José. — É só ter paciência e fé no Pai e em Jesus. Confie na justiça de Xangô!

— Meu coração queima! — Insistiu o outro batendo no peito esquálido.

— O fogo, quando bem empregado, não esquenta quem tem frio ou ainda não nos cozinha a comida? — indagou o espírito. — Use o fogo a serviço de seu irmão na senzala e até na casa-grande, se necessário. Lembre-se de que a morte não existe, meu filho!

— Sou negro e ignorante! — resmungou Firmino, inseguro.

— Os pescadores que seguiam o Carpinteiro também eram e muito eles fizeram! — asseverou o velho sábio.

— O senhor fala muito mais nos santos dos brancos do que antes. — Observou o escravo, enchendo seu coração de suspeita.

— Confirmei o que imaginava, meu filho — disse Pai José. — Todos eles são um só. Jesus não se importa em ser chamado de Oxalá. São Pedro e São Paulo não se preocupam em serem chamados de Xangô. O que são nomes, filho? Nome não diminui ou cresce ninguém. O coração, sim! Eles querem que cresçamos para Nzambi ou Olorum! Deus, nosso Criador, tem muitos nomes e ama a todos nós, sem importar a cor da pele.

— O Deus branco — disse Firmino — é, na verdade, o Deus de todas as cores...

— Sim — concordou o outro.

Pai José sorriu. Ao longe, uma coruja piou. As horas da madrugada corriam estranhamente lentas. Firmino sentou-se diante de Pai José. O escravo sentia o cansaço, e as mãos nodosas do espírito abençoaram o jovem.

— Use seu fogo para aquecer e alimentar os que sofrem. Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você. — Orientou o sábio. — Estarei com você. Sempre.

Pai José levantou-se. Parecia menos encurvado, e seu rosto emanava uma luz tênue. Sorrindo, o espírito do antigo escravo entregou ao rapaz sua bengala feita de goiabeira e se foi.

Após aquele encontro inusitado, os dias correram velozes para Firmino, que passou a se interessar pelos irmãos de infortúnio na Terra. À noite, contava-lhes as histórias que ouvira de Pai José, acendendo nos pobres escravos a chama da esperança. Quando Quitéria foi torturada e perdeu o neto do coronel, Firmino cuidou de suas feridas, pois muitas vezes sonhava com Pai José a ensinar-lhe sobre as ervas. Seu trabalho no cafezal continuava e, certa vez, carregando pesadas sacas de grãos, tropeçou e quebrou o pé. Dali em diante, o negro passou a usar a bengala que o espírito lhe entregara, que costumava ser guardada junto a uma frondosa mangueira perto da senzala.

Anos depois, Pai Firmino, indo buscar lenha para o fogão da casa-grande, sentiu o peito arder. O velho negro soube que o fogo que possuía queimava pela última vez na Terra. Entardecia, e o dia estivera quente. Suas pernas fraquejaram, e o feixe de madeira caiu silenciosamente. Ajoelhando, mas sem largar o cajado, o escravo pediu pelos seus que permaneceriam naquele mundo de dores. Mãos firmes e carinhosas surgiram e ampararam Firmino, que reencontrou Pai José, que o ajudou a deitar-se sobre o relvado.

— É hora da colheita, filho — disse Pai José. — Não colherá café, mas o amor que plantou servindo aos outros e dividindo seu fogo em nome de Deus!

A VERDADE DE JACÓ

Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes.

(Mr 12:30-31)

A batalha fora perdida. Os inimigos venceram. O grande líder, que fora rei, jazia morto, traído por quem confiava. Os canhões dos bandeirantes já tinham arrasado as defesas do outrora orgulhoso quilombo.

Jacó, que padecera sob o açoite como muitos que ali viviam antes de encontrarem a liberdade, voltava seus olhos para o céu. Ele buscava respostas e não consolo. Dor e frustração tomaram conta daquele homem, que, na grande derrota do quilombo, encontrara o desprezo. Não o desprezo para com os ferozes inimigos, mas para com aqueles que o abandonaram. Se é que um dia “Eles” estiveram com os negros, filhos dos que haviam sido trazidos de várias partes de África.

Canhões ribombaram pela última vez. Sangue, gritos e destroços misturavam-se sob a fumaça fétida. Ordens em guarani e em um arremedo de português ecoaram vindas de algum lugar além das ruínas. A carnificina iria tomar um novo fôlego e recomeçar.

Guerreiros agruparam-se. Velhos e jovens, com escudos improvisados, facões, foices e lanças. Mulheres também se reuniam para a última luta. Combateriam até o fim, fosse o fim qual fosse. Sabiam que a derrota era certa, mas nenhum daqueles desesperados recuara.

Jacó observou a cena, incrédulo, em meio à parca proteção de um escombro poeirento. Paus, facões e pedras contra espadas e pistolas, percebeu o ex-escravo. Desesperançado, Jacó riu, e sua gargalhada ecoou até as nuvens brancas que cobriam aquela região das Alagoas.

O velho Pedro passou por Jacó, chamando sua atenção. O semblante do ancião era resignado, como sempre fora, porém, seus olhos embaçados brilhavam com uma estranha luz. Jacó percebeu que o velho guiava um grupo de crianças, mulheres grávidas e outros que não desejavam lutar. Com um gesto de reprovação aos covardes, Jacó rejeitou segui-los na fuga efêmera. Ao menos ele não iria receber um tiro pelas costas.

Gritos chamaram a atenção do homem escondido, enquanto o velho Pedro conduzia os fugitivos. Chegara a hora. Os bandeirantes aproximavam-se, com suas fileiras compostas por portugueses proscritos, mestiços e até mesmo outros negros. Todos eles vinham movidos pelo saque ao rico quilombo. Suas pistolas e espingardas cuspiram fogo e chumbo. Quilombolas caíram. Pedras e flechas foram atiradas contra os invasores, mas muitos bandeirantes usavam armadura no corpo, além de capacetes de ferro. Outros, menos favorecidos da fortuna, vestiam roupas grossas.

Jacó quis sair dali, como que tomado por um estranho sentimento que se recusava a reconhecer como medo, mas tropeçou violentamente. Sentindo uma dor aguda nas costelas, o homem procurou esconder-se melhor onde estava. Nova saraivada de tiros rasgou os ares com violência. O ex-escravo gritou de medo e raiva. À sua volta, quilombolas morriam e matavam, pois haviam se lançado desesperadamente contra as forças dos bandeirantes.

Praguejando contra tudo e todos, inclusive contra aqueles que o haviam abandonado, Jacó sentiu suas forças falharem e a dor ficar cada vez maior. A cabeça do homem pareceu girar violentamente.

Com um piscar de olhos, o negro foi posto de pé. Zonzo e meio cego, Jacó encontrou amparo em um braço muito forte. Um homem muito alto, com uma barba negra comprida, cheia de riscos prateados, se pôs diante do pequeno ex-escravo, como uma grande montanha que fazia sombra a um arbusto franzino. O enorme negro possuía um semblante severo, o mais duro que Jacó vira em sua vida. Trêmulo, o homenzinho percebeu um gigantesco machado de duas lâminas atado às costas do gigante silencioso.

Naquele instante, Jacó caiu de joelhos, pasmo. Sua boca estava aberta, porém, não saía som algum. Xangô observou o campo de destruição à sua volta. Uma força invisível fez Jacó ficar novamente de pé. Com passos largos, Xangô caminhou pelo campo de batalha. Apavorado, Jacó tratou de permanecer junto

do orixá.

Ambos viram que o morticínio se espalhava. Seus olhos encontraram Obaluaê caminhando por entre os escombros, silencioso como sempre. O quilombola percebeu que até mesmo o impassível e misterioso orixá caminhava triste, sob seu manto de palhas. Mais adiante, uma jovem e belíssima negra pranteava uma mulher que morrera abraçada ao filho pequeno, vitimados por balaços.

Perto de uma casa em chamas, uma senhora alta fitava silenciosamente o avanço feroz dos bandeirantes, enquanto lágrimas de luz branca corriam por seu rosto majestoso. Não longe dali, ao lado do poço, uma velha envolta em longos trajes sentava-se em um banco, como se abençoasse os mortos que ali estavam, quilombolas e bandeirantes.

Xangô, com Jacó em seu encalço, chegou à praça onde o rei do quilombo costumava falar com o povo. Lá era o palco da derradeira luta. Jacó, então, teve um vislumbre de alegria no coração pela primeira vez. Ogum estava ombro a ombro com os guerreiros que restavam, e o orixá erguia sua grande espada em desafio. Iansã, bela e terrível, guardava o flanco direito da tropa esfarrapada de defensores. “Se os orixás da guerra estavam ali, havia esperança”, pensou Jacó. “Mas por que o aguerrido Xangô não se juntava aos defensores?”, ponderou o quilombola com o gigantesco orixá ao seu lado.

A tristeza novamente invadiu o coração de Jacó, quando os bandeirantes, quase vencidos pela fúria dos poucos quilombolas, conseguiram derrubar cada um deles à bala ou a golpe de espada. Os defensores foram esmagados. Ogum e Iansã, impassíveis, velaram pelos últimos guerreiros do quilombo, vencidos na carne, mas não derrotados em espírito. Obaluaê surgiu para encaminhar os mortos, e Xangô foi-se dali com seu tutelado.

Chegaram à paliçada que protegia o quilombo. Era a última de pé e que ainda não tinha se tornado uma muralha de fogo. Os canhões dos bandeirantes não a tinham posto abaixo, pois a intenção dos invasores não era permitir que os vencidos fugissem. O fogo devorava casas e alguns pontos do madeiro de forma a impedir a fuga dos quilombolas. Jacó avistou o velho Pedro dando fuga aos sobreviventes por um espaço aberto a golpes desesperados de machado. O ancião gritou de desespero quando um bando de bandeirantes chegou uivando, como se fossem cães avançando contra um pequeno bezerro.

Em um ímpeto de bravura, Jacó deu um passo à frente, com intenção de lutar para que o velho curandeiro pudesse escapar. Xangô, no entanto, pôs sua grande mão no ombro do protegido, imobilizando-o. Imóvel, o ex-escravo viu Pedro empurrar para fora o último menino e, com o próprio corpo, fechar a passagem. Um bandeirante furioso desferiu golpes de espada contra o frágil ancião. Um esguio negro veio correndo da mata. Ele segurou as mãos de Pedro, impedindo que o velho caísse ante a violência dos algozes, que despedaçavam seu corpo. Jacó percebeu que o mais antigo dos quilombolas trazia a mesma expressão serena que sempre o acompanhava. Nos últimos momentos, Pedro sorriu. O velho agradeceu a Oxóssi por ter vindo em seu socorro, e sua cabeça venerável pendeu para trás.

Os bandeirantes empurraram o corpo destroçado de Pedro para o lado. Iriam atravessar a fenda e caçar os fugitivos. Quando o primeiro passou, uma grande cobra escura saltou de um arbusto e fincou suas presas no pescoço do homem, cuja morte foi instantânea. Oxóssi, soube Jacó, não iria permitir que os fugitivos fossem caçados em seus domínios. O ex-escravo percebeu que os bandeirantes recuaram e voltaram para junto de seus líderes. Buscavam saques e prisioneiros que não tinham conseguido escapar.

Jacó ergueu seu rosto para Xangô. Aquele orixá era o Rei da Justiça. Quem mais ouviria as súplicas do ex-escravo? Por que Xangô negara seus pedidos em preferência aos bandeirantes? Lendo seus pensamentos, Xangô fitou o pequeno ser, e uma lágrima surgiu em sua face divina. A lágrima, porém, não rolou. Apontando para cima, em meio às nuvens, o orixá indicou a Jacó, em pranto, pois Oxalá estava presente. Lágrimas de luz, ainda mais brilhantes que as de Iemanjá, rolavam abundantes na face do Rei do Mundo.

— Ouvimos cada prece de vocês — disse Xangô com voz profunda, lembrando um trovão roncando ao longe, no infinito. — Cada lamento. Cada canção de alegria e de tristeza. Nos grandes barcos, estávamos com vocês. Quando eram açoitados, sentimos suas dores.

— Por que não nos protegeram? — indagou Jacó, com um fio de voz.

— Não estamos aqui para sermos o que vocês querem — respondeu Xangô —, mas para amparar seus passos rumo a algo maior do que compreendem. A dor é uma professora amarga, porém eficaz. Sofremos por sabermos que vocês ainda não entendem isso e tomam nosso silencioso amparo e nossa companhia por

despeito e rejeição.

O orixá, então, ergueu novamente sua fronte majestosa e depois se voltou para os escombros, onde bandeirantes e quilombolas jaziam misturados.

— Veja como o sangue é igual! Na morte e no nascimento, todos são iguais! Da mesma forma que esses filhos estão misturados agora na ruína da carne, um dia serão um só povo. O sangue que correrá nas veias desses filhos será o de muitos povos: opressores e oprimidos. Suas vozes serão uma só. O sangue que foi derramado em nome de coisas falsas será lembrado como lição. Assim haverá, de fato, justiça.

Jacó ouviu a grande verdade e ajoelhou-se diante de Xangô. Os olhos do quilombola divisaram Pedro e muitos outros, inclusive bandeirantes que haviam morrido na batalha, sendo levados para muitos lugares, cujas estradas surgiram entre os escombros.

— O que será de mim? — perguntou Jacó a Xangô.

— Irá para onde é de seu merecimento — respondeu o orixá. — Mas há de voltar à terra dos caminhantes do Ayê, à Terra, um dia. E dou-lhe uma missão como um meio de pagar por seus erros e honrar os acertos. Leve a verdade que lhe dei e, na hora certa, a ensine aos homens que se dispuserem a ouvi-la. Não será fácil para você, pois ainda é muito novo na Grande Caminhada, mas nunca estará só. Estarei com você. Sempre.

Xangô então apontou uma estrada para Jacó, e este, cheio de esperança, a tomou.

MARLENE E GUARÁ

Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

(Jo 15: 5)

Marlene sofria muito. Abandonada pelo marido, que a desprezara desde a amputação do seio por conta do câncer, a pobre mulher culpava a todos por sua sorte. Amarga, colecionava azedumes no trabalho e não tinha amigos. De insossa, passara a ser insuportável. Passava o tempo reclamando das imperfeições dos outros. Com o tempo, o apêndice inflamou e teve de ser removido às pressas. A voz ficou rouquenha, e o fôlego tornou-se escasso por conta do fumo excessivo.

Vítima do mundo, Marlene ouviu na televisão um homem gritando: “Aqui você encontra a solução para os seus problemas! Jesus vai derrubar os seus inimigos!”.

Marlene, sem pestanejar, correu para a tal Casa de Religião, onde o homem do programa televisivo afirmava trabalhar, e impressionou-se com as colunas de mármore carrara que conferiam gigantismo ao local.

Várias vezes, a mulher retornou àquele lugar, que estava sempre lotado, investindo boa soma em dinheiro em todas as ocasiões. Gritava por Jesus e pedia a derrubada de seus inimigos. Amarrava-os em nome do Cristo.

Quando, porém, chegou lá sem dinheiro, além do que tinha para a passagem de ônibus, uma bela moça sugeriu que ela doasse seu antigo relógio de pulso.

— Não posso — respondeu Marlene, aturdida. — É herança de minha mãe.

— Então, como espera que Jesus amarre seus inimigos? — indagou a jovem com seu uniforme impecável. — Se você não se sacrifica por Jesus, como Ele se sacrificará por você?

Furiosa, Marlene saiu dali. Caminhando desatentamente pela calçada, acabou assaltada e levaram-lhe o relógio.

Em seus dias de rancor e fumaça, Marlene via sua vida inteira passando. De repente, perguntava-se por que viver. Ninguém gostava dela. Todos a odiavam. “Por que viver?”. A ideia foi tomando forma. Pensar em várias formas e vários locais de suicídio era, para a amarga mulher, um mórbido prazer.

Certa vez, sua tia Iolanda foi visitá-la. A idosa passou pelo canteiro cheio de mato e folhas secas que cobriam a calçada e tocou a campainha da casa da sobrinha que não via havia anos.

Irritada e surpresa, Marlene abriu a porta e deparou-se com a madrinha. Naquele dia, a mulher infeliz planejava matar-se, atirando-se na linha do trem. E lá estava a tia para atrapalhá-la!

Com um sorriso forçado, a sobrinha recebeu a tia, sempre risonha e falante. Iolanda dissera que a saudade da sobrinha a atormentava havia muito e, mesmo idosa e com a artrose a lhe doer, resolvera visitar a afilhada.

Iolanda logo percebeu que algo estranho se passava com a mulher que ela vira nascer e que costumava agarrar sua saia quando tinha medo ou queria um doce. Pareceu à velhinha que a sobrinha era um farrapo humano e nem de longe lembrava a corajosa Marlene.

— Sobrinha querida — disse Iolanda com sua voz vibrante —, hoje à noite irei a um lugar exótico que conheço há muito tempo. Conheci quando me casei com Heitor. E agora que me atrevi a sair de casa, penso em ir lá.

— Bem, a previsão do tempo disse que não vai chover — retrucou Marlene com uma frieza que assustou a idosa.

— É longe, e o táxi sairia muito caro para mim — insistiu a bondosa senhora. — Preciso de ajuda para subir no ônibus.

Marlene já ouvira falar naquele sítio ou lugar exótico que a tia mencionara. Um lugar de macumbas, onde estranhas coisas aconteciam. Depois de conhecer a igreja em que o Cristo mercenário mandava, a mulher não tinha a menor intenção de sair de casa.

No entanto, Marlene reconhecia na velhinha uma criatura simples e bondosa, e em sua boca pareceu surgir o sabor dos doces que a antiga confeiteira lhe dava na infância. De repente, para a mulher infeliz pareceu perigoso que Iolanda fosse sozinha até Pedra de Guaratiba.

— Eu vou com a senhora, tia — disse, por fim, Marlene.

***

As duas mulheres tomaram o ônibus após o almoço. Fazia calor, e a distância foi percorrida após quase três horas de viagem.

Tia e sobrinha chegaram ao pequeno sítio todo murado com paredes brancas e margeado por árvores altas. Os tambores eram tocados fortemente, e um cheiro agradável espalhava-se pelo local. Marlene xingou mentalmente.

Ao adentrarem o grande salão, divisaram homens e mulheres com feições estranhas conversando com pessoas que traziam as angústias estampadas nas faces. Em um canto à direita, um senhor corpulento apoiava em seu ombro direito um machado de cabo de madeira e cuja cabeça, em vez de aço afiado, era feita de pedra polida. Aquele homem de olhar severo era uma visão terrível.

Iolanda sorriu e conversou com um menino magrinho que não devia ter mais do que doze anos. O garoto escoltou as senhoras até onde estava o homem de aspecto feroz. Conforme as mulheres souberam pouco antes, ele estava incorporado com uma entidade denominada Caboclo Guará. Em silêncio, Guará fitou Marlene de alto a baixo, fazendo-a tremer violentamente.

— Você precisa se perdoar. — Disparou o homem mediunizado, com uma voz rouca que parecia ecoar dentro da cabeça da sobrinha de Iolanda.

Guará indicou que as consulentes e o rapaz, que era o auxiliar naquele trabalho espiritual, o seguissem. Passaram por uma imensa mangueira carregada de frutos, e a entidade pegou uma e entregou-a para Marlene.

— Coma — disse Guará.

Marlene odiava frutas, sobretudo manga, mas o olhar do médium incorporado era tão impactante que a mulher comeu, após descascar a fruta com os próprios dedos, que ficaram sujos e amarelados com sumo gotejando entre eles. Guará indicou que as cascas fossem deixadas no chão e que a semente ficaria nas mãos da senhora mais nova. Caminharam mais alguns metros e pararam diante de uma gruta artificial de pedra.

— Cave — ordenou Guará, fitando Marlene nos olhos.

Marlene quase não aguentou o peso do machado que o médium incorporado carregava. Era um objeto formidável, com símbolos esculpidos na madeira negra e na pedra. “Usar esse objeto como enxada é um erro”, pensou a mulher.

Com esforço, Marlene abriu um pequeno buraco no chão duro. Com indicação do caboclo, a sobrinha de Iolanda depositou a semente de manga e cobriu o local.

— Você tem um canteiro de plantas diante da casa — asseverou Guará. — Cuide dele todos os dias.

— Como você sabe?! — exclamou Marlene arregalando os olhos míopes e cansados.

— Volte aqui daqui a uma lua. — Disparou Guará, tomando o pesado machado das mãos da mulher.

O caboclo abençoou as duas mulheres e liderou o caminho de volta. Antes de voltar ao salão, Guará, contudo, voltou-se para as mulheres e fitou diretamente a mais nova.

— Você precisa se perdoar. Pense nisso!

Em silêncio, as mulheres voltaram para a casa de Marlene. Não conversaram a respeito do que havia acontecido no sítio. Pensativa, Iolanda fitava a sobrinha, enquanto Marlene, enfurecida, olhava a paisagem ficando para trás. A tia acabou por dormir na cama da sobrinha, que se acomodou em um colchão sobressalente.

Várias vezes durante o sono, Marlene viu-se na companhia do temível Guará. Não era o homem branco e corpulento que servira de médium entre ela e o espírito do caboclo. A mulher viu-se diante de um índio alto, muito mais forte

que seu “aparelho”. O rosto que estava diante de Marlene não era nem jovem nem velho. Seu ar era severo, mas, de alguma forma inexplicável, era também terno e bondoso. Se a entidade falara com ela nos sonhos, Marlene, no entanto, não se recordava.

No dia seguinte, ao despertar, ela fumou dois cigarros e foi até a calçada. Reparou no canteiro sujo. Arrancou o mato após tirar as folhas secas, enquanto a tia preparava um chá.

Enquanto arrancava o mato, Marlene soltava um palavrão atrás do outro. Por fim, os xingamentos acabaram, e boa parte do mato, estranhamente, permaneceu. Instintivamente, Marlene olhou para o céu sem nuvens.

— Podia ser pior. — Rosnou a mulher com uma gargalhada seca. — Podia estar arrancando capim-navalha!

Ao baixar os olhos, Marlene viu um tímido pé de azaleia no centro do canteiro. Uma relíquia dos tempos em que era recém-casada e Rogério cuidava daquele jardim.

A lembrança do ex-marido doeu-lhe, e lágrimas surgiram em seus olhos, mas não rolaram. Fungando, a mulher arrancou os últimos tufos de mato e jogou um longo jato de água sobre a plantinha mirrada, que acabou solitária no grande canteiro.

Vendo seu trabalho, Marlene sentiu-se suja e exausta. Lembrou-se da semente de manga que plantara no dia anterior.

— Quem é aquele médium que nos atendeu, tia? — indagou a mulher ainda suja de terra, enquanto bebia um longo gole de chá de camomila.

— Nunca o vi incorporado até aquela noite — respondeu a idosa. — É um estivador. Talvez já aposentado, a julgar o tempo que o vejo lá. É um homem muito simpático. Seu nome é Carlos, acho.

Os dias passaram. Diariamente, Marlene cuidava do canteiro. Os xingamentos rarearam até que desapareceram de seu vocabulário. A mulher passou a reparar em outros jardins e começou a ler revistas de jardinagem. No simples canteiro do escritório onde trabalhava, ela deixou de jogar as guimbas de cigarro e passou a molhar as plantas sofridas que ali resistiam e que logo se tornaram viçosas.

Chegou até mesmo a conversar com Paula, a secretária do diretor jurídico, sobre a beleza das rosas e orquídeas.

O pensamento de suicídio, no entanto, permanecia da mesma forma que as palavras de Guará. Ainda não entendia o significado de se perdoar. Em sua mente, era ainda vítima do mundo.

Chegou, finalmente, o dia de regressar ao sítio. Iolanda, com seus passos vagarosos, mas determinados, foi se encontrar com a sobrinha, que não se sentia disposta.

— Não vou abrir outro buraco — disparou Marlene em um muxoxo.

— Guará a espera — disse calmamente a velhinha. — Ou acha que ele não a conhece? Se necessário for, ele virá até aqui. Com ou sem médium! Por isso, é melhor ir.

Marlene, subitamente, recordou-se de que Guará sabia de seu jardim e conversara com ela na mesma noite em que fora até o terreiro.

— Está bem — suspirou a mulher, no alto dos seus cinquenta anos, mas que se sentia uma menina birrenta indo para um lugar contra sua vontade. — Mas não vou abrir buraco algum!

Ao saírem, Marlene reparou na pequenina azaleia, que apresentava inesperadamente uma única flor. Sem disfarçar o sorriso, a mulher abaixou-se e fitou a flor solitária por alguns segundos, enquanto Iolanda tinha seus olhos marejados.

— O que foi, tia? — indagou a sobrinha.

— Nada — respondeu a senhora. — Coisa de gente velha.

Ao chegarem ao sítio, encontraram a mesma cena: Guará, incorporado em seu médium, impassível, no canto mais discreto do salão, alheio a tudo à sua volta.

Em silêncio, a entidade guiou as mulheres e o jovem auxiliar até onde Marlene plantara o caroço de manga. No local havia uma mudinha com duas folhas compridas.

— Você tirou-lhe a casca, comeu sua carne — disse Guará com sua voz possante. — Depois, abriu um buraco que lhe serve de lar. Você criou condições para essa manga romper sua semente dura e buscar Deus.

As duas consulentes fitaram o gigantesco homem mediunizado ajoelhar-se diante da frágil plantinha.

— Todas as noites, a trouxe aqui para cuidar desta planta — prosseguiu o caboclo —, enquanto, durante o dia, seu jardim era cuidado. Aqui, você vê a pequena planta que será uma grande árvore. Mais cedo, sorriu com a bela flor que coloriu seu dia. A árvore alimenta e dá sombra aos seres, enquanto a flor alegra os espíritos que a veem. No seu pensamento para a mangueira, você disse que ela seria grandiosa e pediu à pequena flor cor-de-rosa que ela logo lhe desse irmãs para contemplar, não foi? — O caboclo calou-se por alguns momentos, enquanto lágrimas vertiam dos olhos de Marlene, que concordava com movimentos da cabeça. — Você está aprendendo a amar de verdade, criança. Está criando condições para o crescimento de outros seres e dessa forma você mesma cresce para Deus. Entenda, filha, que nada lhe acontece além do que é capaz de suportar. Tupã, que é Deus, lhe dá condições para crescer mais forte usando o adubo do amor.

— Fui vítima a vida toda — sussurrou a mulher, ajoelhando-se diante do caboclo, que acariciava as folhas do pé de manga.

— O que você define por vida? — questionou Guará em tom firme. — Você é muito velha de espírito e ainda há pouco não sabia amar. Agora, está começando a aprender a amar. Está reconhecendo que a vida é cheia de cores. Amar é cuidar. Amar é perdoar os espinhos e a dureza do chão. Amar é perseverar, arrancando o mato insistente das amarguras da vida. Amar é reconhecer a grandeza das pequenas coisas, como essa plantinha aqui que um dia alimentará muitos.

Houve silêncio. Uma coruja ao longe piou. As estrelas reinavam no céu limpo de nuvens, coroando aquele encontro de amor.

Delicadamente, Guará cavou em torno da mudinha, enquanto o jovem auxiliar estendia um pano branco simples. Com todo o torrão da pequena mangueira nas mãos, o aparelho mediunizado depositou a muda no tecido e embalou-a como um bebê. Em seguida, colocou o fardo delicadamente nas mãos de Marlene.

— Você é a mudinha de manga — disse Guará. — E é também a jardineira dela.

Faça sua parte.

Marlene fitou o embrulho em suas mãos. Era frágil demais, pensou. As mãos fortes do homem incorporado cobriram facilmente as suas, e seu olhar intenso encontrou-se com o dela.

— É difícil mudar — disse ela.

— Sim — respondeu o outro. — Mas, se você quer ser feliz, é necessário. Rompa a casca, filha. Perdoe o mundo. Perdoe a si mesma. Não existem culpados além da própria consciência. Perdoe e deixe a árvore crescer.

— Não sei se conseguirei — retrucou Marlene.

— Estarei contigo — asseverou a entidade.

— Eu estarei contigo também — disse Iolanda, pondo as mãos nos ombros da sobrinha.

— Eu também. — Sorriu o garoto.

Trêmula, Marlene fitou o pacote. Um vento fresco acariciou o rosto de todos ali. Guará ergueu seu poderoso machado e entoou uma melodia em algum dialeto indígena. Via-se no rosto mediunizado toda a luz que o bom tarefeiro trazia.

Depois de algum tempo, Iolanda desencarnou dormindo, mas Marlene nunca deixou de sentir a companhia da amável tia. Nelson, o jovem auxiliar do médium de Guará, tornou-se um homem de bem, amigo para todas as horas de Marlene. Quanto a Carlos, mantido a par da situação pelo guia espiritual, também se propôs a ajudar a mulher. Mesmo quando a idade abateu o velho médium, impedindo-o de incorporar a sábia entidade, Carlos seguia para o sítio, fazendo a caridade de dividir o que possuía, o amor fraternal, e dar palavras de orientação a quem necessitasse.

Marlene, desde aquela noite, passara a sentir-se amada e amou muito. Amava as pessoas, as plantas, a criação de Deus. Sentia a presença de Guará e de Iolanda ao seu lado, e suas alegrias fizeram-na ir além do que jamais sonhara, granjeando amigos encarnados e desencarnados. Seu exemplo de perseverança e fé guiaram muitos outros, que nem mesmo ela jamais saberia enquanto estivesse encarnada.

O TRONCO

Em verdade vos digo: quem não receber o Reino de Deus como um pequenino, não entrará nele.

(Mc 10:15)

Estivera ali por décadas. Atrás da casa-grande e à vista da senzala. Assomava-se sobre degraus de pedra cortada e rumo ao céu. Muitos haviam passado por seus grilhões, em sofrimento. Sangue e lágrimas banharam, em abundância, o madeiro, o ferro e as pedras. Ódio, medo e dor, arrastados pelas vítimas, tinham sido depositados em cada fibra daquele monumento terrível. Todos esses elementos negativos ali despejados deram ao tronco um espírito faminto e cruel, que ali encontrara morada. A fome do tronco era sempre por sangue e sofrimento, e muitas foram as vezes em que os ferros feriram a carne do negro torturado em vez de somente prendê-lo.

O tronco era temido e respeitado. Uma sombra constante na vida dos escravos, dos moços aos velhos, quando estes conseguiam sobreviver às privações, à vida brutal da lida no campo e à fome do vil madeiro. Não raro, as pessoas se desviavam de sua sombra, que se estendia pelo terreiro como uma garra negra e fria.

O feitor, pai e único amigo do tronco, sempre o inspecionava a fim de que ele não sofresse a ação implacável do tempo nem depredações. Com satisfação e fome, o terror dos escravos sentia o toque do feitor, que sempre o usava para conseguir que o exaurido negro desse mais um pouco de seu suor na lavoura.

No entanto, um negro sempre incomodou o tronco. Um jovem esquálido que, logo ao chegar à fazenda, vindo não se sabe de onde, fora atado aos ferros. Com seu sangue rubro e vigoroso, o escravo deu de beber ao tronco. Mas aquele negro não gritou nem gemeu. Nenhum sentimento de ódio ou rancor emanava dele. Nem mesmo o sangue tinha o mesmo sabor dos outros. Pela primeira vez, o tronco não tentou prender sua vítima por mais tempo. O feitor também pareceu perturbado diante daquele negro quase reduzido a um monte de carne disforme.

Quando refeito das feridas atrozes, esse jovem não se desviava da sombra amaldiçoada do tronco. Seu andar era confiante e era sempre o único a se aproximar de algum escravo açoitado no tronco, ainda sob o cruel madeiro. O negro murmurava ao ferido palavras incompreensíveis com um estranho brilho no olhar.

Certo dia, o feitor, pai do tronco, não veio. Os escravos ousaram até sorrir durante o trabalho. Pouco depois, outro homem foi designado para alimentar o tronco. Para o madeiro, na verdade, não importava quem lhe desse sangue e desespero para se alimentar. Só não queria que o atrevido escravo, já grisalho, continuasse a desafiar seu poder.

Anos sem conta correram velozes, e o tronco permaneceu no terreiro da fazenda, faminto e vigilante. Inúmeras foram as noites de agonia, em que o lamento e o pranto de suas vítimas chegaram até ele vindos da senzala. A cantilena do velho negro fazia as lascas do madeiro trincar e as correntes balançarem menos assustadoramente.

Numa tarde chuvosa, houve uma grande gritaria na senzala e nas casas dos empregados. O próprio barão, não o mesmo que ordenara a construção do tronco, mas outro mais jovem, fora até lá com muitos homens armados com pistolas e facões. Até os grandes e ferozes cães vinham presos por cordas. Sob a sombra do tronco, correram crianças e mulheres aparvalhadas e aterrorizadas.

Com empurrões, gritos e xingamentos, o mais idoso dos escravos foi trazido pelos homens do barão até o tronco. O negro, o velho adversário do tronco, foi acorrentado sob as súplicas de todos os negros, até mesmo muitos empregados se juntaram a eles. O velho feitor, o terceiro a zelar pelo tronco, retrucava dizendo que o idoso escravo incitara três jovens negros a fugirem na noite anterior. Diante do barão, o feitor anunciou que descobrira objetos roubados entre os raros pertences do escravo.

Um raio cruzou o céu, no exato momento em que o chicote rasgou a carne do velho. Quando o trovão ecoou, os olhos cansados do homem idoso ergueram-se ao céu escuro. Nenhum grito. Nenhum gemido. Arfante, o velho, conhecedor das ervas e grande consolador na senzala, recebeu outras chibatadas. Seu sangue misturou-se à chuva que caía forte. O povo da senzala, em lágrimas amargas, não arredava os pés. O velho estivera com eles em cada momento de suas sofridas existências. Agora, estariam com ele até o fim.

Mais uma vez, a chibata estalou, e os joelhos de pai Tomé dobraram. O tronco, em vez de regozijar-se, sentiu as lascas partirem e as correntes trincarem. O espírito mau que ali habitava vislumbrou que do alto do céu em fúria vinha todo um povo, liderado por um velho que trajava branco e possuía uma coroa feita de pura luz. Um grande guerreiro, um esguio arqueiro, uma mulher que surgira de um relâmpago ao lado de um nobre que carregava um enorme machado, vinham ao lado do Velho Coroado. Mais atrás, vinham uma velha de rosto oculto e uma jovem grávida de mãos dadas com uma terceira senhora, que parecia ser sua mãe. Se o tronco tivesse boca, teria gritado, pois um homem coberto de palha surgira ao seu lado, com todo o poder e em silêncio. O Velho Coroado balançou a cabeça, e aquele que portava o machado ergueu sua poderosa arma, fazendo todo o mundo reverberar com o terrível trovão que ecoava.

Sem conseguir deter sua sede, o tronco sorveu o sangue de pai Tomé e as lágrimas do céu. O feitor caiu de joelhos, vencido pela tempestade. Até mesmo o barão e os empregados, àquela altura, há muito tinham fugido e encolhiam-se onde quer que estivessem. Os negros rogavam aos orixás para que a morte do querido ancião fosse rápida.

Pendurado pelas correntes que não o queriam, Tomé mal respirava. Como o tronco, o agonizante via os orixás que chegavam em sua glória. Ainda assim, o velho escravo resistia. Ele não iria morrer sem tentar salvar o espírito maligno que habitava o tronco.

— Afaste-se de mim! — gritou a entidade má. — Não o quero!

— Meu sangue foi o último que sorveu — balbuciou Tomé, com um fio de voz. — Que aqui nasça um lugar de redenção e paz.

Ao proferir essas palavras, o escravo morreu. Seu corpo, liberto do grilhão, caiu aos pés do madeiro, enquanto o feitor corria para nunca mais voltar.

Tomé foi erguido por mãos invisíveis, e um caminho verde e dourado surgiu diante dele. Os orixás saudaram-no. O antigo escravo não sentia mais o peso da idade nem as dores que lhe rasgaram o corpo frágil. Olhando para trás, Tomé viu os negros da senzala pranteando sua morte, orando e pedindo que o velho continuasse a protegê-los no Orum. Sorrindo, pai Tomé seguiu pelo caminho verde sabendo que um dia voltaria.

O tronco, banhado pelas chuvas e pelo sangue do velho, não sentia mais sede.

Suas correntes trincaram e caíram aos pés do corpo inerte do morto. A tempestade cessara. Machados surgiram diante do madeiro, irados e vingativos, enquanto mãos gentis e magras carregavam o corpo de Tomé para dentro da senzala. Nenhuma lâmina, contudo, tocou aquele que aprisionara o velho escravo em seus derradeiros momentos de vida. Pela manhã, de céu limpo e ar perfumado, Tomé foi enterrado junto à jaqueira, onde costumava ensinar sua sabedoria bem à vista do tronco.

Sem propósito, o tronco, que não sentia mais sede e fome, percebeu uma nova vibração chegar até ele. Flores brancas surgiram pelas frestas das pedras e pássaros ousavam pousar nele. As pessoas não desviavam mais de sua sombra. Crianças sentavam-se em seus degraus para brincar.

Certo dia, a senzala gritou em alegria. Sob o olhar do velho madeiro, os negros foram-se para nunca mais voltar, em meio a cantilenas e risos. Depois, os empregados foram-se da vila, e até mesmo o velho barão não fora mais visto.

O capim cobriu o terreiro, e o tronco viu-se só em meio ao verde e aos pássaros. Depois de um tempo, surgiu um homem encurvado, de grande chapéu de palha, que permitia somente a visão de uma longa barba branca. Sozinho, o estranho capinou o terreiro e ajeitou as construções. Sempre que passava pelo tronco, o velho de chapéu cumprimentava-o com um aceno.

Após um tempo, quando tudo estava limpo e arrumado, o estranho ancião se foi. Pouco depois, um grupo de pessoas negras, pardas e brancas chegou ali. Maravilhadas com o lugar, ocuparam as casas, menos as ruínas da casa-grande e da senzala. Onde antes reinara pranto e gemidos imperavam agora vozes alegres e cheias de esperança.

Depois de contemplar demoradamente o tronco silencioso, uma idosa chamou seu filho e sorriu para ele em uma muda solicitação. O homem entendera de pronto o pedido de sua mãe e buscou pregos, martelo e outra tora, além de ripas. Cânticos jubilosos elevaram-se ao céu, quando o antigo tronco foi transformado em uma cruz.

O antigo espírito no tronco conseguiu sentir a luz proveniente das almas dos que estavam diante dele, mas não podia dar um nome àquela sensação que lhe dava alívio. Nesse momento, caminhando entre as pessoas, surgiu o velho homem de barbas brancas e grande chapéu de palha, que ergueu sua cabeça diante da cruz,

revelando um rosto marcado e iluminado.

— Não é mais o tronco da dor e do sangue — disse Tomé diante do madeiro. — É a cruz do Senhor! Agora sim, você conhece o Amor! Graças a Deus!

Finalmente, o antigo espírito que habitara o tronco, cansado do sofrimento autoimposto, sentiu o amor tocá-lo. Carregado nos braços por Tomé, o espírito sofrido contemplou a cruz e nela viu sua cura.

— Para onde irei? — indagou o espírito nos braços de Pai Tomé.

— Irá comigo para um local de paz e aprendizado — respondeu Tomé, com brandura. — Mas há de retornar a esse mundo para levar a cruz da salvação àqueles que se comprazem com o sofrimento de seus irmãos.

ARAÇARI

E maravilhavam-se com o seu ensinamento, pois os ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei.

(Mc 1:22)

Contemplava a alvorada que chegava. A brisa fresca tocava seu rosto austero, e seus olhos escuros perdiam-se na luz que vinha do horizonte. Vivera muitas vezes na Terra, fora vítima e algoz, e seus feitos mesclavam-se em sua memória. Aprendera com quem mais sabia e, dentro do que podia, ensinara aos de situação menos desenvolvida.

Agora seria diferente. Sua responsabilidade seria ainda maior. Sabia ele, porém, que os comandantes não iriam designá-lo para uma tarefa que não pudesse cumprir. Dependia, entretanto, de outra parte, que regressaria à Crosta para a mesma missão.

O reencarnante, sob a tutela da entidade, tinha pela frente uma longa estrada a percorrer no caminho. No entanto, cabia ao sábio espírito que contemplava o amanhecer a coliderança na missão. Outros espíritos de vários graus de evolução se juntariam naquela dura tarefa. A austera entidade recordou-se da roda das encarnações que o envolvia e o homem que renascia, além de um outro espírito que permaneceria junto ao encarnado.

O nobre espírito estava certo ao assumir a aparência indígena de uma das vidas passadas, em prol do simbolismo que seu tutelado precisava compreender, já que este fora sempre movido pelo preconceito, pela cobiça, pela inveja e pelo ciúme. Assumiria ainda o nome de uma bela ave, cujo nome era Araçari. O espírito que permaneceria ao lado do encarnado adotaria um nome, Guardião Tranca-Ruas, que possuía também seus significados.

O encarnado, base da tarefa, receberia muitos encargos a pedido dele próprio para resgatar os pesados débitos contraídos ao longo das vidas na Crosta. Era um espírito rebelde e deveria ficar sob as rédeas do Caboclo Araçari para poder

atingir a vitória.

Ao longo do caminho, o encarnado receberia o auxílio de outros espíritos, mas também o desprezo e a inveja de outros encarnados e desencarnados que iriam tentar derrubá-lo da missão. As chances de vitória eram poucas. O caboclo sabia que o encarnado, que recebera o nome Júlio, se preparara longamente na aldeia, ou colônia, como alguns preferiam chamar o lugar de aprendizado em que fora elaborada a missão que se iniciava naquela manhã. O esforço coletivo a serviço da Luz iria triunfar desta vez, acreditava a sábia entidade.

Araçari e Tranca-Ruas testemunharam a chegada de Júlio ao mundo denso em meio à pobreza material. A família que aceitara o missionário fora uma das incontáveis vítimas dele, no pretérito distante, e os pais do transgressor esperavam há muitos anos a chance de ajudar o delinquente em sua regeneração. Júlio seria acolhido numa casa em que os ensinos do Mestre Jesus, ainda que com esforço, eram praticados. Por determinação de Araçari, o exu velaria pela criança, protegendo-a da vingança dos adversários do Astral, auxiliado pelos outros protetores da família.

O menino cresceu sob a tutela dos espíritos e dos pais, e as provas pelas quais passou, ainda na infância, foram duras. Seu pai, conforme fora designado, faleceu. Sua mãe, alma abnegada, adoeceu em sequência, cabendo ao menino prover a família. Severo, o espírito cobrava esforço ao jovem em seu curto sono e, embora parecesse sempre indiferente às lágrimas da criança, a entidade vertia com ele cada lágrima, pois amava-o imensamente.

O menino tornou-se um homem. Sofrido, era verdade, mas conhecedor do seu lugar no mundo. No tempo combinado, Araçari apresentou-se a ele, quando este estava em seu pleno funcionamento mental na matéria. O caboclo vinha informar que a carga iria aumentar. O jovem soube que sofredores de todos os tipos, encarnados e desencarnados, precisavam de auxílio em nome de Deus, ou Tupã, conforme a entidade às vezes dizia. Era através dos gestos de amor de Júlio que Deus seria lembrado e honrado. De joelhos, o jovem ergueu seus olhos para o céu e pediu forças. Nesse momento, o encarnado sentiu o peso da mão de Araçari em seu ombro direito, enquanto Tranca-Ruas se fazia ver pelo lado esquerdo, pronto para o serviço. Por detrás do caboclo, vinha um velho negro chamado João, de passo lento, mas circundado por grande luz branca. Muitos outros achegaram-se ao grupo liderado por Araçari, e, diante disso, em lágrimas de alegria e coragem, Júlio apenas sorriu. Todos sabiam que a luta seria ainda

mais difícil.

Inimigos surgiram procurando as fraquezas de Júlio, e, quando este se tornou mais forte moralmente, os entes queridos do antigo delinquente tornaram-se os alvos. Mais maduro, Júlio conheceu a viuvez e viu sua filha mais velha sucumbir às drogas, mas nem assim o médium se entregou ao ódio e ao desespero. Com amor, o pai lutou pela filha, e imensa foi aquela luta. Por fim, a filha, amparada pelo pai, encontrou o caminho da luz e deixou o vício.

Os adversários, então, trouxeram uma prova terrível para Júlio: a riqueza e fama. O exu, conhecedor das fraquezas pretéritas do protegido, preocupou-se profundamente. Buscando conselho com Araçari, Tranca-Ruas foi orientado a silenciar-se perante Júlio. O médium, no entanto, perseverou.

Quando Júlio atingiu a plenitude física, seu mentor anunciou que mais uma etapa deveria ser cumprida. Sua casa, pequena e modesta, abrigo para sofredores, deveria crescer. Sua família, composta por antigos devedores e credores, iria ajudá-lo na seara. Outros espíritos se juntariam ao trabalho. Suor e lágrimas foram impostos a todos, inclusive a Araçari. Muitos dos encarnados que acompanhavam Júlio na jornada fracassaram, e o médium líder sofria com a queda deles imensamente, e seu coração pranteava largamente pelos perdidos.

O Velho João preocupou-se. Até mesmo Araçari estava em alerta. Mais de uma vez, as duas entidades alertaram o médium, que balançava cada vez mais com as perdas dos companheiros encarnados. Os adversários exultavam e anteviam a derrocada de Júlio.

A essa altura, a casa de caridade liderada pelo médium estava esvaziada pela malícia e pelo ego dos encarnados. Nem mesmo os filhos de sangue de Júlio tinham escapado da sanha dos inimigos. Certo dia, ninguém fora ajudar o já envelhecido médium no trabalho de caridade. Era, para Araçari, a hora da verdade. O grande momento do teste de Júlio. Na calçada, muitos enfermos do corpo e da alma precisavam do bálsamo que o médium era encarregado de trazer. Diante da falange de luz que lá estava, Araçari ordenou a todos que fizessem silêncio e aguardou a resposta do amado pupilo.

O homem de cabelos encanecidos, vendo-se só na matéria, voltou seus olhos úmidos para a imagem de gesso de Cristo, o modelo máximo a ser seguido, então, seu coração explodiu em luz branca. Não fraquejaria. Com um brado

guerreiro, Araçari abraçou o aluno, e o trabalho começou. Ninguém deixou de ser atendido.

Não tardou, porém, para a saúde de Júlio começar a declinar, conforme era esperado. O coração material enfraqueceu, e sua vista tornou-se turva. As mãos encarquilharam e perderam a força. Outros encarnados, comovidos pelo amor que movia o protegido de Araçari, surgiram e até mesmo alguns desgarrados voltaram.

Os médicos da Crosta diziam para o velho médium desacelerar os trabalhos, e Araçari começou a concordar com eles, mas Júlio, conhecedor de seu pesado débito, recusava o descanso. Usava seu livre-arbítrio para trabalhar. Não poderia deixar alguém sem alento.

Araçari piscou. Estava diante de uma alvorada que chegava, semelhante àquela que Deus enviara para marcar o início da missão de Júlio. Agora, entretanto, aquele nascer do sol trazia o encerramento da missão. O caboclo percebeu que Velho João estava atrás de si, e não Tranca-Ruas, pois este estava em outro lugar, cumprindo seu papel até o fim como deveria ser. O sábio espírito, que trazia a aparência de um frágil ancião negro, na verdade um luminar de amor e sabedoria, esperava pela entidade que arquitetara a missão que se encerrava. Em silêncio, Araçari trocou um olhar com João, e ambos foram se reunir com o velho médium.

Uma grande multidão espiritual enchia a pequena casa do velho médium anexa ao terreiro. Muitos ali tinham recebido auxílio por meio de Júlio e estavam lá para o grande momento. Outros, como os pais carnais do antigo delinquente, foram ao doce reencontro. Diferentemente da oportunidade anterior, quando o médium usara seu vasto poder mundano somente para si próprio. Júlio, naquela chance perdida, morrera sozinho e torturado nos calabouços dos inimigos, que se vingaram de seus desmandos implacáveis.

Com a chegada do índio, a multidão espiritual silenciou. O próprio médium, pressentindo o momento derradeiro, tratara de deixar os assuntos da Terra em ordem e rumou para sua cama, pronto para o desenlace. A doença quebrara-o, exceto na luz do olhar. Nenhuma barreira física, contudo, impediu-o de se ajoelhar no chão do aposento humilde, e, em sua prece, ele agradeceu. Apenas isso. Fizera o que pôde. A multidão de espíritos entrou em prece. Luzes de vários matizes inundaram o lugar que então se tornou gigantesco. Quem tivesse olhos

para enxergar veria a pequena casa, no pobre subúrbio, brilhar como a estrela mais brilhante do céu.

O velho médium deitou-se. Seus olhos cerraram, e sua respiração, já suave, foi sumindo. O espírito de Júlio levantou-se ainda de olhos cerrados. Araçari, com gentileza, amparava o amado pupilo e irmão. O caboclo perguntava-se o porquê de o protegido não abrir os olhos, e os olhos negros e cintilantes do mentor marejaram quando percebeu que o médium temia ver o fracasso da missão. Então, o recém-desencarnado ouviu a prece da multidão sendo proferida e lentamente abriu os olhos para que soubesse sua sorte. Suas lágrimas, que correram por seu rosto, eram como gotas de luz, e uma explosão de alegria surgiu quando mentor e pupilo se abraçaram sob as bênçãos celestes.

Com um vigoroso abraço, Júlio abraçou Tranca-Ruas, que, silencioso e austero, estava no canto mais afastado do lugar agigantado. Com uma profunda reverência, o médium curvou-se diante de Velho João, que fez o mesmo ao vitorioso, e cada um dos presentes cumprimentou o espírito que abandonava a Crosta. Nenhum outro espírito, que não Araçari, no entanto, recebeu maior cumprimento de Júlio: a gratidão em sua mais perfeita expressão, o amor.

Abraçados, Araçari e Júlio caminharam pelo corredor aberto pelos espíritos que lá estavam, na direção de Aruanda. Em breve, Júlio e Araçari retornariam, pois enquanto houvesse sofrimento não poderiam se furtar ao trabalho do Amor.

A TEMPESTADE

Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar. Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam.

(Mt 6:19-20)

Perdera tudo. Seus bens, outrora inúmeros, tinham se ido em meio aos excessos da carne. Sua família, que antes não fora prioridade, também se fora, arrancada da vida pelo terrível acidente que poupara o homem arruinado. Apagado, ele observava com olhos semimortos as revoltosas ondas que arrebentavam no cais de madeira onde estava. O céu de chumbo era um reflexo da alma torturada daquele homem comum, sem nome.

Em sua desgraça, não percebia que estava encharcado até os ossos e que suas vestes, de fina confecção, estavam esfarrapadas. Os cabelos grisalhos, que resistiram aos anos e ao tormento de sua existência, escoiceavam com a fúria dos ventos da tempestade que vinha pelo mar.

— Que o mar me trague — desabafou o homem vencido, cheio de desprezo e desafio.

— Por quê, tio? — indagou uma voz infantil.

Ao se virar, o atormentado deparou-se com um menino moreno e de grandes olhos negros, que sorria. O garoto colocou-se ao lado do homem e logo ficou tão encharcado quanto o sofredor.

— Saia daqui, moleque! — ralhou o homem. — É perigoso ficar aqui!

— Então, por que nós dois não saímos? — retorquiu o menino, ainda sorrindo.

— Fedelho abusado! — gritou o sujeito, erguendo seu punho em tom de ameaça.

— Fora!

— Tio — continuou a criança, no alto dos seus sete anos —, por que está chorando?

— Eu não choro! — respondeu o homem. — É a água do mar!

— A lágrima é tão salgada quanto o mar. — Interrompeu o menino, com ar matreiro. — Vai ver é por isso que não percebeu que está chorando.

Com um grunhido, o homem tentou afastar o menino, mas este permaneceu onde estava. Trovões ribombavam. As ondas assumiram ainda mais estatura, e a estrutura de madeira do cais gritava em convulsão. Os olhos cansados do homem torturado por si mesmo voltaram-se para o garoto. Como ele chegara ali? Sendo tão criança, como não temia aquele lugar?

— Menino — disse o atormentado —, este lugar vai cair no mar. Sua mãe está esperando-o. Imagine que ela deve estar preocupada com você.

— Verdade — respondeu o garoto, solene. — Mamãe e papai, com certeza, estão preocupados. Eles ficam tristes quando sofremos.

— Pois então! — O homem percebeu que estava convencendo a criança. — É melhor ir embora e acabar com a preocupação deles.

— Só irei se o tio for comigo — retrucou calmamente o menino. — As lágrimas do seu coração não são maiores do que a dos outros. O tio culpa o mundo. Culpa o Papai do Céu por suas perdas, mas a culpa não é do Papai do Céu!

— A culpa é minha então?! — gritou o homem, e nesse momento uma onda quase o derrubou no chão de madeira. —Nunca roubei ou matei! Trabalhei honestamente! Perdi meu dinheiro e minha família!

— Tio — disse o garoto, sério —, acho que você está enganado. A prova disso é justamente o fato de ter usado o que não era só seu. Sempre trabalhou honestamente? Procurou sempre o alto lucro e o acúmulo, isso bem fez. Depois, gastou a fortuna no jogo e nos braços de outras mulheres. Sua família, que sofria com sua ausência e tirania velada, estava sempre sendo espoliada, roubada. Não roubou dinheiro, mas um bem mais valioso, não é? Quando seu trabalho foi devorado pela luxúria, tio, sua família esteve ao seu lado. Sua companheira, que

sabia de tudo o que você fazia, orava para sua luz antes dela mesma.

Relâmpagos rasgavam o céu. Vindos do alto, os dedos de eletricidade voltavam-se para o homem e o menino, perdidos naquele canto esquecido do mundo. Perplexo, o homem encarou o garoto. Sua face marcada e sofrida estava ardendo de dentro para fora. Suas mãos agarraram-se ao parapeito de madeira, que sacolejava convulsivamente.

— O que é você?! — exclamou o sofredor, pois uma criança não falava daquele jeito, nem ninguém — ou quase ninguém — sabia de suas ações na vida privada.

— Tio, se lembra de quando conheceu a tia? — Sorriu o menino.

Imediatamente, o homem viu-se jovem, com vasta e escura cabeleira. Era verão, e ele, a pedido de uma senhora, pegava um sapoti para a netinha dela. Foi quando passou Heloísa, de vestido azul-claro, cheio de flores, caminhando pela calçada. O cabelo dela, escuro e liso, ia preso por um arco. O perfume da moça fez o peito do então jovem encher-se de um sentimento que não era lembrado por longo tempo.

— Tio — prosseguiu a criança —, se lembra do nascimento dos seus filhos?

O homem, novamente envelhecido, não estava quando cada um dos seus três filhos chegou ao mundo. Estava sempre no trabalho, imerso em contas e recebimentos. Mas lembrou-se da emoção de segurar os pequenos pela primeira vez, sob os olhares da esposa. Com rapidez, o torturado viu-os brincando ao longe e percebeu que nunca dera um sorriso para eles. Jamais conversara com os filhos. Aquela verdade feriu-o mais do que qualquer outro golpe.

— Eles foram seu maior tesouro, tio — disse o garoto. — O mais valioso dos bens do mundo. Só quando o senhor os perdeu, viu que tinha, de fato, ficado pobre.

— Se nada tenho, por que viver? — indagou o homem.

— Você tem que viver para ficar rico de novo, oras! — respondeu calmamente o pequeno menino, com simplicidade.

— Riqueza nenhuma trará minha família! Nenhuma! — exclamou o homem. — Nenhum abraço de cabaré me confortará!

— Sua família, certamente, não voltará nestes tempos — retrucou o garoto, com a franqueza típica das crianças. — Mas e a outra parte de sua família que permanece na Terra, que é muito grande? Tio, você tem muito trabalho!

— Que família? — Devolveu o homem, irritado.

O cais, de repente, corcoveou como um cavalo de rodeio sob as esporas inclementes do peão de boiadeiro. A tempestade tornara-se tão forte que o infeliz homem caíra de joelhos diante do menino, que permanecia sereno ante a ira da natureza. A qualquer momento, a estrutura de madeira seria destruída.

— Tio, até você se encontrar com sua família — disse o menino —, cuide de cada criança, cada senhora desvalida. Estenda suas mãos fortes para cada necessitado. — O garoto contemplou a tempestade que açoitava aquele canto do mundo. — Não pode recuperar o tempo que perdeu, porém, pode usar o que lhe resta nesse trabalho. Cada criança com quem brincar, cada sorriso que lhes der, será para seus filhos, que estarão sorrindo! A cada senhora que você consolar, será o mesmo que consolar sua esposa.

— O que pensarão de mim?! — exclamou o homem, balançando a cabeça diante daquela ideia estúpida de consolar quem não conhecia.

— Isso importa? — respondeu o menino, rindo. — Além disso, seu novo trabalho servirá para outros, que, como você há pouco, não sabem reconhecer a verdadeira riqueza que possuem!

O homem calou-se diante do menino. Por um momento, esqueceu-se de sua família e até da tempestade. Nesse momento, um trovão ribombou, e o cais de madeira começou a ruir diante da violência das águas. A criança, finalmente com medo, tropeçou e caiu na direção das águas revoltas. No instante em que o garoto seria tragado pelas ondas, o homem agarrou-o pelos braços.

— Você não vai cair! Chega de perdas! — gritou o homem.

Saltando nas tábuas que se soltavam, o homem escapou do cais, levando consigo o pequeno nos braços. Quando, por fim, alcançaram a terra firme, o cais foi tragado pelas ondas, e o vento forte derrubou o homem. Usando seu corpo como escudo, ele protegeu o garoto do vento e das águas, que tinham alcançado a faixa da praia e a açoitaram violentamente por longo tempo. As ondas salgadas batiam no corpo daquele homem, que desafiara a tempestade. Uma delas chegou a

acertar precisamente os dois, mas eles não foram tragados nem esmagados e permaneceram onde estavam, enquanto toda a praia desaparecia.

Após a demonstração de força, a tempestade, contudo, amainou. Raios de sol cortaram as nuvens, e as ondas baixaram sua estatura e ficaram menos encrespadas. O cais desaparecera por completo. A alvorada do novo dia chegava luminosa e purificada. Com lágrimas nos olhos, o homem testemunhou o nascer do sol de mãos dadas com o menino.

— Veja, tio! — exclamou a criança. — O sol nasce! Todos os dias, Papai do Céu nos dá a lição do renascimento! Seja o sol, tio! Ilumine a todos com sua luz!

Renascido, o homem levantou-se e ergueu o menino nos braços. Sorrindo, os dois tomaram a estrada que se erguia diante deles para um novo começo.

A ENCRUZILHADA

Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.

(Mc 2:17)

— Faça!

— Não faço!

— Faça!

— Não!

A discussão ia longe. A noite fria de inverno parecia ainda mais escura, sem lua nem estrelas. A luz do único poste da encruzilhada parecia ainda mais mortiça do que deveria ser.

— Faça! — Insistia o homem, de olhos esbugalhados e arfante, irado. — Eu vou lhe pagar!

Uma gargalhada ecoou pela noite fria, fazendo o pequenino sujeito zangado encolher-se. A capa do outro esvoaçou ao sabor da brisa, enquanto as longas e aparadas costelas eram alisadas por mãos enluvadas de negro. Ao término da risada, o semblante tornou-se severo. Implacável, de fato.

— O que sabe sobre pagamentos? — indagou o homem alto e de trajes elegantes, semiocultos por uma capa negra. — Acha mesmo que pode me comprar? Comprar a mim?

— Trouxe cachaça! Galinha! — disse o sujeito, tentando não parecer amedrontado. — Quer mais? Diga! Eu pago seu preço!

O vento novamente correu frio. Muito frio. O homem de capa pareceu ainda mais alto e terrível. Tremendo, o homenzinho encolheu-se ainda mais.

— Me toma por um desses perdidos que aceitam vil pagamento — retrucou o homem severo. — Estes que se alimentam de restos e patacas! Tolo! Acha mesmo que pode me pagar com pinga e sangue?

— Ora, sempre ouvi dizer que vocês gostam de cachaça e sangue — resmungou o homenzinho. — Se quer outra coisa, tudo bem.

— Pinga, sangue ou qualquer outra coisa servem apenas para abrir o apetite dos atrasados. — Continuou o cavalheiro alto, em tom professoral, como se não tivesse ouvido as palavras anteriores do outro: — O que os perdidos usam para se alimentar é o próprio ofertante. Eles se alimentam de você, idiota!

— Não é possível! — exclamou o homem tacanho. — Não é o que dizem! Eu quero aquela mulher e a terei!

— E a que preço? Uma pinga? — Riu de novo o cavalheiro. — Acha mesmo que pinga atrai coisa boa, como o amor? O que acharia se fizessem o mesmo com você? O que, aliás, seria um despautério, já que é feio, burro e pobre de espírito e de cobres. Mas tente imaginar, com essa mente limitada, que uma mulher viesse até esta encruza, munida de um frango apavorado e um litro de cachaça vagabunda. Imagine essa mulher vindo pedir sua amarração ou até mesmo sua morte. Você iria gostar?

— Eu sou protegido! — gritou o pequeno sujeito, com voz esganiçada. — Meu corpo é fechado!

Mais rápido do que o piscar dos olhos, o homem caiu no chão, de joelhos, derrubado por uma mão invisível. Em um único segundo, a garrafa de pinga estava nas mãos enluvadas do cavalheiro. Silêncio.

— Não existe corpo fechado para você — retrucou o cavalheiro, caminhando para o centro da encruzilhada. — Poucos possuem corpo fechado. Você não tem os elementos necessários para tal prodígio. — Um sorriso largo surgiu em seu rosto duro. — Quer saber o que é necessário para fechar o corpo?

— Em troca de quê? — indagou a criatura mesquinha, cheia de suspeitas. — Não venderei minha alma!

— Há pouco, estava aqui querendo vender sua alma miserável para mim — respondeu o outro. — Mas não! De que você me serviria? Quer saber ou não?

— Sim, quero saber — disse o homenzinho.

— Fechar o corpo requer sacrifício, não é fácil. — Continuou o cavalheiro: — É perseverar para vencer. Você, ainda nessa carne fétida, poderá vencer onde fracassei quando tive a chance.

O vento cessara. O frio amainara. O amanhecer estava prestes a chegar.

— Para fechar o corpo — disse o Guardião —, é necessário que aprenda o significado da caridade. Caridade é compaixão. É ter uma fé inabalável no Pai Maior. Fechar o corpo é aprender com os erros e seguir rumo ao Pai Maior. É um caminho duro. Eu, que sou exu, não sirvo para satisfazer aos desejos deste ou daquele. Estou aqui para ajudar na luta honesta. No bom combate. Caso aceite fechar o corpo a serviço de Deus nosso Pai, terá minha ajuda. Caso contrário, siga sua sina. Vá buscar outro que lhe devorará num amargo fim.

O espírito silenciou. O outro engoliu em seco e refletiu. Caridade e compaixão eram palavras já ouvidas por ele e sobre as quais nunca refletira. Jamais imaginara que ouviria um exu falar de Deus. Entretanto, aquele exu não pedira sua alma nem nada absurdo, que o violentasse. Pelo contrário, o exu queria que ele apenas fizesse o que sua mãe tanto ensinara e que levara ao túmulo com a certeza ilusória de que o filho era um homem bom. Ele mesmo sabia que não era um bom homem. Era egoísta, vingativo e invejoso. O que o exu queria era apenas que ele fizesse o bem e se voltasse para Deus.

Então, o homem perguntou-se como seria sua vida se fosse mais compreensivo e solidário. Naquele instante, chegou uma palavra: fraqueza. Como se lesse os pensamentos do outro, o exu balançou a cabeça.

— O que é ser fraco? — indagou o cavalheiro.

Imediatamente, o homem relembrou as palavras do exu, a revelação do segredo para fechar o corpo e comparou-as ao seu conceito de fraqueza. O homem ergueu seus olhos para o exu, que era uma estátua escura diante dele, no centro da encruzilhada.

— Eu aceito, exu — disse o homem. — Quero ver se esse negócio de fechar o corpo funciona.

— Estarei ao seu lado, então — retrucou o outro. — Nos bons e nos maus

momentos, você será testado com vigor. Eu, Exu Sete Encruzilhadas, o acompanharei até que aprenda a fechar o corpo. Será candidato à verdadeira felicidade.

O homem sorriu. Esquecera-se da mulher. Ainda não compreendia direito as palavras que o exu dissera, mas ao menos iria tentar. Ele não reparou no raio de luz branca, vindo do alto e não do horizonte, que era capaz de suplantar a luz do poste, naquela encruzilhada deserta.

O PREÇO

E sereis odiados por todos por causa do meu nome; mas quem perseverar até ao fim será salvo.

(Mc 13:13)

Mal conseguia respirar. Em sua fuga pelos estreitos caminhos que serpenteavam por entre choupanas e barracos, carregava o precioso embrulho. Seu peito ardia. Ainda assim, mesmo sem fôlego, não se permitia parar. Se desistisse, o preço seria doloroso demais. Além de ser pego, perderia seu maior tesouro.

No meio da favela havia uma encruzilhada estreita, escura e suja. Olhando para todos os lados, Lucas foi em direção à encruzilhada. Seu peito ardia ainda mais violentamente.

— Alto! — disse uma voz áspera.

Agarrado ao pacote, Lucas viu que um homem saíra do canto esquerdo da encruzilhada, onde era mais escuro. Era alto e trajava vestes negras, elegantes, que contrastavam com sua cor mulata. Não era o policial que o perseguia.

— Saia da frente! — gritou Lucas, olhando repentinamente para trás.

— Eu disse: alto! — vociferou o homem de negro. — Para onde vai?

— Não interessa! — retrucou Lucas.

— Até me dizer, não passará. — Disparou o outro.

As pernas de Lucas pareciam feitas de chumbo. Seu peito ardia cada vez mais. Súplice, o angustiado levantou seus olhos úmidos para o homem de negro.

— Tenho de levar esse remédio para meu filho — balbuciou Lucas.

O homem de negro não esboçou reação. Um cachorro atravessou a encruzilhada

calmamente.

— Você sabe o preço que lhe custará? — indagou o estranho.

— Não vou deixar meu filho morrer! — bradou o pai desesperado. — Saia do caminho!

— Você se rebaixou! — disse o enigmático sujeito no meio da encruzilhada, e sua voz era cheia de lamento. — Faltou fé.

— Fé? — repetiu Lucas. — Eu sempre amei Deus e me esforcei para seguir os ensinamentos de Jesus. Cultivei meu lar como a mais bela flor do Jardim da Vida! — Lágrimas sobrevieram ao rosto atormentado do homem em fuga. — Ora, levei esperança para os desesperados! E, quando precisei de Deus, onde estava Ele?! Meu filho está à morte!

— E você roubou após ferir um homem inocente — interrompeu o outro. — Pode ter levado esperança para as pessoas, mas não tinha nenhuma dentro de seu coração. Hipócrita!

— Quem é você para me julgar? — retorquiu Lucas. — Meu filho está morrendo!

— Lucas, você sofre mais do que seu filho por não ter fé nem esperança — retrucou o estranho. — Seu filho, resignado, volta seu coração para Deus! Enquanto você O abandonou...

— Eu tenho de levar o remédio! — alarmou-se o ladrão. — Os guardas estão em meu encalço, eu sei! Não me julgue!

— Só sua consciência o julga — anunciou o homem de negro. — Você sabe muito bem que a pena é mais pesada para aqueles que conhecem as Leis do Pai!

Com um rugido, Lucas conseguiu avançar uns passos à frente, indo cair aos pés do estranho. Auxiliado pelo outro, o ladrão pôs-se de pé, agarrado firmemente ao pacote.

— Uma mãe e um pai movem montanhas por seus filhos — disse calmamente o estranho —, mas não sozinhos. Não sem a permissão de Deus.

— Onde está Deus que não ajuda meu filho? — inquiriu o sofredor.

— Deus está aqui, cego de espírito! — ralhou o homem de negro. — Como professa os ensinos de Cristo, se não os pratica? Não sabe que tudo tem um propósito? Você e seu filho estão sendo testados em prol do seu progresso moral. Em prol da evolução de vocês! Seu filho, uma criança na matéria, é vitorioso. Já você... Porém, mesmo em seu fracasso, Deus o atendeu, Lucas. — O estranho tomou facilmente o pacote das mãos do ladrão, que chorava abundantemente. — Você não entende que Deus atende às preces, não da forma que nós, imperfeitos, queremos, mas sim da forma de que precisamos!

— Não entendo — murmurou Lucas.

— Você rezou ao Pai por socorro — explicou o outro. — Pediu por misericórdia para seu pequeno filho, então, você foi testado e fracassou. Seu coração dolorido se voltou para as más influências. Não quis ouvir a resposta do Pai e saiu para roubar o remédio caro. Um Emissário da Luz tentou detê-lo às portas da farmácia, mas você nada enxergava... Quando suas mãos agarraram o pacote, outro Emissário de Deus, encarnado, chegava à sua casa com o remédio esperado. Se tivesse consultado seu coração, filho, teria encontrado a resposta pela qual tanto ansiava...

— Meu filho tem o remédio! — exclamou Lucas. — Graças a Deus!

— Sim — concordou o homem de negro. — Graças ao Pai.

— Me entregarei à Justiça — anunciou o ladrão. — Sei que errei e vou pagar.

— Lucas — redarguiu o estranho —, a justiça dos homens não o alcançará.

Nesse momento, os olhos de Lucas baixaram até o peito, e ele viu a camisa empapada de sangue. Atrás de si, um rastro que fazia o percurso até a farmácia. O policial o baleara quando arremessara uma pedra portuguesa nele. As pernas fraquejaram novamente, e Lucas caiu. A garganta ficou seca e apertada.

— Esse é o preço — sentenciou o homem de negro.

— Meu filho ficará bem? — indagou o agonizante.

— Sim — respondeu o outro. — Ele o ama muito, e as preces dele e de sua

esposa irão ajudá-lo bastante. — O estranho ajudou Lucas a ficar mais confortável. — Você fez uma obra a serviço de Deus, ainda que com a base oca. Muita gente foi beneficiada por suas ações em nome do Cristo, e isso não é esquecido.

— Que Deus me perdoe! — exclamou Lucas olhando para as estrelas. — Eu errei. Fui cego e impaciente. Eu pagarei o preço de bom grado e espero me redimir.

O homem de negro sorriu, e seu largo sorriso era brilhante como uma das distantes estrelas do firmamento. Banhado pela luz, Lucas fez uma derradeira prece a Deus, pedindo por seu filho. Seu espírito, então, deixou o corpo.

À LUZ DO LUAR

Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos disse: por que cogitais o mal em vossos corações?

(Mt 9:4)

Queria se matar. Sem a amada, não valia a pena viver. A dor que sentia era devastadora. Acima de tudo não entendia o porquê de ter sido traído e abandonado. Dera tudo a Elisa: carinho, dedicação e bens. Dera, sinceramente, seu coração.

Agora, seu coração estava despedaçado, e não havia mais sentido em viver. Desgrenhado, emagrecido e sujo, Osvaldo viu-se diante do frasco de veneno. Trêmulo, segurava o copo mortal, e lágrimas ardiam em seus olhos cansados. A dor era muito grande.

Um último lance. Decidiu abrir a janela, pois o quarto estava muito abafado. A luz da lua chamou sua atenção. Prateada e cálida, a lua cheia refletiu-se nos olhos avermelhados do homem.

— Maldita seja! — rosnou Osvaldo. — Dizem que você inspira os amantes. Que seja agora testemunha de minha morte!

— A lua não tem ouvidos, amigo — disse uma voz vigorosa.

Debruçado no muro baixo da casa de Osvaldo, um homem de paletó claro fitava o dono da casa com um meio-sorriso. Nas mãos dele estava um chapéu elegante. Osvaldo murmurou um palavrão e esboçou regressar para dentro de seu santuário mortal.

— Por que você quer se matar e deixar as coisas boas da vida? — indagou o sujeito na calçada.

— Vá te catar! — gritou Osvaldo, com a voz esganiçada.

— Vou sim, meu caro — retrucou o outro. — Cada pedacinho meu é inestimável! O baratinho aqui é você.

— Você nunca sofreu por amor! — Volveu Osvaldo. — Não sabe como é perder o amor verdadeiro!

— Já sofri muito por amor. — Atalhou o homem com um suspiro. — O amor é muito mal interpretado, meu chapa...

— Meu amor é puro! — exclamou o potencial suicida. — Sem Elisa, não vale nada!

— Então o nome do problema é Elisa? — perguntou o homem fitando seu chapéu. — Ouça, amigo, o que você tem por essa moça é posse, não amor. Posse é egoísmo. Se você a amasse de verdade, gostaria de vê-la feliz, vê-la crescer. Além disso, outra coisinha...

— Acha que devo dividir Elisa com outros?! — Explodiu Osvaldo. — Você não está falando sério! Idiota!

— Não distorça o que falo, rapaz — ponderou o outro. — Não ouviu direito o que eu disse? Vou tentar lhe explicar por outra abordagem... Você diz que ama Elisa e que somente você pode amá-la verdadeiramente. Pois bem, quem ama cuida, meu chapa. Todos nós devemos nos amar, cuidar uns dos outros. — O estranho fez um amplo gesto com as mãos. — Para poder amar um terceiro, por exemplo, a adorável Elisa, é preciso que você se ame em primeiro lugar.

O homem de paletó branco riu, e seus olhos voltaram-se para a lua silenciosa. Osvaldo fitou o copo de veneno.

— Para você amar Elisa de verdade, é preciso se amar primeiro — repetiu o estranho. — Por que vai se portar como um fraco e fugir para o crime hediondo que pretende?! Ouça, mano, a vida é bela! Faça um favor para si e para Elisa... Cresça! Pegue seu orgulho e o quebre! Tem tanta coisa boa por aí...

— Não aguento a solidão. — Hesitou Osvaldo.

— Não existe ninguém sozinho, nem mesmo aqueles que se esforçam muito para assim o serem — disse o outro em tom professoral. — Sempre há companhia compatível com o que se traz dentro de si.

— Tudo aqui lembra Elisa! — teimou Osvaldo.

— Guarde o que for bom e despache o resto. — Continuou o estranho. — Se necessário for, livre-se de tudo. Não existe fim, parceiro, e, sim, possibilidades infinitas!

Osvaldo olhou o copo de veneno e sentiu-se mais forte. Percebera que não vivera com Elisa desde sempre. Conhecera alegrias antes dela.

— Jogue esse negócio fora! — insistiu o homem quase pulando o muro.

— O que será de mim? — indagou Osvaldo, numa súbita fraqueza.

— Você será o que fizer de si. — Disparou o outro.

Osvaldo jogou o veneno no chão, e o som do copo espatifando-se soou estridente noite afora. O ex-quase-suicida parecia remoçado.

— Vamos agitar um pouco? — Convidou o estranho, com um olhar matreiro.

— Não sei... — murmurou Osvaldo.

— Ponha uma roupa bacana — sentenciou o outro. — Espero-o aqui.

Osvaldo entrou e pôs uma roupa elegante. Sentia-se deslocado, mas algo dentro dele o ajudava. Saiu de casa. Encontrou com o homem estranho encostado num poste do outro lado da rua. Seu chapéu panamá branco estava em sua cabeça, e os olhos do enigmático amigo encontraram-se com os de Osvaldo.

— Para onde vamos? — indagou o homem que começava a se recuperar da dor.

— Confia em mim? — desafiou o outro.

— Confio! — exclamou Osvaldo com uma sinceridade que até o assustou.

Ambos riram e fitaram a lua. Um vento fresco tocou o rosto dos dois homens.

— A propósito, meu nome é Osvaldo.

— Me chame de Zé.

Os dois amigos apertaram as mãos energicamente e saíram para um novo começo, e Osvaldo reencontrou-se, aprendendo a amar verdadeiramente.

O PERDIDO

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

(Mt 5:10)

Não sabia por onde caminhava. Seus passos trôpegos levaram-no a uma região sombria da cidade. Seus pensamentos, permeados por rancor, queimavam dolorosamente. Henrique chutou um velho cão e jogou nele a garrafa vazia. Mataria também aquele animal.

O cachorro, ao ver a pedra que Henrique tomara em suas mãos, encolheu-se. Sabia que não tinha chance.

— Não acha que chega de tormento por hoje? — indagou uma voz doce, vinda de trás do homem, e ela era cheia de vivacidade.

Automaticamente, o homem baixou a pedra. Seus olhos ébrios divisaram uma velhinha de aspecto frágil sorrindo para ele.

— Suma daqui, velha! — gritou Henrique.

— De que adianta eu ir embora? — Volveu a velha.

Henrique sacudiu a pedra na direção da senhora, que não se intimidou.

— O que aconteceu com você, meu filho? — perguntou a velhinha.

— Pra quê quer saber? — indagou o homem.

— Contando sua dor — disse a velha —, você se sentirá melhor.

A idosa aproximou-se de Henrique e tomou-lhe a pedra. Acenando para o cachorro, a mulher tranquilizou o pobre animal, que lhe lambeu os pés e sumiu na rua mal iluminada.

— Está muito longe de casa, rapaz — disse a estranha com firmeza. — Por quê?

Henrique estava confuso. O álcool no organismo fervilhava ainda mais sua revolta. Havia respingos de sangue em sua camisa.

— Você trabalha para a polícia, por acaso? — desdenhou o homem.

A idosa fitou o céu escuro. Uma lágrima rolou em sua face enrugada. Suas delicadas mãos pegaram as de Henrique.

— Fui traído — disse Henrique quase num sussurro. — Roubado. Meu sócio, Raul, a quem amava como a um irmão, tirou de mim o restaurante que tínhamos. Não satisfeito, roubou minha mulher... Tirei-lhe, então, a vida podre que ele tinha!

Irrompendo em lágrimas, Henrique gritou, e o sofrimento dele era terrível.

— Não consegui matar Joelma, aquela ordinária! — disse o homem puxando os cabelos. — Deixei-a gritando, enquanto via seu amante sangrar na minha faca!

— Filho meu! — retrucou a velha com vigor. — Um erro não pode justificar outro! Crime terrível, filho!

— Sempre fui trabalhador. — Continuou o outro: — Respeitava meu amigo e minha esposa. Como eles puderam fazer isso comigo?!

— Eles fraquejaram no teste da Verdade, assim como você. — A idosa acariciou a fronte atormentada do homenzarrão que poderia esmagá-la facilmente. — Cada um errou na sua proporção. Todos vocês terão uma colheita amarga.

— Lavei minha honra — asseverou Henrique.

— Sangue limpa alguma coisa? — retrucou a outra. — Sangue derramado por rancor e ódio não limpa nada. Só o sangue do sacrifício redime!

— Volte para sua igreja! — vociferou o homem.

— Minha igreja está aqui! — Atalhou a mulher, com determinação.

Henrique livrou-se das mãos da velha. Sua mente girou, e seus pés atrapalharam-

se. Indo ao chão de paralelepípedos, o assassino esfolou o rosto e as mãos.

— Todos nós temos nossa cota de sofrimentos — disse a velha com brandura. — São essas dificuldades que nos fazem fortes. Ao vencer o sofrimento, vencemos a nós mesmos e progredimos.

— Não havia razão para ser humilhado como fui! — insistiu Henrique.

— Será mesmo? — perguntou a mulher de forma enigmática.

Se Henrique tivesse plena capacidade motora, teria partido a velha ao meio com as mãos nuas. Mas ele continuava zonzo, enquanto a anciã falava.

— Então, filho? — indagou a idosa.

— Não sei! — gritou o outro.

— Somos aquilo que fazemos, e nada é por acaso. — Disparou a velha. — Todos nós somos alvo de coisas boas e más, mas somente nosso arbítrio pode dar a palavra final. Você errou com aqueles dois. Entenda que todos vocês tiveram nas mãos a chance de fazer o que era certo, mas abraçaram o erro por orgulho!

— Agora é tarde — lamentou Henrique fitando o chão de pedras. — Tenho que fugir.

— Nunca é tarde — disse a velha. — Sempre temos possibilidades de bonança, desde que nos apeguemos a ela!

— Uma vida de tormento me espera — balbuciou Henrique.

— Sua vida sempre foi marcada por tormentos — retrucou a mulher. — É hora de buscar a paz.

— Na cadeia e com a pecha de corno? — Riu o homem.

— A justiça dos homens talvez não o alcance, mas a de Deus sim — disse a idosa. — Não se esqueça de que todos são vítimas e algozes. — A mulher acariciou o rosto sujo e esfolado do assassino. — O que você fez foi terrível, contudo, não é irreparável.

— A vida de Raul não pode ser recuperada — disse Henrique.

— Claro que pode, se você entender que a morte não existe! — A velhinha sorriu e parecia aureolada por uma luz tênue.

— Parece minha mãe falando! — Volveu o homem balançando a cabeça.

— O que tem de mais? — Riu a velhinha. — Se não é mentira?

— Perdi tudo — sentenciou Henrique.

— Ganhará tudo se você buscar a trilha do perdão! — anunciou a outra. — Olhe como está, filho! Sujo e desesperado! Tomado por forças que se alimentam de você. Está perdido porque quer!

— Por que a senhora não apareceu antes? — lamentou o assassino.

— Quem disse que eu não estava lá? — retorquiu a idosa. — Você estava tão imerso no mal que não viu a luz dentro de si e ao redor.

— Eu não sei o que fazer! — gritou Henrique.

— Entregue-se à polícia — disse a velha. — Viver em fuga é aumentar a dívida! Peça perdão, meu filho. Ore por aqueles que estão caídos e serão eles a levantá-lo.

— Minha vida acabou. — Teimou Henrique.

— Sua vida está recomeçando — insistiu a mulher batendo com as frágeis mãos nos joelhos sob a saia de tecido simples. — É hora de crescer!

Henrique piscou. A tonteira diminuíra. A voz daquela mulher lhe era familiar. Com esforço conseguiu levantar-se. O frio da madrugada começava a incomodá-lo.

— Volte comigo, filho — convidou a velha. — Enfrente seus problemas com luz no coração para que possa ajudar os outros perdidos a se encontrarem.

— De onde a senhora surgiu? — indagou Henrique de repente.

— Da minha casa, ora! — respondeu a idosa com ar matreiro.

— Onde a senhora mora? — indagou o homem, esquecendo-se da dor que sentia e até mesmo do teor da conversa que tinha em curso. — É perto daqui?

A idosa riu. Ajeitando o lenço branco em sua cabeça grisalha, a velha voltou-se para o céu nublado.

— Quando menino, minha mãe costumava ir a um lugar onde, certa vez... — Henrique tinha a voz vacilante. — Conheci alguém que falava como a senhora. Aquela mulher morreu há muito tempo...

— Já não lhe disse que a morte não existe? — Volveu a idosa.

— O nome dela era Serafina. — Continuou o homem.

— Serafina sou eu, filho, e o rosto de quem você se lembra era de uma doce médium que agora está em outras paragens — disse a idosa com um brilho no olhar. — Sempre estive com você, filho, e sempre estarei. Nos bons e nos maus momentos.

Serafina estendeu o braço para Henrique, que o tomou com delicadeza. Sabia ele que tinha muitas coisas a enfrentar. No entanto, não se sentia mais perdido. Juntos, os dois tomaram o caminho de volta e seguiram na trilha do perdão.

O ORADOR

E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato, que edificou sua casa sobre a areia.

(Mt 7:26)

Estava ansioso havia algum tempo. Sentia que o momento estava chegando. Prestes, há muito, organizara suas coisas terrenas com o mesmo esmero que dedicava à causa espírita. Seus amigos e familiares observavam a coragem com que ele enfrentara o câncer e como aproveitava a oportunidade para levar os ensinos da fé raciocinada a todos os lugares. A saúde, porém, por fim rareou, e o hospital tornou-se seu último pouso na atual reencarnação.

Heroicamente, pediu ao médico para reduzir os analgésicos. Queria suportar o sofrimento orgânico. Era um exemplo para todos. Quando chegou a hora, Prestes simplesmente suspirou e morreu.

Gritos de dor despertaram Prestes. Sentia seu corpo dolorido e a paisagem que divisou era aterradora. Pessoas lutavam como animais ou se contorciam no chão seco daquele lugar terrível.

— Que lugar é esse?! — exclamou o orador incrédulo.

Rastejando da melhor forma possível, Prestes fugiu de um homem que mais parecia um lobo, que vinha revolvendo o solo e atacando os outros sofredores dali.

— Não pode ser! — balbuciou o antigo orador em meio às lágrimas amargas. — Depois de tudo que fiz pelo Cristo!

Soluçando compulsivamente, o homem, que achava que seria recebido nos Planos Superiores como um príncipe, chorou longamente.

— Fui traído por Jesus! — gritou, por fim.

— Jesus o traiu? — indagou uma voz delicada.

Prestes viu uma frágil anciã negra caminhando calmamente por entre a massa de sofredores. Ela sentou-se numa pedra que havia ao lado dele.

— Não me amole — resmungou Prestes julgando que aquele espírito estivesse com más intenções. — Nada tenho para você.

— Filho, Jesus nunca abandona ninguém — disse a velhinha. — Nós, filhos imperfeitos, é que O abandonamos às vezes.

— Então por que estou aqui? — indagou o outro com ar de desafio.

— Você, que professou a fé raciocinada por quarenta anos, sabe muito bem que está colhendo sua semeadura.

— Não é possível! — exclamou Prestes, socando o chão duro. — Exijo falar com meu mentor!

— Você sabe quem é seu mentor? — inquiriu a anciã.

— Quero, então, falar com Damião! — esbravejou o antigo orador.

— Damião era seu instrutor — respondeu a velhinha. — Ele está em missão agora.

— Qualquer um graduado serve! — berrou Prestes, furioso.

— Uai! Eu não sirvo, filho meu? — perguntou a velhinha sorrindo amistosamente.

Apesar de dolorido, cansado e imundo, Prestes alteou o semblante e fitou duas vezes a velha negra de alto a baixo. Seu olhar era de escárnio.

— A senhora, sem dúvida, quer ajudar — disse o antigo orador em tom professoral. — Mas não tem a autoridade de que preciso para me tirar daqui. Preciso de alguém de alta patente.

— Meu filho amado, como pode pensar assim? — ponderou a idosa. — Nunca refletiu sobre os ensinos do Mestre que sempre proferiu aos outros? Não é à toa

que está aí, nessa condição. É hora de abrir os olhos!

— Sempre levei a doutrina a sério! — Insistiu Prestes. — Ao pé da letra!

— Não é bem assim, filho — disse a velha abrindo seu embornal e de lá retirando uma cumbuca de barro que continha um caldo inodoro. — Tome este remédio.

— Que remédio o quê?! — protestou o homem. — Nem mesmo é capaz de ministrar passes reconfortantes! Triste fim o meu! — Prestes, então, pôs as mãos sujas na cabeça encardida. — Tudo é farsa!

— Farsa é sua fé! — sentenciou a outra. — Que espera somente o que quer. Veja à sua volta! Não reconhece essa região?

Prestes correu a área com seus olhos cansados e negou-se a acreditar. Estava no Umbral, mais especificamente numa das regiões mais terríveis de que se tinha notícia. Algo lhe dizia que estava nas proximidades do Vale dos Suicidas.

— A senhora pode me tirar daqui? — indagou Prestes mais humilde. — Pode me levar à Colônia Nosso Lar ou à Alvorada Nova?

— Quem é que pode tirá-lo daqui? — indagou a velhinha.

O antigo orador espírita baixou a cabeça outrora orgulhosa. Sabia a resposta e sentia vergonha de si.

— Suas ações sempre foram guiadas pela arrogância — disse a idosa. — Você projetava a doutrina, usando-se como único porta-voz dela. O dono da Verdade. Desrespeitou outras crenças tão santas como a sua. Sua doença, por fim, era para ser atravessada com sentimento de fraternidade e não com prepotência... — A velha suspirou. — Não era para desencarnar agora, filho! O câncer, aliás, não seria generalizado e era facilmente operável com os recursos da medicina atual, conforme o estabelecido no Plano Inicial. Mas suas emanações tóxicas foram tão grandes que abreviaram sua encarnação recente.

A velha pôs as mãos encarquilhadas nos ombros de Prestes, e, nesse momento, um bando de sofredores aproximou-se perigosamente dos dois. Serena, a idosa fitou-os com imensurável ternura. Estendendo as mãos delicadas para os agressivos doentes, convidou-os a se aproximarem, para pânico de Prestes. O

bando recuou e afastou-se.

— Patente moral... — balbuciou Prestes, ainda trêmulo.

— Maria Conga, a seu dispor — disse a velhinha sorrindo.

“Uma entidade de umbanda”, pensou o orador espírita. “Um ser subserviente, cheio de incapacidades.”

— Seus pensamentos o traem, filho — disse Maria Conga com leveza —, e não me ofendem, se quer saber. Lembre-se daquela máxima, meu filho: tolo é aquele que julga o livro pela capa. Não é mesmo?

Envergonhado, Prestes sorveu o caldo, que se revelou muito saboroso.

— Vou ficar aqui muito tempo? — indagou ele.

— Só depende de você — respondeu secamente a velha.

— A senhora irá embora? — perguntou Prestes, com o olhar súplice.

— Jesus, o modelo para todos nós, nunca nos deixou — disse Maria Conga. — Como eu, pequena que sou, deixarei de imitar o exemplo Dele?

Pela primeira vez ali, Prestes sentiu-se confortado. Impelido a tecer uma prece, o homem, antigo orador arrogante que privilegiara palavras difíceis e elaboradas no pretérito, buscou a simplicidade e a franqueza. Em silêncio emocionado, Maria Conga acompanhou a oração do doente que atendia.

O homem sentiu crostas doloridas desprenderem de seu coração, e seus olhos divisaram um facho de luz vindo do céu tenebroso. Maria Conga, a humilde trabalhadora do Senhor, permitia que lágrimas de luz corressem por seu rosto marcado.

Damião, amigo de Prestes, chegou com um grupo de espíritos que traziam uma maca. O instrutor do antigo orador sorria, e lágrimas também corriam por seu rosto sereno.

— Não irá para as colônias que tanto almejava conhecer no Astral Superior — disse Maria Conga a Prestes. — Nem mesmo às colônias Nosso Lar e Alvorada

Nova. Irá para um hospital perto daqui, dirigido pelo irmão Eurípedes.

— Faz sentido — proferiu o homem. — É para lá que vão muitos dos trabalhadores que conheciam os ensinos do Mestre, mas que não os praticavam. — Prestes apertou delicadamente as mãos da benfeitora. — Posso lhe fazer uma última pergunta aqui, neste lugar, por achar que é apropriado?

— Faça. — Volveu a idosa, já conhecedora da indagação do recém-resgatado.

— No auge da minha arrogância, eu achava que meu mentor era Bezerra de Menezes — disse Prestes. — Agora, acredito que estou diante da minha mentora. Estou certo?

— Está vendo como o remédio da humildade nos deixa mais sábios?! — Riu Maria Conga.

SEBASTIÃO

Quem não é contra nós é por nós. Sim, seja quem for que vos der a beber um copo de água por serdes de Cristo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa.

(Mc 9:40-41)

Estava com o coração cheio de revolta. As dores lancinantes ainda devastavam seu corpo ensanguentado. No chão duro, Tião praguejava contra seu algoz. Sabia que estava morto, pois a paisagem era diferente da fazenda em que nascera e morrera. Aos gritos de dor e cólera, o negro esquálido permaneceu por longo tempo.

Por fim, cansou-se de praguejar e calou-se. Logo, soluços vieram. Não entendia sua desgraça. Uma vida miserável e a morte eram igualmente cruéis. O padre dissera que os escravos que se esmerassem teriam de Deus o Céu Eterno. Até mesmo Pai João e Tia Nastácia haviam dito que o negro, ao morrer, iria para o Orum, onde os orixás e ancestrais viviam em suas cidades verdejantes. No entanto, Tião estava naquela desolação, sozinho e ferido.

— Como puderam me abandonar assim?! — Gemeu o infeliz.

Nesse momento, um pombo branco voou sobre Tião, que, com os olhos cansados, seguiu a ave até que esta desaparecesse entre montes estéreis que recheavam aquela região inóspita. Antes que o negro se mexesse, seus olhos atormentados, contudo, divisaram um vulto branco que vinha ao longe. Com o passar do tempo, o ferido percebeu que um velho negro de longa barba branca, tão alva como sua túnica, chegava lentamente. O estranho ancião carregava um cajado de madeira clara, e Tião, com um fio de voz, gritou por socorro.

— Não se aflija, filho — disse o recém-chegado, abaixando-se ao lado do sofredor.

— Ah, meu velho! — lamentou Tião. — Me ajude! Até na morte sou tratado

como menos do que gente!

— Não diga isso, filho — retrucou o velho com doçura. — O Pai Maior nos ama tanto que não permite que seus filhos colham mais do que podem!

— O que fiz para merecer isso?! — indagou Tião em meio às suas dores.

— As respostas virão, filho meu. — Atalhou o velhinho, tomando Tião nos braços para enorme espanto deste. — Agora, você deve descansar. Tenho fé de que seu tempo nestes ermos já acabou.

O velhinho de aspecto frágil carregou Tião por um longo caminho entre os vales escarpados dos morros vazios. Chegaram, finalmente, a uma casinha de ares muito pobres, margeada por um largo e caudaloso rio, que desaparecia mais à frente em uma mata sombria. Não se via qualquer animal, exceto o pombo branco que sobrevoava insistentemente os dois homens. A ave, por fim, pousou no telhado da choupana e arrulhava contente por alguma razão conhecida somente pelo velho enigmático.

As feridas foram tratadas com unguentos perfumados, desconhecidos do rapaz, e uma estranha e espessa sopa foi servida em um grande coité. O caldo era o mais saboroso que Tião jamais experimentara. O recém-chegado então adormeceu, e seu sono, como de costume, foi irrequieto, cheio de pesadelos terríveis. Reviu em sonho detalhes de sua vida de escravo na fazenda de café.

Ao despertar, o jovem percebeu que o velho velava por ele, com um estranho brilho no olhar. Palavras mudas pareciam sair da boca do ancião, que se levantou da cabeceira da cama quando seu protegido despertou. O dono da casa caminhou até a única janela da choupana, que estava aberta.

— Você pode me chamar de Esdras — anunciou o ancião.

— Que lugar é este, Pai Esdras? — indagou Tião, sentindo-se menos fatigado.

— Um lugar de muitos nomes — respondeu Esdras. — Chamaremos, por ora, de lar.

— Lar? — repetiu Tião, incrédulo. — Lar?

— Tudo possui beleza, filho. — Prosseguiu o ancião, sem virar o rosto marcado

que estava voltado para além da janela, nos ermos sombrios. — Toda a Grande Obra possui beleza. Nós é que não temos a capacidade de percebê-la em sua sutileza.

Com um sorriso, o idoso voltou-se para seu protegido, que parecia confuso. Esdras sentou-se numa cadeira tosca e bebeu uma caneca de café forte.

— Obrigado por ter me trazido, Pai Esdras — agradeceu, finalmente, Tião.

— Nada fiz além do que devia — retrucou o outro.

— Pai Esdras, eu sofri muito! — disse Tião, pondo as mãos magras na cabeça doída. — E até na morte fui injustiçado! Após apanhar a vida inteira e morrer no tronco, de sede e das pancadas, caí neste lugar assustador...

— O que você fez para apanhar? — inquiriu Esdras, sorvendo mais um gole de café.

Tião coçou a cabeça e sentiu as dores aumentarem novamente. Não respondeu. Por sua vez, Esdras não repetiu a pergunta. Mais tarde, o velho ajoelhou-se e ergueu sua fronte fartamente marcada de sulcos muito profundos. Com as mãos juntas, fez uma prece, enquanto Tião apenas o observava. O convalescente percebeu que o protetor apenas agradeceu pelo trabalho que executava e pelo que tinha em nome do Pai Maior. Tião já havia visto aquela forma de oração através de Pai João e de Tia Nastácia, os negros mais antigos e dóceis da fazenda. Esses dois, recordou o jovem ferido, acreditavam num futuro melhor, em que a alegria reinaria.

“Não podiam estar mais enganados!”, pensou Tião, com ferocidade.

— Falou alguma coisa, Sebastião? — indagou Esdras subitamente.

— O senhor vive sozinho aqui, Pai Esdras? — indagou Tião, matreiramente.

— Não — respondeu o ancião com um estranho brilho no olhar. — Além do pombinho, vez ou outra, encontro um peregrino.

— Peregrino? — repetiu o outro.

— Você é um peregrino, filho. — Continuou Esdras. — De certa forma, todos

nós somos peregrinos sob os olhos do Pai Maior.

— Pelo menos não sou mais escravo! — exclamou Tião, sorrindo.

— Muitas coisas têm a aprender, filho — retorquiu Esdras, direto. — Só quando as lições tiverem sido aprendidas é que finalmente será livre!

— Que loucura é essa, Pai Esdras?! — questionou Tião. — Até morto sou escravo?

— Somente quando entendermos o significado do desapego e do perdão, deixaremos de ser escravos, filho — proferiu solenemente o idoso negro. — Você e eu venceremos! Temos tempo, não é?

Esdras riu e algo além da janela chamou sua atenção.

— Filho, tenho de sair agora. Deve ficar deitado. Perto da cabeceira há café e pão. Peço somente duas coisas: não saia da casa e, até eu regressar, sugiro que relembre o que viu e fez de belo em sua vida. Se a sombra ameaçar seus pensamentos, pense em coisas agradáveis!

O velho pegou o cajado e saiu porta afora sendo seguido pelo pombo. Trovões ecoaram muito ao longe. Tião nem teve a chance de protestar contra a saída do benfeitor. Deitado na cama simples, mas confortável, feita de madeira escura e com um excelente colchão de palha macia e sem pulgas e percevejos, o homem fitou o teto de telhas de barro. Sentia ainda as dores do chicote que o sangrara. Lembrou-se do feitor, cruel e traiçoeiro, que alegremente manejara a chibata implacável. As gargalhadas do homem fizeram os ouvidos de Tião doerem de tormento. Furiosamente, o negro lançou ofensas contra o capataz. A triste recordação não parou somente na imagem do feitor. O mandante da tortura, visconde Feliciano, testemunhava com maligno prazer a ruína do escravo. As dores aumentaram à medida que Tião se voltava para as lembranças dos terrores no cativeiro. Todas as violências físicas e morais eclodiram na mente do negro torturado. Gritando de dor, ele sentiu o sangue fluir pelas bandagens. Em convulsão temperada pelo ódio, o aflito acabou caindo da cama.

Um facho de luz branca surgiu, irrompendo pela porta de madeira. Em esplendor, Esdras surgiu diante de Tião. Tamanha era a luz que o ancião emanava que o sofredor desmaiou e não sentiu mais dor.

Lentamente, Tião abriu os olhos e divisou o rosto enrugado e austero do benfeitor. Esdras estava em silêncio, e suas mãos frágeis acariciavam a fronte do tutelado.

— Quase regressou ao tormento excruciante — disse o velho. — Seria a volta para os ermos! Seria mais difícil e demorado trazê-lo de volta, filho meu. Eu disse para se lembrar dos bons momentos!

— Não tenho boas lembranças — balbuciou Tião às lágrimas.

— Pois tem! — insistiu Esdras.

Os olhos do ancião então cerraram, e a vela acesa que havia junto à cama ganhou uma luz poderosa. Tião viu-se menino, caminhando junto de outras crianças da senzala. O grupo chegou ao formoso riacho onde as mulheres lavavam roupa. O protegido de Esdras lembrou-se de como gostava de se secar ao sol, ouvindo as cantilenas das mulheres que faziam alusão à África perdida.

Tião correu pelos campos verdes, sentiu o aroma saboroso do bolo preparado pela velha Chica, falecida havia anos, e lembrou-se de como a bondosa negra lhe dava beijos e quitutes da mesa do visconde. Mais velho — pois assim Esdras fizera seu protegido se enxergar —, conheceu o amor de Maria da Conceição e as alegrias que eram as homenagens aos orixás e aos santos. Sim, Tião conhecera a alegria.

Entre lágrimas, Tião voltou a fitar o rosto antigo de Esdras. O velho sorria. Ele tinha razão, o jovem admitiu. As feridas pararam de doer, e o cheiro de café tomou o lugar.

— Por que Olorum nos deu a escravidão? — indagou Tião, sorvendo o líquido amargo.

— Olorum, você diz, ou Nzambi — suspirou Esdras. — Tupã ou Javé... Deus! Nosso Pai Maior não criou a escravidão nem a impôs a ninguém, meu filho. A canga que Seus filhos põem sobre si mesmos são obras deles próprios. Na roda das encarnações, somos ricos, pobres, escravos e senhores! Devemos pôr a culpa da escravidão em nós mesmos!

O bondoso benfeitor silenciou. Falara demais, e era tempo de o protegido meditar sobre o dito. Perguntas viriam e respostas, duras até, seriam dadas. Tião

deitou-se novamente, pensativo.

Em suas reflexões, o tutelado perguntou-se por que Deus permitira seu sofrimento. As palavras de seu protetor ressoavam intermitentemente: “A canga que Seus filhos põem sobre si mesmos são obras deles próprios”.

Quando o velho regressou com a pombinha nos ombros e um maço de ervas nas mãos, Tião sentou-se na cama.

— Salve, meu filho! — disse Esdras, animado. — Quais são as primeiras perguntas?

— Pai Esdras, são tantas! — exclamou Tião, agitado.

— Faça uma pergunta, e vejamos no que dá — sentenciou o ancião.

— Por que estou aqui? — indagou o protegido.

— É um lugar de seu merecimento, resultado de suas obras na Terra — respondeu o protetor. — Um lugar, um lar, na verdade, pois na casa de Nosso Pai há muitas moradas. Filho meu, há cidades verdes como as histórias contadas pelos velhos na senzala. Outras moradas são como castelos brancos, situados entre as nuvens! Como castelo, imagine uma casa grande, mas muitas vezes maior e de majestade sublime, repleta de servos de Deus, cujas peles são de todas as cores. Ainda há regiões que nem imagino, tamanha a beleza delas!

— Que obras? — indagou o jovem, que prestara atenção somente na primeira frase do ancião.

— Suas ações, ou a ausência delas — pronunciou Esdras, pondo as ervas cheirosas sobre a mesa —, foram as responsáveis por trazê-lo até aqui. Como disse antes, existem lugares de beleza imensa. Também há lugares piores, terríveis. Você fez coisas boas e ruins, Sebastião. Todas elas foram vistas pelo Pai Maior.

Tião baixou a cabeça. Mesmo debilitado moralmente como estava, tinha a perfeita consciência de alguns erros que cometera. Usava até então a desculpa da escravidão e da miséria para roubar e mentir. Costumava desdenhar dos negros que suportavam o fardo da vida em silêncio e obediência.

— Você chamava de fraco o irmão de caminhada, como Anacleto — disse Esdras, lendo os pensamentos do outro. — Na verdade, ele era resignado. A resignação e a fé dão origem à esperança, filho! A esperança de um futuro melhor!

— Pai Esdras, o que significa a roda das encarnações? — disparou Tião.

— Não seria correto pensar que temos só uma vida — respondeu o bondoso idoso. — Deus nos ama tanto que nos deu um espírito imperecível e um corpo de carne para nos ajudar a caminhar para o verdadeiro paraíso. A cada vez que nascemos, podemos ser rei ou mendigo, escravo ou senhor. Cada nascimento traz uma responsabilidade de acordo com a vida que escolhemos para melhorar nosso espírito.

— Quer dizer que escolhi ser escravo? — exclamou o outro. — Absurdo!

— Quando estamos muito presos ao mal, Deus, por meio de seus emissários, nos lembra de Sua Lei através de duras provas de aprendizado — disse Esdras, impassível. — Você mesmo, jovem de coração feroz e cheio de graves pecados, teve por imposição a condição de escravo para que pagasse pelos erros do passado e assim aprendesse alguns valores.

— Mentira! Mentira! — negou ardorosamente Tião, às lágrimas.

— Não é mentira. A sabedoria do Pai Maior é infinitamente iluminada e não há nada fora de propósito — prosseguiu o benfeitor. — Você foi um tirano cruel, sanguinário. Um molestador de centenas! Não direi que mereceu sofrer nessa encarnação recém-terminada, pois estaria julgando-o, filho. — Esdras pôs as mãos encarquilhadas nos ombros do protegido com firmeza. — Nós já nos vimos antes, Sebastião! Fui eu quem o encaminhei para o ventre de sua mãe, na senzala da fazenda Santa Maria.

— Você é o culpado! — gritou Tião, colérico, erguendo-se ameaçador.

— Não — retrucou o velho calmamente. — Você é o culpado da própria sentença. Agora, acalme-se! Ou acabará caindo nos ermos de novo!

A lembrança dos tormentos nos ermos fez Tião encolher-se. Gentilmente, Esdras pôs o lençol da cama nos ombros do jovem. O sábio ancião tinha conhecimento dos tormentos do rapaz e compadecia-se dele, pois em pretérito não tão distante

fora tão arraigado às más tendências quanto Tião. Para ser merecedor de realizar a tarefa que o competia, foi com muito custo e esforço. O velho sabia que a recompensa verdadeira ainda estava longe. Teria de trabalhar muito ainda e por essa razão escolhera trabalhar nas zonas inferiores.

— É hora de se recuperar, aprender e reconhecer os erros do passado — anunciou Esdras. — Perdoar! Somente o perdão nos leva à felicidade.

— Como perdoar meus assassinos? Perdoar o que fizeram à mulher que amava? — A lembrança de Maria da Conceição doía nos sentimentos de Tião. — Ela era pura! Uma moça doce!

De fato, a mulher que Tião amava desde a tenra idade era uma alma boa, mas que sucumbira ao assédio do patrão. Com o passar do tempo, a inocente de ar brejeiro tornou-se manipuladora e cruel até que acabou traída por si própria quando acreditou que se tornaria a senhora da fazenda. Maria da Conceição acabou derrotada pela esposa do visconde e, após ser ultrajada pelos homens do feitor, teve os olhos queimados e sua língua cortada. Tião, apaixonado, não percebeu a queda moral da amada e, quando a mulher foi alquebrada, atacou a sinhá, ferindo-a cruelmente. Derrubado pelos homens do feitor, foi longamente torturado e, após algum tempo amarrado ao tronco, desencarnou.

Esdras sabia daqueles fatos e usava muito tato para com seu protegido. O jovem ainda estava em perigo, e era crucial que o entendimento viesse aos poucos. Depois daquela conversa, o ancião acalentou Tião por dias a fio. Vez ou outra, falava sobre a compreensão dos erros e também sobre o significado do perdão. Tião, que compreendia muito pouco sobre a Lei da Ação e da Reação, ainda não aceitava o destino de sua amada. Com pouca habilidade, o jovem arrumava a casa e até arrulhava para o simpático pombo, que recebera dele o nome de Ifá. Nunca, porém, passara pela porta, receoso do ermo terrível. Aprendera algumas canções com o velho Esdras e acostumara-se a entoá-las junto com suas próprias.

— O senhor apanha essas ervas na mata próxima? — indagou Tião a Esdras, quando este regressou de uma de suas viagens.

— Sim — respondeu secamente o ancião.

— Posso ir lá? Sempre gostei de caminhar na mata — disse Tião, com ansiedade. — Sou um bom filho de Oxóssi. Estou há muito tempo aqui!

Esdras ficou pensativo e não respondeu de imediato. Era a primeira vez que o rapaz se lembrava dos orixás sem rancor. Da janela, Tião observava a mata escura, não tão longe.

— Onde estão os orixás, Pai Esdras? — inquiriu o jovem negro.

— Estão em todos os lugares, a serviço do Pai Maior — respondeu Esdras. — Os orixás recebem muitos nomes, assim como Deus, o Supremo. Infelizmente, na roupagem africana, são chamados de demônios por alguns ignorantes... Uma pena. Aqueles que ofendem os orixás e seus nobres servidores, que se apresentam com aparência que não a dos brancos dominantes, renegam Deus e se entregam aos espíritos atrasados, que sempre trazem boa figura e pronunciam belas palavras vazias de bons sentimentos. Mas hão de aprender um dia, Sebastião, como eu e você. — O bondoso ancião sorriu para o tutelado. — Em breve, irá para a mata. Não será passeio! Será aprendizado. Toda labuta é recompensada, filho. Antes, porém, tem que continuar a se fortalecer.

Foi mais ou menos nessa época, depois de dias sem conta habitando a choupana perdida nos ermos sombrios, que Tião começou a perceber um tenuíssimo facho de luz que acompanhava seu protetor, quando este fazia suas orações. Espantado, descobrira por meio do amigo que a prece sincera produzia bênçãos.

— Como disse antes, filho, a prece sincera nos leva ao Pai Maior — proferiu Esdras, solenemente. — E recebemos o que precisamos e não necessariamente o que pedimos.

Tião ponderou aqueles ensinamentos. Fazia sentido. Em vida, pedira a Olorum e aos orixás, ao Deus da Igreja e aos santos de madeira e gesso que fosse vingado de seus tormentos, no entanto, a revanche nunca viera. Somente ali, naquele lugar esquecido, encontrara as respostas que buscava sem nem mesmo saber.

Após passar longo período nos ermos com Ifá, Esdras regressou pouco antes de uma terrível tempestade abater-se na região. O velho negro nunca parecia cansado, mas Tião levou-lhe uma cadeira. O benfeitor agradeceu o gesto, e juntos fizeram uma prece. Àquela altura dos acontecimentos, Tião suspeitava que Esdras lia seus pensamentos e tentou esconder sua agitação íntima.

— É normal sentir o que está afligindo seu coração — disse o ancião. — Ainda está muito preso à carne e às suas paixões. O fogo que sente pode ser dominado pela prece.

— Explodirei de tanto rezar! — exclamou Tião, surpreendendo a si próprio.

— Catarei seus pedacinhos sem problema! — Riu Esdras.

Jantaram a comida feita pelo jovem, que nem de longe era tão saborosa como a feita por Esdras. O velho, porém, elogiava aquela sopa sofrível como se fosse um manjar. Em silêncio, os dois, com o célere Ifá a arrulhar no madeiro do telhado, ouviam os sons furiosos que vinham de fora. A luz da vela tremia incessantemente. A tranquilidade de Esdras acalmava Tião, pois este achava que o casebre iria desabar a qualquer momento.

— A tempestade tem uma simbologia interessante — proferiu o sábio. — A mudança. O desfazimento do velho para o novo. Nada sai ileso ante a força da tempestade. Amanhã, iremos à mata.

Dizendo aquilo, Esdras deitou-se e adormeceu, deixando Tião surpreso e pensativo. Ele mesmo concluíra que passava por uma tempestade.

— Uma tempestade bem longa — resmungou o rapaz olhando para a janela fechada, que era açoitada pelo vento encharcado.

Quando a claridade aumentou, pois a penumbra era perene naquelas regiões, Esdras acordou o protegido com um cutucão. Lentamente, Tião abriu os olhos, pois resistia a demonstrar a larga ansiedade que sentia. O jovem não fazia ideia de quanto tempo estivera recluso no casebre. Seus ferimentos haviam sarado, e cicatrizes cobriam o corpo do negro. Em jejum, fizeram uma prece e, após ingerirem apenas um copo d’água, saíram da casinha.

Vacilante, Tião tremeu ao ver a porta aberta com os ermos terríveis aguardando-o. Bondoso, Esdras estendeu sua mão envelhecida para o pupilo. De mãos dadas, os dois homens atravessaram a porta e divisaram a mata escura, que se erguia não tão ao longe. Atrás de si, Tião percebeu um estranho símbolo entalhado na porta de aparência frágil. O jovem, então, percebeu-se sorrindo, pois era um triunfo. Uma vitória em sua caminhada.

Juntos, dirigiram-se à mata, ouvindo o som do rio caudaloso. As copas das árvores não farfalhavam nem denunciavam qualquer vento. Cruzaram as primeiras árvores, imensas e assustadoras, e o velho Esdras, com seu cajado, assumiu a frente. Meio encolhido, Tião mantinha-se no encalço de seu protetor.

— Não há pássaros nem bichos — balbuciou Tião, assustado. — Nem vento como lá fora!

— Sigamos em frente — afirmou Esdras. — Não há perigo aqui, filho!

Alcançaram, por fim, o rio que cortava aquela pequena floresta em duas. Os dois se aproximaram das águas turvas. Esdras sorriu e elevou seus olhos para o céu sombrio e depois para as águas turbulentas.

— As forças da natureza têm importante papel na limpeza das energias pesadas — disse o ancião com ar professoral. — Nosso Pai Maior nos ama tanto que dispõe para nós uma quantidade infinita de recursos para amparar seus filhos renitentes. Essas águas limpam as impurezas deste lugar...

— Por que a mata é tão sem vida? — indagou Tião, olhando para o lugar com espanto.

— O que se define por vida? — ecoou uma voz possante como um trovão, que parecia vir de todos os lados. — Tudo o que existe é obra do Pai e não há nada sem propósito. A terra, as águas, as rochas e as matas possuem espíritos. São servos como você e eu!

Diante dos olhos assustados de Tião, enquanto Esdras apenas sorria, surgiu um homem de grande estatura, de pele avermelhada e longa cabeleira lisa e negra, de um radiante luzir. Trazia nas mãos uma enorme borduna com símbolos estranhos e vestia uma capa de peles e um saiote de penas.

— Este é o meu protegido, Grajaúna — disse Esdras, após saudar afetivamente o recém-chegado. — Sebastião é seu nome.

Grajaúna observou Tião de alto a baixo com estranho silêncio. O ex-escravo permaneceu imóvel, assustado. Aquele temível homem que vinha da mata era a primeira pessoa, além de Esdras, que via em muito tempo.

— Grajaúna faz um trabalho parecido com o meu. — Prosseguiu o ancião. — Tem habilidades belas e vai ajudá-lo, meu filho.

— Você vai me deixar, pai Esdras? — Apavorou-se Tião.

— Não, filho. Os trabalhadores do Pai Maior nunca trabalham sozinhos —

respondeu o velho. — Cada um no seu espaço de conhecimento. Assim, realizamos nosso propósito. Você ficará um tempo com Grajaúna e aprenderá com ele. Dedique-se!

Tião tentou protestar, mas o velho Esdras sorriu, e o rapaz percebeu que não havia alternativa. Em silêncio, o ancião foi-se, deixando o soturno Grajaúna contemplando as águas escuras e Tião tremendo.

Grajaúna começou a caminhar a passos largos e silenciosos. Tião, por sua vez, foi obrigado a correr para manter-se junto do novo protetor, cujo aspecto era feroz e sombrio. Chegaram ambos a uma clareira junto a uma pedra alta e coberta de ervas escuras e feias. Sem palavra, Grajaúna sentou-se e fitou seu novo pupilo de uma forma tão intensa que seus olhos negros se assemelhavam a duas estrelas radiantes.

— Quem é você? — disparou o homem de aspecto selvagem.

— Meu nome é Sebastião...

— Eu perguntei quem é você, não o seu nome. — Volveu Grajaúna, com sua voz trovejante e feroz.

O indígena levantou-se e desapareceu em meio às folhagens, antes que Tião fizesse alguma coisa. Sozinho, o negro encolheu-se com a estranha sensação de estar só. Então, de repente, as lições aprendidas com Esdras vieram-lhe à mente. Ajoelhado, o rapaz ergueu seu rosto em direção ao céu e fez uma prece longa e pungente.

— Quem é você? — indagou Grajaúna ao regressar com ervas e raízes.

— Eu sou um pecador — respondeu Tião, enquanto lágrimas corriam por seu rosto magro e marcado. — Sou um ser, filho de Olorum, que está carregado de débitos. Sou um espírito em busca da luz de nosso Pai Maior.

— E eu sou um espírito a serviço do Pai Maior, que está à sua disposição para ajudá-lo. — Devolveu Grajaúna. — E juntos caminharemos na Grande Jornada em direção ao Pai Maior.

Assim começaram as lições de Grajaúna a Tião. Grajaúna falou ao pupilo sobre as plantas e animais e sobre alguns dramas da humanidade. O novo mentor não

era doce e gentil como Esdras, mas duro e austero, e Tião percebia isso com distinção. Ambos os diferentes espíritos, porém, tinham uma grandeza implícita que impressionava o rapaz.

Por dias a fio, os dois homens habitaram a mata sombria, e Tião demorou a acostumar-se com a falta das paredes da protetora casinha do ancião. Até da vivaz Ifá o rapaz sentiu falta. O negro, porém, lembrou-se de que a saudade não existia, pois tanto Esdras como o pássaro estavam sempre com ele, em seu coração. Aquela lição, percebeu Tião, aprendera com o austero Grajaúna.

Num dia ventoso a ponto de fazer as folhas quase negras das árvores sacudirem, Grajaúna balançou a cabeça. O índio recolheu alguns galhos e paus e fez junto à grande rocha uma simples choupana, e Tião soube que Grajaúna fizera aquilo para ele.

A tempestade veio rugindo, feroz. O ajuntamento de galhos e folhas, de aparência ridícula e débil, resistiu para espanto de Tião. Raios encontravam as altas copas das árvores, deixando faíscas caírem no solo encharcado.

— Veja a transformação! — bradou Grajaúna, entoando uma cantiga numa língua estranha, que embalou os sonhos de Tião.

Tião viu uma terra estranha, iluminada por um sol dourado, imperecível. A terra chamada Aruanda estendia-se diante dos olhos do jovem negro, com suas altas montanhas verdes, rasgadas por cachoeiras cristalinas, que levantavam nuvens prateadas. Árvores imensas tocavam o céu safirino, e o ar doce daquele lugar idílico encheu os pulmões atormentados do jovem.

Tião abriu os olhos. O sonho acabara. Grajaúna estava sentado diante dele, silencioso. Um tênue sorriso estava estampado no canto da boca rígida do índio.

— Que sonho — balbuciou Tião.

— Aruanda — sentenciou Grajaúna. — Uma das muitas moradas da Casa do Pai Maior.

— Um dia poderei voltar para lá? — indagou o jovem.

— Se traçar uma meta — retrucou o outro —, poderá cumpri-la. Mas, para cumprir uma meta, é necessário merecer a possibilidade de cumpri-la. Agora, a

tempestade acabou.

Ambos saíram da taba tosca, que de forma impressionante resistira à fúria da tempestade. A floresta não parecia ter sofrido com as águas e os ventos. As lições sobre transformação haviam sido ensinadas e aprendidas.

Grajaúna tomou uma trilha por dentro da mata fechada, sendo seguido por Tião. Chegaram à borda da mata, e o rapaz deu um passo para trás. Diante deles, os morros desolados estendiam-se quase intermináveis.

— Não vou voltar para lá! — exclamou Tião.

— Então fique. — Disparou Grajaúna, começando a caminhar em direção aos morros.

Tião observou o índio ir embora sem olhar para trás. O jovem acreditava que poderia achar o caminho até a casa de Esdras. No entanto, Tião sabia que falharia em seu aprendizado. Com uma coragem até então desconhecida e com uma prece nascendo em seus lábios, o antigo escravo seguiu as pegadas de Grajaúna.

O índio estava no cume de um morro alto, desnudo, lamacento e fétido. Grajaúna não se voltou para o pupilo ofegante. Tião reparou que a borduna estava vigilante nas mãos do mentor e o longo arco estava cruzado em seu peito. Os olhos do índio varriam a região incessantemente.

Um grito distorcido e imerso em dor chegou aos ouvidos dos dois. Grajaúna parecia já conhecer o sofredor perdido nos ermos e começou a caminhar na direção dos sons lancinantes. Munido de uma pedra escura e pesada, Tião seguia o protetor da melhor forma que podia, pois atolava nos lamaçais, enquanto o indígena caminhava levemente, tal como Esdras fazia.

Seguiram em direção a um vale escuro. Árvores mortas e destroçadas espalhavam-se semiafundadas na lama podre. Novamente, o grito torpe ecoou, e mais parecia aos ouvidos de Tião um uivo monstruoso.

— Fique longe, agora — ordenou Grajaúna, e Tião prontamente obedeceu.

Grajaúna assoviou e disse palavras convidativas ao sofredor. De repente, da escuridão do vale rochoso e lamacento, veio uma criatura de terrível aspecto. A

pobre criatura arrastava-se na lama. Suas mãos eram tal como garras e suas vestes quase inexistiam. Os cabelos grisalhos eram longos, e longas orelhas pendiam destruídas ao lado da cabeça peluda. O nariz era alongado e fungava incessantemente. A criatura abriu a boca cheia de dentes pontiagudos e apodrecidos. Não parecia nem um pouco com um homem, mas Grajaúna estendeu suas grandes mãos para a criatura, enquanto a borduna jazia encostada na perna direita, fora da vista da criatura assustadora.

— Feliciano! — disse Grajaúna. — Venha! Deixe o sofrimento e pegue minha mão! Acabe com sua tortura!

A criatura hedionda fitou, aturdida, o indígena. Hesitava, rosnava e chorava. Ora se arrastava na direção de Grajaúna, ora recuava. O índio, por sua vez, não se movia. Enquanto se desenrolava o drama da criatura arruinada, Tião largou a pesada pedra. O nome que Grajaúna pronunciara era amaldiçoado por ele e pelos escravos todas as noites. Visconde Feliciano, senhor da Fazenda Santa Maria, um homem rico e cruel.

Tião caminhou até junto de Grajaúna, que não deu importância à aproximação do protegido. O rapaz observou a criatura que se contorcia no chão. Nenhum traço lembrava o poderoso visconde. Todas as lembranças que Tião tinha do senhor de escravos vieram à sua mente. Todas as torturas físicas e morais. A lembrança de Maria da Conceição foi a mais dolorida.

— Esse é... — Começou Tião.

— Sim — interrompeu Grajaúna, severo. — É o visconde Feliciano.

— Você quer ajudar esse maldito?! — Irrompeu Tião, de punhos cerrados. — Ele merece estar aí! Monstro! Essa é a sua face, visconde!

— Quem é você, senão um irmão dele? — Devolveu o índio, direto. — Tão caído quanto ele! Igualmente criminoso! Esqueceu o que aprendeu com Esdras?

Tião não respondeu. Observando Feliciano retorcendo-se na lama, torturado por si mesmo, o negro recordou-se das lições que tivera no casebre de Esdras. Era, porém, difícil não culpar o cruel Feliciano por sua desgraça.

— Você sabia quem ele era e mesmo assim me trouxe aqui — proferiu o negro.

— Sim. O ciclo precisa acabar — retrucou Grajaúna. — São muitos os elos da corrente, e é hora do primeiro anel ser rompido. Há algum tempo, Feliciano estava prisioneiro de muitas de suas vítimas. Não pense, Tião, que era o único vitimado por ele na matéria. Feliciano ainda tinha inúmeros cobradores da encarnação anterior. Eu o libertei do jugo deles, e, desde então, ele está aqui, sendo torturado por si mesmo. A consciência dele está tão culpada que ainda não se permite sair de seu estado animalizado. O que você vê nessa fera nada mais é do que era Feliciano sob o manto de carne.

Tião, não obstante, não sentia prazer com a derrocada do inimigo. Ele refletia a partir de sua experiência. Soube que a jornada do antigo visconde seria ainda mais dura do que a dele próprio. Entendeu que não poderia julgar ninguém.

— Feliciano — disse Tião, dando um passo à frente —, ouça-me! Fui seu escravo e morri no tronco, após espancamento por ordem sua e como consequência de meus atos. Chega de ódio! Não aguento mais essa cadeia infeliz! Quero ser feliz e só o serei se me livrar das chicotadas que eu mesmo lancei sobre mim. Faça o mesmo, Feliciano! Procure ser feliz! Aceite a ajuda!

Feliciano ergueu a cabeça deformada. Seus olhos torturados encontraram-se com os de Tião, que não sentiu medo nem revolta. Os dois homens, antes inimigos, se encararam por longo tempo. Feliciano baixou seu rosto. Parecia ainda mais cansado. Tião fez uma prece, e Grajaúna pôs-se ao seu lado. Um tênue facho de luz rasgou os céus tenebrosos dos ermos, iluminando os três espíritos. Tião estendeu as mãos para Feliciano. Hesitante, o antigo visconde ergueu suas mãos retorcidas e agarrou as fortes mãos do antigo escravo, que ainda não estava liberto dos maus sentimentos, mas que, no entanto, estava disposto a aprender a ser feliz. O negro sabia que para ser feliz era necessário perdoar.

Grajaúna carregou o destroçado Feliciano até a borda da mata escura. O índio não proferira nenhuma palavra sobre o acontecido nem Tião procurara por palavras. Simplesmente observava o socorro prestado ao velho inimigo, vencido por si mesmo.

O índio lançou sobre o socorrido um longo sopro, e pareceu a Tião que cascas negras e apodrecidas se soltavam do corpo do antigo senhor de escravos. Em seguida, o mentor pôs na boca do sofredor algumas ervas, que trazia em sua bolsa, e novamente lhe aplicou passes revitalizantes.

Uma enorme cobra coral surgiu da mata e rastejou velozmente em direção ao grupo. A serpente subiu pelas pernas de Grajaúna e esgueirou-se pelos braços fortes do índio até suas mãos. A cobra passou para o corpo de Feliciano, desmaiado desde que Grajaúna o erguera do lamaçal. A coral percorreu todo o corpo do socorrido e depois fez um círculo em volta dele, marcando fundamente o chão. Com a tarefa terminada, a coral regressou à mata sombria.

Grajaúna e Tião velaram por Feliciano por muito tempo, e, a todo instante, o indígena aplicava passes regeneradores no sofredor. Tião, por sua vez, refletia sobre o acontecido. Os olhos do rapaz divisaram no céu escuro um luminoso ponto branco. Sorrindo, divisou a pequena Ifá vindo ligeiro ao encontro deles. Se Ifá estava por perto, pensou o jovem, Esdras também estava.

Mal lançara aquele pensamento, Tião viu o velho Esdras caminhando pela borda da mata escura, acompanhado por uma distinta senhora de cabelos prateados e vestes azuladas. O ancião negro sorria e acenava para seu tutelado, que vinha correndo em sua direção, tal como a criança que se lançava aos braços de seu amado avô. Lágrimas rolavam pelo rosto do jovem, que beijou as mãos enrugadas de seu querido protetor.

Esdras e Grajaúna cumprimentaram-se discretamente, mas com uma grande alegria implícita, pois aqueles emissários do Pai Maior amavam-se grandemente. A mulher ajoelhou-se ao lado de Feliciano e acariciou sua fronte atormentada. Aquela mulher, segundo Esdras, era Dona Cândida, mãe do antigo visconde, que tivera a missão de conduzir aquele espírito a melhores rumos. Falhara enormemente. Mas lá estava a mãe em socorro ao filho caído em prece a Deus.

— Não estão longe daqui — disse Esdras, voltando-se a Grajaúna. — Estamos sendo aguardados.

— Pois sim — retrucou o indígena. — Cândida velará pelo filho, assim como Tião ficará até voltarmos.

— O que está acontecendo? — indagou o rapaz, percebendo que algo importante ocorria.

— Feliciano estava sob o jugo de muitos espíritos que abraçaram a infelicidade e se negam a ver a Luz — respondeu Esdras. — Vamos tentar arrebanhar alguns que estiverem cansados dos tormentos.

— Eu quero ir — pediu Tião.

— Não — retrucou Grajaúna. — Você não está pronto.

— Sei que sou um espírito devedor. — Continuou o rapaz. — Tenho muito a pagar e sei que posso pagar essa dívida ajudando-os.

— Ajudará aqui. — Volveu Grajaúna com ar feroz. — Ficará!

Tião baixou a cabeça. Deveria respeitar a decisão dos protetores a quem devia muito. Ifá pousou no ombro do rapaz e deu-lhe umas beliscadas na orelha fazendo-o sorrir.

— Grajaúna — disse Esdras com suavidade —, concordo com você sobre nosso rapaz ser mais útil aqui. Entretanto, acredito que ele possa ser útil também assistindo ao nosso trabalho. Ele aprenderá a valorizar seus caminhos. Saberá que teve muita “sorte” de não ter sido agarrado pelos sofredores que iremos encontrar.

— Ainda é cedo para ele. — Disparou o índio, resoluto.

— É cedo, bem disse... — Insistiu o idoso. — Mas também oportuno.

Grajaúna, em silêncio, balançou a cabeça. Tião iria observar a tarefa dos dois espíritos trabalhadores dos ermos. A cobra coral regressou com o assovio de Grajaúna e enrolou-se perto da cabeça de Feliciano, que ainda jazia desacordado. Ifá pousou aos pés do sofredor, enquanto Cândida velava o filho com preces ardorosas.

Os três seguiram em direção aos temíveis ermos. Tião tinha certeza de que estava atrasando a marcha do velho e do austero índio. Os protetores, porém, nada disseram a esse respeito. Os morros foram sendo atravessados, e parecia que o solo diante deles ia ficando menos lamacento. Tião observou que o cajado de Esdras emitia um facho de luz prateada, muito tênue, que iluminava o caminho e secava a terra por onde passavam.

Chegaram, por fim, a uma grande colina escarpada, e, com dificuldade, o rapaz acompanhou os mentores hábeis e velozes. Mais de uma vez, Tião quase caiu, e Grajaúna, com impressionante rapidez, salvou o protegido.

— Esdras! Grajaúna! — disse uma voz de mulher chamando a atenção de Tião, que procurou endireitar-se e limpar a lama que o cobria.

Uma jovem esguia, de pele morena e traços indígenas surgiu, e seu cabelo era tão lustroso quanto uma estrela. Era belíssima aquela mulher de passos rápidos e decididos.

— Salve, Jandira! — cumprimentou Esdras, sorrindo. — Está tudo pronto?

— Sim — disse, seca e direta, a índia, sem notar a presença de Tião, cujos desejos não eram dos mais nobres. — Pelo visto, já encontraram um...

— Esse é Sebastião, tutelado meu e de Grajaúna há algum tempo — retrucou Esdras. — É um jovem muito capaz e vem aprendendo muito.

Jandira observou Tião de alto a baixo, com a mesma frieza com a qual Grajaúna o observara por ocasião das apresentações. Então, a bela índia, que trazia um longo arco, afastou-se silenciosamente.

— Seus pensamentos o traem — balbuciou Esdras aos ouvidos de Tião, que ficou envergonhado.

O grupo seguiu veloz em direção à borda do penhasco que haviam alcançado. Eles não falavam nem gesticulavam. Resolvido a não mais proceder erroneamente, Tião tentava manter-se em prece.

— É um grupo grande — anunciou Esdras aos três companheiros. — Uns cinquenta. Estejamos cientes de que nem a décima parte disso pode ser socorrida por nós... Que Nzambi nos ampare!

No alto do penhasco, que se erguia mais de cem metros, o grupo divisou um grotesco bando que se contorcia em si mesmo, em um triste espetáculo. Homens e mulheres maltrapilhos, com imensas chagas em sua aparência, embolavam-se como feras bravias. Alguns incitavam os outros à violência contra terceiros. Havia espíritos que jaziam amarrados a grandes pedras, sob explícita tortura de seres deformados. Gritos excruciantes de dor mesclavam-se a gargalhadas de pérfido prazer.

À volta deles, junto à encosta do penhasco, que se erguia diante do bando vil, um grupo de emissários da Luz reunia-se. Mulheres e homens negros, vermelhos e

brancos espalhavam-se, para espanto de Tião, que fora deixado ali por Esdras. O ancião descera com o casal de índios, e juntos espreitavam os sofredores em silêncio disciplinado. Pelo que o rapaz notou, aquelas pessoas, amigas de Esdras e Grajaúna, traziam vestes diferentes: umas usavam armaduras de metal; outras, apenas um manto de peles e saiotes de plumas como Grajaúna; e a maioria se vestia com trajes parecidos com o de Esdras.

Tião concluiu que outros grupos se reuniam em volta da horda, que resfolegava em perversidade e sofrimento. De fato, percebeu o jovem, Esdras tinha razão em afirmar como a “sorte” fora boa com ele por não ter caído nas garras monstruosas daquele grupo.

Em certo momento, uma senhora de cabelos trançados surgiu diante da horda, e seus trajes verdes esvoaçaram ao sabor da suave brisa que parecia vir de todos os lugares. A princípio, nenhum dos aviltados espíritos se apercebeu dela.

— Meus irmãos! — disse a benfeitora. — A dor pungente em seus corações está pesada demais! É hora de aliviar o sofrimento! É hora de descansar nos braços luminosos de Deus! Irmãos, recebam o bálsamo santificado em nome do Pai Maior, que os ama e os aguarda na Luz! Acordem! Meditem se vale a pena sofrer!

Àquela altura dos acontecimentos, a voz vibrante da mulher ecoava em cada um dos seres presentes ali, e muitos arrojaram-se ao solo, aparvalhados, enquanto outros praguejavam. Em prece, os trabalhadores da Luz espalharam-se em volta do bando temível. Uma luz branca parecia vir do céu turbulento em atendimento às orações. A mulher, que convocara os sofredores à reflexão, proferia a oração do pai-nosso, enquanto os demais, entre eles Esdras e Grajaúna, erguiam suas mãos para os sofredores em passes reconfortantes. Alguns dos sofredores agarraram as mãos dos trabalhadores e pediram auxílio, enquanto a maioria se encolhia e gritava de dor e pânico. Uns poucos se lançaram em louca corrida contra os servos da Luz, que permitiram que eles passassem por seus corpos etéreos e desaparecessem nos ermos vastos.

Tião contemplou todo o serviço de socorro com atenção e espanto. Seus olhos divisaram Esdras carregando uma mulher completamente arruinada, com delicadeza e alegria. Em seguida, vislumbrou Grajaúna afugentando uma dezena de ferozes sofredores, que havia se lançado contra um pobre espírito acorrentado nas rochas pontiagudas.

Com o bando de sofredores disperso, os trabalhadores da Luz reorganizaram-se. Foram resgatados dezessete deles, que necessitavam agora de auxílio imediato. Passes eram ministrados, e orações, algumas entoadas em doces melodias, foram proferidas.

Tião, que tomara o perigoso caminho que descia pela face do penhasco voltada para onde a tarefa dos obreiros da Luz se desenrolava, de repente estacou. Diante dele estava Maria da Conceição, semidesfigurada, quase nua e de face afogueada. Ela era um daqueles sofredores. A outrora escrava de Feliciano fitou Tião de alto a baixo e sorriu.

— Tião! É você?! — indagou a mulher.

— Sim, Maria! Minha doce Maria da Conceição! — exclamou Tião erguendo seus braços para a amada.

— Veja, Tião! — balbuciou a mulher torturada. — Eles nos atacaram! Até quando iremos sofrer?! Eu tinha aqui um reino de glória! Com súditos! Tinha um rei, que caiu no jugo daquela canalha! Até mesmo o cruel visconde, que mandou matar-me, era meu escravo e foi o primeiro a me ser tomado!

— Maria, deixe disso! — disse Tião, sentindo imensamente o perigo e tentando cercar-se de bons pensamentos. — Acalme-se!

— Por que me acalmaria, escravo? — Volveu a mulher. —— Fui novamente humilhada! Mas hei de recomeçar! Reunirei meus escravos que conseguiram escapar e governarei esta terra. Junte-se a mim, Tião, e, quem sabe, serei sua rainha? Imagine-se como um rei, Tião!

Com os braços sujos e feridos, Maria da Conceição tentou enlaçar Tião, que desviou para o lado. Seu coração fremia violentamente. Sentia amor por aquela mulher caída e sabia que Maria chegara até ali pelos próprios pés. Ela, de fato, era uma vítima de si mesma, como Esdras dissera antes.

— Você me nega, escravo? — indagou a mulher com desdém. — É o primeiro a rejeitar meus favores. Não parecia afeminado na senzala... ou será que aqueles canalhas o castraram? É isso, é?! Você é escravo daqueles canalhas! Maldito!

Uma flecha voou ligeira, passando de raspão no braço magro de Maria da Conceição, que grasnou de dor. Cega de dor e ódio, a mulher subiu as escarpas e

desapareceu na escuridão dos ermos. Tremendo, Tião divisou Grajaúna segurando desafiadoramente seu arco e, em lágrimas, agradeceu a intervenção oportuna do protetor.

Alguns dos socorridos foram encaminhados para estâncias de refazimento e outros seguiram para as casas que existiam naquelas terras, com o objetivo de recuperar o sofredor até que ele tivesse condições de ir para outras regiões. Enquanto os trabalhos finalizavam sob a direção de Guacira, que liderava aquela tarefa de socorro, alguns trabalhadores da Luz chegavam com alguns sofredores que haviam desistido das agrúrias durante a fuga alucinada. Esdras estava feliz com o expressivo número de resgatados e coube ao velho negro fazer a prece de encerramento, quando os espíritos da Luz deixaram aquele lugar de sofrimento.

— Você se saiu muito bem, Tião — disse Grajaúna. — Nas suas condições, não teria feito melhor.

— Fiquei com medo de ofendê-la e de fazê-la ir embora. — Continuou Tião, constrangido. — Não queria que ela me deixasse de novo.

— Sabemos disso. — Volveu o severo índio. — Ainda assim, você perseverou no amor ao Pai Maior.

— E Maria da Conceição? — indagou o rapaz.

— Despertará para a Luz — respondeu Esdras —, assim como os irmãos que jazem infurnados na lama do erro. Um dia, todos os filhos se reunirão à mesa com o Pai.

— Tião — proferiu Grajaúna —, nada mais tem a aprender conosco. Irá para uma das aldeias para aprender mais e um dia regressará à Terra dos reencarnados.

— Grajaúna, tenho algo a lhes pedir — disse Tião, fazendo os dois mentores pararem o passo. — Sou pequeno e ignorante, mas quero aprender mais sobre o resgate que vocês fazem. Irei aonde for necessário. — O negro ergueu o rosto em direção ao céu turbulento. — Na casa de meu Pai há muitas moradas, e aqui eu vejo muita beleza, fraternidade, perdão, fé e esperança. Peço-lhes a oportunidade de ficar aqui e ajudá-los como puder. Um dia, iremos, em nome de Deus, rever Maria da Conceição, Feliciano e tantos outros banhados na luz de Olorum, ou Nzambi, como você prefere, pai Esdras!

— Tupã! — bradou Grajaúna, sorrindo pela primeira vez.

O enorme Grajaúna dançou diante de Tião, enquanto Esdras, com lágrimas de luz percorrendo seu rosto marcado, fazia uma reverência discreta ao jovem que chegara a seus braços por meio da dor e da tristeza.

Tião permaneceu com seus dois amigos, aprendendo o sublime significado do perdão e da caridade, auxiliando os sofredores dos ermos, até que um dia o antigo escravo da fazenda Santa Maria se reencontrou com Feliciano, seu antigo algoz, e ambos prantearam lágrimas que purgaram os males cometidos na existência pretérita na Terra.

Sebastião tornou-se um nobre trabalhador da Luz e, mesmo obtendo a permissão para residir em Aruanda, pouco ia até lá, pois, conforme aprendera com seus mentores, o paraíso sempre vinha dentro de si. Vez ou outra, acompanhava Esdras em atividades de caridade voltadas aos encarnados na Terra.

Quando Maria da Conceição, após longos anos de tormentos autoimpostos, rendeu-se por fim, ela clamou por auxílio ao Pai. Então, chegou a ela uma pombinha de nome Ategún, que significava brisa na antiga língua dos iorubás, que, por sua vez, se seguiu de um estranho homem de vestes claras e de semblante sereno. A vibração balsamizante daquele recém-chegado acalentou as dores de Maria da Conceição, que, após tantos anos, sentia alívio de seu sofrimento. Lágrimas de alegria banharam o rosto da mulher que foi resgatada, em nome de Deus, por Sebastião.

O JARDIM

Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta.

(Mt 5:23-24)

O mestre estava prestes a completar cem anos. Sua lucidez e sabedoria brilhavam como o sol de verão, mas sua saúde declinava violentamente desde o último inverno. Seus cinco discípulos, percebendo o fim do líder, procuravam cercá-lo de carinhos e cuidados. No entanto, dentro de cada um deles, a suspeita inflamava o coração e a mente. Logo se perguntavam quem seria o novo mestre.

O carinho sincero foi sendo substituído por adulação e gestos pretensiosos. Todos queriam saber quem iria suceder o líder do templo. O sábio adoentado apenas fitava de sua janela os jardins multicoloridos que se estendiam à volta do templo. Os dias passavam, e o ancião enfraquecia cada vez mais.

— O mestre tem que anunciar seu sucessor! — exclamou Li a Ben Wu, enquanto ambos tomavam chá na cozinha.

— Pois sim — concordou Ben Wu, alisando sua longa barba grisalha. — Mestre Ig Fon tem que fazer o anúncio o quanto antes. E é certo que será a mim que cairá o encargo da liderança, já que sou o mais antigo e sábio.

— Ora! Ser velho não é título de nada! — retrucou Li, sarcástico. — E sua sabedoria, hum, é mais voltada para o vinho, não é?

— Respeite-me, tolo pervertido! Não acha que sei de suas libertinagens?! — rosnou Ben Wu, enfurecido. — Quando eu for o mestre, irei expulsá-lo do templo!

Imediatamente, os dois se atracaram. Eram conhecedores de variadas técnicas,

mas, imersos em cobiça e rancor, lutaram meramente como dois animais. Por fim, munido de uma faca, Li degolou Ben Wu, que estava desarmado.

O barulho da briga havia chamado a atenção de todos no templo, e os outros três discípulos de Ig Fon vieram correndo. Estes renderam Li com violência e o encarceraram em seu quarto. Em silêncio, os três candidatos a mestre do templo pensaram intimamente que a boa fortuna os havia favorecido, eliminando imediatamente dois rivais. Restavam somente mais dois.

Irrompendo bruscamente pelo aposento de Ig Fon, que jazia imperturbável em seu leito simples, os três pupilos relataram o ocorrido entre Ben Wu e Li.

— Devemos entregar Li à Justiça. Ele merece apodrecer na cadeia — disse Fang, de punhos cerrados.

— E enterrar Ben Wu entre os camponeses. — Emendou Mai Mai, meneando a cabeça em tom de reprovação. — Ele nos desonrou e não pode permanecer aqui no templo sagrado.

— Ben Wu e Li morreram para nós, porque o mestre não anunciou o sucessor — disparou Chen, arrogante.

Fang e Mai Mai fitaram Chen com o semblante perplexo. Fingindo escândalo, os dois reprovaram a atitude de Chen, enquanto o mestre apenas contemplava os jardins do templo. Aos olhos dos discípulos, o ancião de cabelos cor de pérola jamais parecera tão decrépito.

— A Justiça já está dentro de Li. Ele será atormentado até o fim de sua vida e na próxima por ter assassinado seu companheiro — respondeu finalmente Ig Fon com um fio de voz. — Ben Wu será enterrado no jardim das cerejeiras, para que de seu malefício resultem coisas boas, que um dia testemunharão em favor dele próprio perante Deus. E eles não morreram para nós. Viverão dentro de nós para sempre, lindos como eram. Não achem que Ben Wu e Li brigaram tão somente por eu não ter anunciado meu sucessor. Lutaram por não terem sido fortes o suficiente para não lutar. Esses dois filhos meus fracassaram, por isso precisam de nosso amor.

Li foi banido do templo, embora o mestre nada tivesse dito. O antigo aluno de Ig Fon já estava sendo devorado pelo remorso do vil assassinato e desapareceu das vistas do templo. Ben Wu foi enterrado sob a copa frondosa de uma antiga

cerejeira pelas mãos solitárias do jardineiro, pois os três discípulos não estavam dispostos a sujar suas mãos por um fraco. Dias depois, camponeses informaram que Li se jogara da alta cachoeira de Nan-Qi. Bondosos homens do campo trouxeram o corpo destroçado de Li, e os três alunos de Ig Fon disfarçaram seus sorrisos de satisfação e ironia, pois o beligerante Li não retornaria com possíveis represálias.

Ao saber da tragédia que se abatera, o antigo mestre pediu que enterrassem Li, e, novamente sozinho, o jardineiro encarregou-se silenciosamente da tarefa. Li repousou ao lado de Ben Wu sob a copa da cerejeira.

Naquela mesma noite, Fang, Mai Mai e Chen jaziam sentados confortavelmente no grande salão, que estava vazio das vozes doces e vibrantes dos companheiros. Repararam também que o salão se agigantara friamente sem o arrastar das chinelas e da voz rouca de Ben Wu e do timbre alto e vivaz de Li. Mas sobre isso os três não conversaram. Logo, os pensamentos tornaram-se ainda mais sombrios, e não tardou para que refletissem que o decrépito Ig Fon se apegava demais à vida, em contradição ao que ele mesmo pregava nas lições. Os três concluíram que, por temer morrer, Ig Fon se recusava a nomear o sucessor.

— O mestre perdeu a sabedoria — disse Mai Mai. — Apega-se à matéria em demasia...

— Sim — disse Chen. — Ig Fon se recusa a perceber que seu tempo passou. Somos amas de um velho senil. As pessoas da vila riem de nós, por isso não nos procuram para resolver seus problemas. Dizem que vão esperar o mestre melhorar! Raios!

— O pior disso, acho eu — emendou Fang —, é que fazemos tudo pelo velho e o que temos em troca? Ficamos vendo Ig Fon contemplar o maldito jardim!

— O que faremos, então? — indagou Chen.

— Somos irmãos sob a tutela do mestre... — Continuou Fang, com uma sombra no rosto. — Seria fratricídio lutarmos um contra o outro, exceto se, aos olhos da sociedade, abrirmos mão disso...

— Entendo — disse Chen, espiando o casebre do jardineiro pela janela, que era iluminado por poucas velas. — Juremos agora que não somos mais irmãos!

— Assim poderemos lutar com nossas consciências tranquilas. — Emendou Mai Mai, esfregando as mãos, ciente de suas habilidades. — O vitorioso será o mestre! Ig Fon não poderá negar o templo ao seu último pupilo!

Juraram e lutaram violentamente um contra o outro. Uma tempestade veio e castigou a região que era coroada pelo templo. Ao amanhecer, Fang subiu as escadas que levavam ao aposento humilde de mestre Ig Fon, deixando para trás Mai Mai e Chen trucidados. A porta do quarto foi aberta violentamente pelo sobrevivente, e Fang viu seu mestre de pé, trajando suas vestes usuais de monge. Os tecidos de enfermo estavam devidamente dobrados aos pés da cama. O olhar de piedade de Ig não arrefeceu a gana destruidora de Fang.

— Sou seu último discípulo — disse Fang, com um brilho louco no olhar. — Me dê sua bênção e parta desta vida em paz!

— Discípulo, você diz! — Devolveu Ig Fon, com a voz cheia de serenidade. — Pois sim. Você o é! Um aprendiz claudicante que não venceu os maus pensamentos...

O velho mestre caminhou lentamente para a janela e chamou Fang com um gesto. O sanguinário seguiu-o em silêncio. Ambos viram o dia chegar luminoso, em mil cores. O ar fresco tocou as faces marcadas dos dois com bênçãos, que Fang não podia perceber.

— Não há nada nesse jardim — disse Fang.

— Há tudo nesse jardim! — devolveu Ig Fon, com a voz cheia da antiga vivacidade. — Aqui vemos a Lei de Deus. Não é fácil manter um jardim que é confiado a nós por Deus! Tirar a erva daninha, adubar e regar... Até mesmo a poda, que não deixa de ser uma agressão, mas que objetiva conduzir a planta para melhor florescer e frutificar. O jardim é uma obra a serviço de Deus, que requer disciplina, fé, compreensão e paciência. Em suma: amor. Amar a terra e os seres que nela habitam.

— Eu domino as técnicas e a filosofia — atalhou o outro.

— Nós não dominamos nada — retrucou o ancião. — Pensei que tivesse alguma sabedoria, ainda que ínfima, Fang! Meu filho amado. Veja! As ciências do homem não suplantam as ciências de Deus. Nunca! Nós devemos ser fiéis e perseverar com humildade e paciência. Estou morrendo. Como eu, você está

morrendo na matéria. Nossos espíritos são imortais. Como você ousa pensar que meu tempo passou?

— Mas... — balbuciou Fang.

— Você e os outros resolveram, por comodidade e negação, que havia chegado a hora de uma nova estrela brilhar — Prosseguiu Ig Fon. — Não é assim! Vocês esqueceram que brilhavam há muito tempo! Agora quantas estrelas brilham, meu filho?

Fang baixou a cabeça. Lembrou-se de inúmeras crianças que tratara com seus medicamentos e dos alunos que tinham aprendido ciências com ele. Sentiu vergonha.

— Tudo, na verdade, é um jardim — disse mestre Ig Fon, pondo suas mãos encarquilhadas nos ombros do pupilo. — Vocês se esqueceram disso. Eram sábios e felizes e se tornaram tolos e vis. O jardim da alma de vocês infestou-se de pragas.

— O senhor sabia que isso iria acontecer — sentenciou Fang com súbito assombro.

— Sim. Sempre soube de suas más tendências — respondeu o ancião. — E eu também as tenho. Porém, não permiti que as ervas daninhas tocassem meu coração. Um trabalho árduo que ainda não acabou, meu filho.

— Como iria escolher seu sucessor? — indagou Fang, com lágrimas rolando por seu rosto.

— Não iria escolher — resumiu Ig Fon. — Deus é quem escolhe. Sempre. Quando a pessoa está pronta, o trabalho surge.

— E agora... — ponderou Fang. — O que acontecerá, já que só eu restei?

— Não entendeu ainda? — Sorriu Ig Fon. — O jardineiro pode ser qualquer um, mas não é qualquer um que pode ser jardineiro. Para ser jardineiro, é necessário saber amar...

Os olhos dos dois homens pousaram no pequeno jardineiro, que caminhava lentamente por entre as flores, sem esconder a satisfação. Ele sentia o júbilo que

Deus enviava para toda a Terra. Não conhecia as minúcias da filosofia e das técnicas, mas conhecia o amor.

Vencido por si mesmo, Fang beijou as mãos veneráveis do velho mestre e saiu do templo. Iria dedicar sua vida à busca do amor. Ele viajou por muitas terras, viu alguns dos inúmeros reinos dos homens e, por fim, desapareceu.

O jardineiro Bai foi alçado a mestre do templo, e sua administração foi justa e cheia de amor. O vale floresceu, e as pessoas eram felizes. Certo dia, mestre Bai caminhava por entre as flores do jardim e deparou-se com um velho mendigo. Apoiado em um cajado, o estranho andarilho ajudou um filhote de passarinho a voltar para o ninho.

— Tudo tem seu lugar no mundo, avezinha — balbuciou o velho andarilho.

— Temos sopa, amigo — convidou mestre Bai. — Sua companhia me daria um imenso prazer.

— Que lugar é esse? — indagou o mendigo.

— Este é o templo de Nan-Qi — respondeu o venerável mestre Bai.

Lágrimas sobrevieram ao rosto emaciado de Fang, que não reconhecera o lugar belo em que vivera. Sempre fora cego para os jardins e lá estava ele, caminhando por entre as azaleias e os jasmins, sob as copas das árvores que desprezara por tantos anos!

Dando meia-volta, Fang, envergonhado, tentou alcançar a estrada.

— Fang — disse Bai —, não quer ir ver onde descansa mestre Ig Fon?

De cabeça baixa, Fang não conseguiu mover-se. Gentilmente, mestre Bai conduziu o andarilho até a velha cerejeira, que adquirira ainda mais estatura ao longo dos vários anos. O mendigo notou que a árvore estava em sua majestade máxima, pois flores cintilantes refletiam a luz do sol. De fato, era um cenário que fez os dois velhos permitirem que lágrimas corressem por suas faces marcadas.

— Mestre Ig Fon amava tanto seus últimos discípulos que pediu para ser enterrado com eles — disse Bai. — Você aprendeu muito sobre o amor. Falta

apenas entender que amar a si próprio também é importante. Perdoe-se!

— Como posso me perdoar? — indagou Fang.

— Quando encontrar a paz, terá se perdoado — respondeu Bai.

Foi assim que mestre Bai empregou Fang como jardineiro do templo, e este, que já entrara na estrada da felicidade, encontrou a paz interior. Por alguns anos, Fang cuidou do jardim até que resolveu ir até a cerejeira repleta de frutos e ajoelhar-se a seus pés. Redimido, Fang morreu. O antigo assassino foi sepultado ao lado de seu mestre e de seus irmãos, e flores brancas surgiram sobre seus túmulos.

Nos seus últimos dias de vida, mestre Bai dizia a seus discípulos que costumava ver mestre Ig Fon e seus alunos caminhando pelos jardins, cuidando e tratando dos pequenos seres que ali habitavam, aprendendo sobre o Amor.

O SEGUIDOR

Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.

(Mt 5:44)

A fuga era desesperada. Não se importava com seus companheiros. Seu mestre, aprisionado diante de seus olhos, ainda lhe dera uma reprimenda quando tentara salvá-lo. Seu peito parecia que iria explodir. O suor cobria seu corpo forte. Seu mundo caíra e pensava apenas em sobreviver.

O pescador esgueirou-se como um rato por entre casas e árvores. Era caçado por oficiais romanos e por fariseus. Seria passado a fio de espada caso fosse encontrado. Os fariseus, aliás, festejavam a derrota do baderneiro e de seu bando, que perturbavam seu opulento sono fazia três anos. O fugitivo tinha que escapar dali. Para o exílio? Talvez. Uma fuga para toda a vida.

Nas horas mortas da madrugada, o fugitivo foi acuado por homens que varriam a região à cata dos seguidores de Jesus. Olhos duros e ferozes foram postos sobre a face esquálida e aterrorizada do homem.

— É seguidor de Jesus?! — indagou com violência um soldado romano.

— Não! — respondeu o outro, aparvalhado.

— Acho que é seguidor daquele que se declarava o Messias! — gritou um fariseu, que vinha como um chacal sobre o cabrito ferido.

— Não! — repetiu o fugitivo.

— Não segue Jesus? — perguntou alguém sem rosto, vindo da escuridão.

— Não! — gritou o pescador, e seu grito era um misto de agonia e tristeza.

Com a terceira negativa, o galo cantou tal como o Rabi tinha dito. Mais um fracasso. Como ele, que falhara em tantas provas junto ao Mestre, recebera tanta

confiança Dele?

Esmagado pela vergonha, o pescador rastejou para fora dali, sem ser incomodado por mais ninguém. Abandonara a todos. Abandonara a si mesmo.

A luz do dia finalmente chegou. O homem, alucinado em sua fuga, tropeçou em uma pedra e caiu violentamente no chão empoeirado. Suas lágrimas, furiosas e salgadas, chegaram à sua boca. Os olhos vermelhos fecharam-se.

Imediatamente, o pescador voltou até o dia em que encontrara o Rabi pela primeira vez na pobre aldeia. Suspirando de angústia, recordou-se das caminhadas pelos campos e da lição fracassada, quando o Mestre andou sobre as águas, e ele, não. Lembrou-se das palavras duras do Rabi aos pupilos quando estes fracassaram ao curar os doentes.

Agora, o Mestre se fora. Não tinha como libertá-lo do jugo dos romanos, por mais forte que fosse. O medo levara-o para longe do Rabi. Se junto ao Mestre fracassara nas lições, como venceria na ausência Dele?

Os olhos do pescador abriram-se e contemplaram as nuvens do céu. Ajoelhando-se, o homem juntou suas mãos sujas e esfoladas. Não sentia a dor da carne, mas sua alma imperecível gritava de dor.

Por longo tempo, o homem permaneceu ajoelhado, com o coração voltado ao Mestre e ao Pai. Suas lágrimas cessaram. O pescador de Genesaré, antes confuso e perdido, baixou seus olhos. Humilde, beijou o solo seco que o sustentava.

Fracassara, é verdade, entendia agora. Os fracassos eram para fortalecê-lo para a grande prova que chegara. As lições, quase todas — sentia ele —, estavam dadas. Sabia agora que antes era mais um acompanhante do Mestre. Agora deveria ser, de fato, seu seguidor. Ser seu discípulo. Uma voz do Mestre, que naquele momento alcançava o Gólgota para o suplício final.

Chegara a hora de ser a rocha que o Rabi anunciara. Erguendo-se na direção da cidade, Simão elevou seu grande coração, não para seu Mestre, mas para os algozes dele. Entendera, por fim, qual era a prova.

Compreendera que perdoar era amar.

A partir daquele momento sublime, ele era Pedro de fato e, ciente de sua

verdadeira missão, partiu. Para o mundo.

O DEFUNTO

Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me.

(Mt 17:21)

Incrédulo, assistia ao espetáculo. Idas e vindas de gente de que nem se lembrava, trajando suas melhores vestes. Alguns tinham ido só para ver se era verdade a intempestiva notícia. Outros traziam lágrimas sinceras no rosto. Uns poucos, no entanto, traziam ares de escárnio.

Uma senhora de aspecto humilde fez uma prece aos pés do falecido Jarbas, cujo espírito, atônito, fitava tudo. O finado gritara, gesticulara para chamar a atenção de qualquer pessoa, mas não fora notado por ninguém. Berrara até se cansar.

— Doutor Jarbas, fique em paz — disse a velhinha pobre. — Ajudou muita gente. Deus o recompensará muito!

Jarbas, finalmente, reconheceu a mulher. Era uma costureira, cujo trabalho ele apreciava. Pagava-lhe sempre uma boa gorjeta e, vez ou outra, entregava-lhe algumas roupas velhas para os filhos dela. Certa vez, chegara a comprar um ou dois livros para eles, mas essa recordação custou a vir à mente do falecido.

O velho advogado, agora defunto, viu a costureira ir embora. Pareceu-lhe que a mulher trazia uma estranha luz. Logo, porém, as atenções de Jarbas desviaram-se para um diálogo entre dois antigos conhecidos.

— Se nosso bom Jarbas Cavalcante visse aquela velha rezando por ele — disse um homem calvo, com expressão de deboche —, pularia do caixão e a esganaria. Ainda bem que não puseram um padre para arengar coisas que não existem!

— A velha veio se despedir, Mourão — ponderou o outro, cujo nome era Antenor. — Ela fez do jeito que sua rústica mentalidade permitiu. Afinal, muitos precisam de cabresto, e que cabresto é melhor do que um Deus fictício que

propõe um Reino onde todos são príncipes?

— Muito preciso seu comentário, Antenor — concordou Mourão. — Jarbas iria cumprimentá-lo por isso. Só os ignorantes se valem de uma força nunca vista e não sentida. O mundo é dos homens e só. Quando morremos, acaba-se e pronto. A única vida além da morte é a que fica nas lembranças dos amigos.

Jarbas ouviu aquelas palavras com desconforto. Ele fora o divulgador de conceitos ateus para aqueles dois amigos e, de fato, em outra situação ficaria satisfeito por ouvi-los falar daquela maneira.

Nunca, jamais, em tempo algum, o nobre defunto imaginaria que os ignorantes tivessem razão. Porém, a poucos metros, seu corpo frio estava ali, semicoberto por flores brancas de gosto duvidoso. Toda a situação era muito esquisita.

— Você já percebeu que está errado em seus conceitos? — indagou uma voz feminina.

Jarbas virou-se e viu uma senhora distinta sorrindo para ele. Ela usava um longo vestido violeta-claro e falava visivelmente com o finado advogado.

— Você me vê! — exclamou Jarbas, passando a mão na cabeça suada e desgrenhada. — Caramba!

— Pois sim — respondeu a senhora. — Vejo com os olhos e com o coração. Muitos aqui o veem também, mas com os olhos do coração.

— Como estou aqui e ali? — indagou Jarbas, apontando para seu cadáver inerte. — Isso não pode ser a morte!

— Não existe morte, Jarbas — explicou a enigmática mulher. — Apenas deixamos nosso corpo físico, que nos funciona como uma casca provisória.

A mente esgazeada do advogado girou ainda mais, e ele tentou ajeitar o cabelo encanecido. Seu peito ardia violentamente desde que se descobrira em dois lugares diferentes.

— Sempre foi dito que há o Céu e o Inferno. Onde estão? — indagou Jarbas, procurando uma saída para sua situação.

— Trazemos o Céu e o Inferno dentro de nós — respondeu calmamente a dama, que parecia emanar uma tênue luminescência. — Agora, meu querido, é hora de acalmar o coração. Entenderá tudo em breve. Deve descansar.

— Descansar? — repetiu o velho doutor com ironia. — Pelo que vejo, descansarei pela eternidade nesta capela tosca. Ou me será facultado sair daqui?

— Até mesmo após o desenlace há o livre-arbítrio, Jarbas — disse a mulher. — Para tudo há ação e reação. Ouça meu conselho e acalme-se.

— Aliás, me perdoe. — Atalhou Jarbas, percebendo que sua situação esdrúxula o fizera esquecer os bons modos. — Minha condição me alterou tanto que perdi a compostura por um momento. Como se chama, distinta senhora?

— Mariana — respondeu a dama com um sorriso. — Vim assisti-lo em sua atual condição. Posso, aqui mesmo, esclarecê-lo em alguns pontos em que perguntas se fazem presentes. Depois, o acompanharei a uma estância específica.

— Pois bem — resfolegou Jarbas, percebendo a autoridade que Mariana parecia dispor. — As pessoas aqui não me veem porque sou um fantasma. Ficarei aqui para sempre? Se estou mesmo morto, por que suo e tenho violentas palpitações cardíacas?

— Avaliar-se fantasma não é de todo errado, ainda que seja um termo não usado por nós — respondeu rapidamente Mariana, denotando eficiência e até mesmo certa expectativa naquelas inquirições apresentadas por Jarbas. — Espírito é um termo melhor. Como já lhe disse, ninguém o vê com os olhos. No entanto, pode ser percebido com o coração. — A dama contemplou a reunião em torno do corpo inerte do advogado. — Não se preocupe, por ora, com conceitos. Creio ser mais urgente para você a questão do suor e das palpitações. Você é recém-readmitido nos planos espirituais e os reterá por algum tempo ainda devido à memória orgânica não estar trabalhada. Eleve seus pensamentos a Deus, e esses sintomas diminuirão.

— Presumindo-se que Deus exista, onde Ele está? — Continuou o aturdido advogado.

— Deus está em tudo! — Sorriu Mariana, enquanto Jarbas se apoiava cansadamente na borda do próprio caixão. — Tudo é obra Dele. Ocorre que você não o sente, justamente porque não quer. Já ouviu a máxima: “Na casa de meu

Pai há muitas moradas?”. Pois bem, nosso Pai está em todas elas, mas Sua face excelsa só pode ser vista em esferas mais elevadas. Entendeu?

— Porque nesses lugares mais altos se enxerga Deus com os olhos do coração — sentenciou Jarbas, espantando-se com a própria reflexão.

— Sim. — Atalhou a outra meneando a cabeça venerável em acordo.

— Não obstante, são respostas diferentes do consenso dos vivos, mesmo dentre os líderes da área religiosa — argumentou Jarbas, fitando seus dois velhos conhecidos. — Como pode ser?!

Mariana contemplou o pupilo com doçura quase palpável. A tranquilidade dela afetava-o. O antigo advogado voltou-se para a família que tanto amava e zelava com fervor. Leda, sua esposa, estava cercada pelos filhos crescidos. A viúva e os órfãos traziam lágrimas discretas nas faces fatigadas. À medida que fixava os olhos na família, Jarbas divisou vultos e depois rostos bem definidos. Essas estranhas faces, próximas aos amados do finado, eram serenas e venerandas como a de Mariana.

— Quem são eles? — indagou Jarbas a Mariana.

— Ah, já vê os amparadores — elogiou a doce entidade. — São os amigos desencarnados de sua família. Todos os reencarnados são acompanhados por entidades que são atraídas e mantidas, em muitos casos, por simpatia vibracional. É um bom tema de estudo, mas é profundo neste momento. Prometo que entenderá melhor...

— Leda sempre foi uma cristã devota — proferiu Jarbas com um suspiro, interrompendo Mariana. — Eu muito lutei com ela por isso. Temia que meus filhos fossem escravos da religião.

— Sei disso. — Volveu a benfeitora de Jarbas. — Leda sempre foi uma pérola em sua vida. As crianças também.

— Falhei com meus filhos — resmungou o novo defunto.

— Não por isso. Ensinou-lhes a necessidade das leis dos homens, a coesão dos atos — esclareceu a dama. — Você é um homem bom para sua família, um bom cristão, ainda que nunca tenha se assumido temente a Deus.

— Não entendo — balbuciou o homem. — Como posso ter sido um bom cristão?

— Ao homem será dado conforme suas obras, Jarbas — asseverou Mariana. — Você sempre buscou a justiça dos homens. Pagava as contas com rigor, mas sabia perdoar os atrasos nos pagamentos daqueles que lhe deviam. Foi um exemplo para sua comunidade no que toca à retidão moral. Doava recursos para que sua esposa ajudasse os necessitados e não impedia seus compromissos religiosos. Quantas palavras amigas deu aos desesperados que cruzaram seu caminho... Acha que suas práticas não eram caridade?

— Era minha obrigação perante a sociedade! — insistiu o velho advogado.

— Auxiliar o próximo — atalhou Mariana — é amar a Deus! Sua fé na humanidade o fez um bom cristão.

— O que fiz foi tão pouco! — lamentou Jarbas meneando a cabeça.

— Decerto — concordou a entidade. — Ainda assim, o que fez é importante. Nada é desconsiderado ou pouco valioso.

— Poderia ter feito mais — resmungou o finado.

— Poderia mesmo — sentenciou Mariana.

Jarbas silenciou. Sua vida corria diante de seus olhos cansados. As palavras que lançara contra Deus amargavam sua boca. Uma súbita fraqueza balançou-o. Mariana, com delicadeza, amparou-o.

— No todo — balbuciou Jarbas —, eu mereço o Inferno. Posso ter feito coisas boas aos olhos de Deus, mas o número de coisas ruins é deveras grande.

— A árvore que plantou é mirrada — argumentou Mariana —, mas seus frutos são doces. Não se lembra da costureira Anastácia, que veio até aqui? Muitos dos beneficiados por você não puderam vir em termos de matéria, ou corpo presente, como você diria. No entanto, muitas orações chegam até você. São essas que mais contam!

— Sempre acreditei que a ciência fosse a Verdade! — exclamou o recém-desencarnado.

— Você está correto, em parte. — Devolveu a benfeitora. — A Ciência, como os encarnados chamam, é obra de nosso Pai. Todos os processos, todas as fórmulas e equações... Tudo emana de Deus! O problema é que alguns acreditam que podem controlar a ciência. No entanto, a ciência, que ocorre por inspiração de nosso Pai aos seus filhos, deveria ser vista como um gesto natural de Deus.

— Sempre neguei a existência de Deus! — bradou Jarbas.

— E sempre foi um bom filho Dele — interrompeu a outra.

— Enquanto eu via meu corpo sendo preparado, pensava em minha família lançada à própria sorte. Agora sei que eles estão em melhor situação do que eu...

— Mais uma vez, seu raciocínio foi muito correto — disse Mariana.

— Para onde irei? — perguntou o advogado, certo de que chegara a hora de apartar-se de seu corpo frio.

— Irá a um lugar semelhante a um hospital, onde passará por refazimento e receberá outras explicações — respondeu docemente a entidade. — A breve separação de sua família e de seu mundo serão benéficas para todos. Um dia, todos se reencontrarão e traçarão novos planos de evolução.

Os olhos de Jarbas pousaram em seus dois amigos ateus. Preocupou-se imensamente com eles. As mãos leves e confiantes de Mariana pousaram nos ombros fatigados do ex-advogado.

— Seus amigos acordarão para a Verdade — disse a mulher. — Um dia, você talvez possa ajudá-los. Lembre-se: Deus nos ama tanto que nos perdoa as más ações, ainda que tolas. Ninguém ficará para trás.

— Ajudarei, sim — proferiu Jarbas, com confiança.

— Agora chegou a hora de ir — anunciou Mariana. — Os laços derradeiros que o prendiam aqui foram cortados.

Amparando o velho ex-ateu, que se descobrira servo de Deus, Mariana tornou-se luz e levou-o dali para um posto de recuperação. Jarbas, um dia, retornaria e traria em sua fronte a luz da Cruz Redentora que todo bom servidor emana.

O JESUÍTA E O PAJÉ

Por isso vos digo: O Reino de Deus ser-vos-á tirado e será confiado a um povo que produzirá os seus frutos.

(Mt 21:43)

O pajé sentou-se diante do jesuíta. O interesse do velho índio ocorrera por conta de um pequeno curumim, que falara em um homem morto em sacrifício e que depois surgira entre seus companheiros três dias depois. Em seguida, esse estranho homem voara para o céu e desaparecera entre as nuvens.

— Que bom que veio conhecer Deus! — exclamou o jesuíta, que atendia pelo nome de Ubaldo.

— O senhor é Deus? — perguntou o pajé, arregalando os olhos na língua geral dos índios.

O jesuíta segurou a cruz de madeira e falou alguma coisa numa língua estranha, que não era a mais usada pelo homem branco e que o antigo pajé compreendia um pouco. O homem gordo voltou-se para a grande cruz dourada no altar e resfolegou.

— Não sou Deus — retrucou o português. — Sou o jesuíta Ubaldo. Estou aqui para salvar sua alma, apesar de muitos na Igreja afirmarem que vocês não as têm.

O pajé Akuan observou a feia taba de barro batido que os brancos tinham erguido e achou-as escuras demais, além de frágeis. Em respeito ao jesuíta, o índio desviou seu olhar das paredes, já que não queria dizer a Ubaldo o que pensava da morada dele, caso fosse perguntado.

— Filho de Deus — prosseguiu o sacerdote —, tudo que vemos é obra de Deus. O sol, a lua, o mundo! Nós somos filhos de Adão e Eva, que foram expulsos do Paraíso...

O jesuíta então contou ao pajé sobre muitas coisas inseridas no grande livro chamado Bíblia. O índio, imóvel, prestava respeitosa atenção. Às vezes, o velho pajé arqueava as sobrancelhas marcadas e pensava que algumas informações não possuíam o menor sentido.

Ubaldo, por sua vez, nunca tivera um ouvinte tão comportado e silencioso. A empolgação tomou conta do sacerdote, que logo narrou as batalhas que a cristandade travara nos desertos longínquos e poeirentos em torno de um lugar chamado Jerusalém.

— Falei muito hoje das histórias de Deus — proferiu Ubaldo, solene. — Rezemos, pois, a mais divina das orações e amanhã continuaremos sua caminhada para Deus.

— Pai Ubaldo — disse Akuan —, vim aqui para ouvir sobre o Homem da Cruz, que se assemelha ao nosso Yurupari, que nasceu da intocada Ceuci e nos trouxe muitas leis. Deve-se respeitar Yurupari, pois virou deus dos sonhos. Depois, você falou sobre Deus. Agora pajé vai falar.

— Não é assim, índio — sentenciou Ubaldo com ar de petulância.

— No tempo em que os velhos não forem ouvidos e as histórias não forem contadas, o mundo, então, se afogará nas águas. — Disparou o pajé, com firmeza. — Essa é a Lei.

Ubaldo percebeu que o índio não iria ceder, e sua mente astuta levou-o a lembrar que aquele velho selvagem era fundamental no processo de cristianização de toda a tribo. Sentando-se pesadamente no banco, o sacerdote esboçou um sorriso.

— Tupã é o Pai de Tudo — anunciou Akuan. — Criou as estrelas, o sol e a lua, como pai Ubaldo bem disse. Tupã nos deu a vida para caminhar em sua grande terra. Ele nos deu as flores para contemplar, os rios doces para beber e nadar. Criou o mel para adoçar nossa boca, embora tivéssemos de usar a coragem para poder saboreá-lo. Tupã deu tudo a nós, embora tivéssemos de caçar, pescar e plantar para que não atrofiássemos e trouxéssemos vergonha para Ele. Tupã concedeu muitas coisas a nós, seus filhos, e quando morremos, se merecermos, iremos viajar pelas estrelas e habitar com ele. Tupã nos disse para possuirmos somente aquilo que nos é suficiente. — O pajé então suspirou e sorriu para o jesuíta incomodado. — Às vezes, os espíritos sagrados vêm até nós trazendo

dizeres de Pai Tupã.

Ubaldo esforçava-se muito para segurar o riso, pois Akuan gesticulava de forma ridícula, enquanto falava com ar solene. Ainda bem, concluíra o jesuíta, que não havia ninguém por perto para ver aquela cena triste dentro da capela.

— Pai Tupã — prosseguiu Akuan — é um nome amoroso que nós damos ao Pai Maior Yamandú. Para a tribo dos brancos, que veio nas grandes jangadas, é Deus. Para mim, Tupã tem a pele vermelha. Para você, Ele tem a pele branca. Se Deus criou tudo, assim como Tupã, por que ele apareceria branco para mim e vermelho para você? Não é melhor que Ele pareça com os filhos dessas duas grandes tribos?

Ubaldo abriu a boca, chocado. Era uma heresia gravíssima, cuja pena seria a morte imediata. No entanto, percebeu o jesuíta, o semblante do índio não era de desafio.

— Deus nos trouxe aqui para que possamos salvá-los do diabo, pajé! — argumentou Ubaldo, mas a voz saiu-lhe fraca. — Deus concedeu à Igreja o poder para conduzir os povos.

— Deus só mora na Igreja? — indagou Akuan, sereno. — Por que, então, o Homem que Morreu e Voltou não entrou em uma, segundo seu relato? Quer dizer, certa vez o Homem Morto que Voltou entrou em uma para expulsar aqueles que ofendiam ao Deus do branco e, antes disso, quando era um pequeno curumim para ensinar aos velhos. Se Tupã está em todos os lugares, por que não Deus?

— Deus está em tudo, oras! — exclamou o jesuíta, sentindo a cabeça girar.

— Por que os brancos constroem igrejas e põem suas palavras naqueles tocos cortados, que chamam de cruz? — indagou placidamente Akuan.

— Para se ter um local específico — respondeu Ubaldo, suando em bicas. — Com o único objetivo de adorar a Deus.

— Por que não escolher a sombra de uma árvore, que é obra de Deus? — Volveu o pajé. — Na sua terra não tem árvore?

Ubaldo sentia-se desconcertado. Uma raiva súbita crescia dentro de si. Como um

selvagem punha à prova a Santa Igreja?

— Basta! — Irrompeu o sacerdote. — O que você diz é blasfêmia! A Igreja pode matá-lo por isso!

— Mas Deus não o fará — proferiu o velho pajé, ainda sentado em seu banco. — A Igreja pode quebrar meu corpo velho, porém, não matará minha alma, pois Tupã é meu Pai. As grandes lutas que contou, em nome do Homem da Cruz, foram em vão. Se Deus perdoa e ama, acredita que Ele achou bonito o que fizeram com os vencidos? Nós, que vocês chamam de índios, ao menos respeitamos os vencidos. Querem que eu abrace o Deus branco? Eu O abraço, pois Ele é Tupã! Querem mudar os nomes das coisas que conhecemos, pois que seja. — Akuan sorriu, e sua voz adquiriu um tom ainda mais reverente: — A alma do índio e a do branco não podem morrer!

O jesuíta, aterrado, apenas observou quando o franzino índio pareceu ganhar mais estatura.

— Aprenderemos seus modos — disse Akuan com resignação, como se visse os dias vindouros. — Até nossos nomes e rostos desaparecerão. Nós, chamados pelos brancos de índios, iremos ensinar aos seus curumins pálidos o valor da obra de Deus. Um dia, pai Ubaldo, os brancos se lembrarão dos índios e do nome que nós dávamos ao Pai Maior. Os brancos dirão em voz alta que nós éramos verdadeiramente filhos de Deus.

Um estranho sentimento tomou conta de Ubaldo. Ao longe, um pássaro entoou uma linda melodia. O jesuíta piscou. Antes, via os índios com olhos amargos e preconceituosos, mas descobriu a grande sabedoria daquele povo rude. Em silêncio, Ubaldo observou Akuan se retirar e caminhar por uma das trilhas abertas. O velho pajé não se voltou para contemplar a igreja nem o homem branco com quem conversara. O índio, contudo, parou para admirar um jovem jequitibá rosa que se erguia ao largo do caminho, que tinha escapado dos machados aguçados dos brancos. O português, ainda fulminado pelas palavras do selvagem, viu o ancião sorrir para a planta, como se agradecesse a ela e então partiu. Finalmente, Ubaldo voltou-se para a cruz do altar e cerrou seus olhos, para, em seguida, abri-los com uma nova visão.

Houve que, desde aquele encontro com o pajé Akuan, o jesuíta se dedicou a aprender com os índios, enxergando Deus através dos olhos deles, até que, por

fim, já velho e alquebrado, Ubaldo pressentiu que a hora de sua morte tinha chegado.

Agradeceu a extrema-unção dos jesuítas, que agora eram vários, e pediu que abrissem a janela. Podia ver a mata verdejante farfalhando ao sabor do vento. Mais ao longe, viu o alto e espesso jequitibá rosa, preservado por ordem sua. Lembrou-se de Akuan, que nunca mais fora visto por ninguém. Lentamente, o corpo do velho jesuíta começou a esfriar. Enquanto os lábios frouxos de Ubaldo tentavam articular a expressão “Deus”, seu coração espiritual jubilava por Tupã.

Akuan surgiu à porta, sorridente. Atrás deles uma luz branca realçava a mata. Ubaldo levantou-se da cama e abraçou o pajé. Ambos, sim, eram filhos iguais perante Deus-Tupã. Juntos, fitaram o céu, que derramava sobre os dois o bálsamo suave que só o Criador poderia ofertar a seus filhos bem-aventurados.

PERDAS E GANHOS

Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas.

(Mt 12:28)

Fitava o sepulcro em silêncio. O doce Bernardo estava desprovido de sua casca. A pequena criança sofrera muito no último ano e agora estava liberta da matéria. Era esse o conforto que Catarina sentia. Vivera o suficiente para enterrar o filho e agora o neto. A idosa não pranteou quando soube do falecimento da criança, mas o fez bastante ao longo da doença que acabou por arrebatá-lo.

Desesperada, Heloísa, sua nora, lançou-se sobre o corpo frio do filho como uma leoa ferida protegendo sua prole. Contida por mãos gentis e firmes, a mãe desolada foi removida para outro quarto hospitalar.

Delicadamente, Catarina acompanhou a distante nora e suportou a ira de Heloísa quando ouviu da jovem amargurada palavras duras. Agora, as duas mulheres estavam diante do jazigo onde estavam os restos de Márcio e Bernardo. As duas não sentiam a brisa que acariciava seus rostos exaustos, mas o estado íntimo de ambas era muito diferente.

— Eles estão bem — disse Catarina com voz quase inaudível.

— Bernardo precisa de mim — lamentou a outra. — O que será de mim sem meu filho?

— Sua vida tem que continuar. — Prosseguiu a idosa. — Foi feita a vontade de Deus.

— Que Deus é esse que leva um homem de bem e depois tortura uma criança para depois matá-la?! — indagou Heloísa.

— O mesmo Deus que nos ama e nunca nos abandona, filha — asseverou

Catarina. — Sinto a mesma tristeza que você, mas não podemos questionar a sabedoria de Deus.

— Um Deus de amor não faz uma mãe enterrar o próprio filho! — Continuou Heloísa com o rosto ardendo: — E você, velha como é, por que não morre logo e me livra da sua gélida companhia?!

Irrompendo em soluços, Heloísa debruçou-se sobre o tampo do jazigo. Catarina cerrou os olhos. Setenta e dois anos cheios de marcas profundas. Sabia que era vista como uma pessoa insensível, fria até. Aquilo nunca a incomodara até então. Queria abraçar a filha do coração, mas algo a impedia. Seus olhos fitaram as nuvens brancas. Silêncio.

— Vivo há muito tempo — disse, por fim, a senhora de cabelos encanecidos. — Não tenho mais uma longa estrada pela frente. Passei por muitas perdas. Também ganhei muito.

— Do que fala? — indagou a outra com a voz entrecortada.

— A vida é uma dádiva, filha — disse Catarina. — Uma graça dada para nossa progressão. Todos têm uma missão que deve ser cumprida. Márcio e Bernardo fizeram a parte deles e se foram. E nós? Permanecemos aqui, cegas para tudo o mais, exceto para nossos desejos. — A voz da mulher mais velha era vibrante. — Nós queremos que nossos mortos voltem e fiquem conosco para sempre. Será que eles iriam querer isso? Será que não precisamos passar por isso para aprendermos a sermos menos egoístas?

Heloísa parara de chorar e fitava a sogra com a boca aberta. Sentia-se fraca, mas algo dentro dela pulsava com força.

— Não somos vítimas de Deus — prosseguiu a sogra. — Somos filhas diletas Dele. Temos apenas que aprender a ter resignação e esperar.

— Você está sem seu remédio. — Disparou a nora.

— Estou lúcida, filha — retrucou a outra. — Desde a morte de Alfredo, venho pensando no propósito das coisas. Quando Márcio morreu, pensei em me matar.

— Por que não o fez? — perguntou Heloísa enxugando as lágrimas.

— Márcio não iria gostar que eu fizesse isso — respondeu Catarina. — Bernardo também não. Certamente, seu filhinho iria querer que você fosse muito feliz.

— Ele só tem sete anos! — insistiu a mais jovem.

— Ele está com o pai, o avô e os anjos de Deus. — Disparou a idosa. — Você ficou para trás para algum propósito.

— Não quero viver — resmungou Heloísa.

— Mas vai viver — sentenciou Catarina. — Não estou dizendo para esquecer Bernardo. Você deve continuar para que ele tenha orgulho de você. Ou acha que ele não a vê de onde está?

Heloísa lembrou-se do dia do nascimento de Bernardo. O dia mais feliz de sua vida. Aquele dia idílico pareceu, de repente, distante.

— A vida é feita de perdas e ganhos. — Continuou Catarina: — Ainda acho que ganhamos mais do que perdemos. Se aceitarmos a vontade de Deus, acabaremos por ganhar força para nos levantar. Teremos a certeza cada vez maior de que nos reencontraremos com aqueles que amamos.

— Por muito tempo a odiei... — proferiu Heloísa, sentindo-se entorpecida. — Pelo que você fez com Márcio.

— Errei muito com ele e com você — disse a sogra. — Achava que fazia o certo. Cobrava nada além da perfeição para o meu filho, sem entender que ele já era perfeito. Um homem de bem. Um pai exemplar. Um marido raro. Entendi isso só quando ele morreu. Perdi muito tempo, não acha?

— É o que sua consciência diz? — indagou a outra.

— Sim — respondeu secamente Catarina fitando a nora nos olhos.

As duas mulheres aproximaram-se. Catarina estendeu um lenço para Heloísa. A mulher mais jovem secou a face atormentada e fitou as nuvens.

— Ele ficava chateado com suas cobranças — disse Heloísa. — Mas nunca permitiu que falassem mal da mãe dele. Márcio sabia que você o amava muito, e Bernardo também sabia que a avó dele o mantinha perto do seu coração.

As viúvas sorriram. A dor abrandara. Entendiam que, perdendo seus filhos, haviam ganhado uma a outra. Perceberam que na dor haviam encontrado o bálsamo da resignação. As mulheres contemplaram o jazigo frio, certas de que seus amados não estavam ali.

Caminhando para fora do cemitério, Catarina e Heloísa partiam para uma nova etapa de suas existências na Terra. Levavam consigo Márcio e Bernardo dentro de seus corações.

Mais ao longe, sob uma frondosa amendoeira, um homem carregava um belo menino nos braços. Os dois sorriam para as duas mulheres, certos de que a semente que tinham plantado daria doces frutos.

O LAVRADOR

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo que tem e compra aquele campo.

(Mt 13:40)

O sol estava escaldante. O suor escorria por seu rosto marcado que teimava manter-se altivo. Um meio-sorriso estava estampado em sua boca ressequida, e seus olhos voltavam-se para a terra seca que suas mãos teimavam em lavrar. Assim Josué seguia dia após dia.

Naquela ocasião, porém, foi diferente. Um rapaz, guiando um grande carro importado, veio levantando uma grossa cortina de poeira que se erguia na direção do infinito. O motorista era o filho de um rico fazendeiro. Dirigindo de forma perigosa, Evandro bateu com o pneu do jipe em um buraco, fazendo-o estourar. Proferindo palavrões, o jovem saiu do ar refrigerado do automóvel e sentiu a força do sol em seu rosto pálido. Os óculos escuros pareciam impotentes ante a luz do astro-rei.

De forma inexplicável, os olhos de Evandro pousaram na figura do velho Josué, que trabalhava a terra alheio à confusão do jovem.

— Ei, velho! — gritou o jovem, de forma arrogante.

Lentamente, Josué ergueu a cabeça. Sua audição já não era a mesma, e pareceu-lhe que ouvira, ao longe, alguém falando. Divisou o jovem de roupas extravagantes gesticulando para ele. Ajeitando o chapéu no alto da cabeça manchada pelo sol, Josué deu um sorriso desprovido de dentes e acenou para o rapaz. Com passos largos, o lavrador chegou até o impertinente Evandro.

— Sou filho do senhor Luciano — disse o rapaz, arrogante. — Preciso que você troque o pneu do meu carro.

— Troco sim, moço — respondeu o velho. — Posso ajudá-lo, pela graça de Deus.

Com alguma dificuldade, Josué trocou o pneu. Evandro, porém, praguejava contra a lentidão do velho. O trabalho, por fim, foi feito. Retirando algumas notas do bolso, o jovem estendeu-as para o idoso.

— Não posso aceitar, moço — retrucou o lavrador, balançando a cabeça com firmeza. — Não se cobra por ajudar alguém em precisão. Sei que, se o moço estivesse bem, poderia ter trocado a roda sozinho.

Evandro amassou as notas. Sentiu-se ultrajado. Como aquele velho miserável ousava recusar seu dinheiro e ainda chamá-lo de necessitado?

— Velho — resmungou o filho do fazendeiro —, o sol fritou seus miolos. Estou lhe pagando por um serviço.

— Não se cobra pelo serviço de ajudar um filho de Deus — asseverou o outro. — Eu é que agradeço.

Evandro gargalhou. Definitivamente, o ancião era louco.

— Está certo, então, velhinho — disse o rapaz. — Vou embora. Fique nesse seu deserto, comendo pedras e poeira. Imagino que não saberia o que fazer com esse dinheiro.

Josué sorriu. Estendeu a mão dura e magra para o jovem. Evandro tomou-a, sentindo a força que ainda restava no velho.

— O que o sustenta, filho? — indagou o ancião.

— O quê? — Devolveu Evandro, surpreso.

— O que o faz caminhar? — Insistiu Josué.

Evandro não sabia o que responder. Que perguntas eram aquelas? Era seu pai quem o sustentava. Era Luciano quem sustentava todo o seu modo de vida.

— Quem é você, velho, para se meter na minha vida? —Disparou Evandro, num rompante.

— Ninguém — respondeu o velho baixando a cabeça. — Só gostaria de saber quem você é.

— Já não lhe disse quem é meu pai?! — esbravejou o rapaz.

— Mas não disse quem você é. — Insistiu o lavrador. — Veja, sou Josué. Eu lavro a terra e bendigo a Deus pelo meu trabalho e pela riqueza que possuo.

— Riqueza?! — gargalhou Evandro. — Um campo seco?

— O que vê são pequenices, filho — asseverou Josué, com simplicidade. — Eu almejo uma grande riqueza. Para consegui-la, tenho de empregar os bens que Deus me emprestou...

— Você está gagá mesmo! — Riu o outro.

Josué sorriu. Seus olhos, esbranquiçados pela catarata, dirigiram-se para o carro de Evandro. O moço percebeu e alisou o capô do automóvel.

— Esse é um patrimônio, amigo — disse Evandro. — Meu carro é um bem que satisfaz. Isso é riqueza!

— Certo, moço. — Continuou o outro. — Mas é uma riqueza pequena. Tudo o que nós pegamos, que vemos até, é pequeno! O verdadeiro tesouro nós sentimos!

— Balela! — negou o jovem.

— Tudo o que nos faz caminhar para a Verdade é justamente a vontade de amealhar a riqueza do sentimento nobre. E quem não é a Verdade senão Deus?

— Conversa de carola, vovô... — Provocou o jovem rico.

— Conversar é pouco também. — Prosseguiu Josué animado. — É necessário pegar na enxada e trabalhar na terra bruta. Encarar a terra teimosa. É um serviço que muitos pensam ser ingrato. Com paciência e carinho, a terra se torna o berço de uma linda árvore que renderá doces frutos.

— Você acredita mesmo que vai tirar alguma coisa dessa terra esturricada? — indagou Evandro fitando o deserto.

— Acredito piamente nisso — respondeu Josué com doçura quase palpável. — A fé de meu coração me dá força para lavrar a terra seca.

Evandro contemplou o campo árido. Nuvens de poeira levantavam-se. Sentiu pena do velho.

— Vovô, posso lhe arranjar um trabalho na fazenda do meu pai. — O rapaz deu um meio-sorriso. — Trabalhará menos e comerá melhor com o salário que receberá.

— Não, obrigado. — Sorriu Josué, e aquele sorriso pareceu a Evandro estranhamente familiar. — Tenho meu torrão para lavrar.

O jovem fitou o idoso. Definitivamente, o agricultor era louco. Evandro entrou no carro.

— Gostaria que fizesse uma coisa por mim, moço — disse o velho.

— O quê? — respondeu o rapaz com as mãos do volante.

— Ao se deitar, faça uma prece — sentenciou Josué.

Evandro meneou a cabeça e ligou o motor. Ao chegar em casa, que encimava uma grande colina, viu seu pai, o poderoso fazendeiro Luciano, observando maliciosamente a filha da cozinheira.

— Tenho uma boa história, pai — disse Evandro caindo pesadamente no sofá. — O pneu... estou...

O rapaz narrou todo o acontecido. Luciano, coçando a grande barriga, riu da caracterização do velho lavrador que ouvira. Como o filho, o fazendeiro acreditou que o sol fritara os miolos do idoso. Mais tarde, ao dormir, após ingerir algumas cervejas e fumar alguns cigarros, Evandro olhou para o teto do aposento. Lembrou-se do pedido de Josué. Xingando o velho agricultor, sentou-se na cama opulenta.

— Tanta coisa para me pedir, e ele me pede pra rezar! — exclamou o rapaz, bufando.

“O que faz você caminhar?” Subitamente, essa pergunta voltou à mente de

Evandro.

Baixando tão somente a cabeça desgrenhada, o filho do fazendeiro lembrou-se do velho e de uma imagem de Jesus que vira certa vez.

— Deus, me ajude! — exclamou o jovem.

No dia seguinte, Evandro entrou no carro e foi veloz para onde estivera com o velho lavrador. Encontrou-o lá, do mesmo jeito que no dia anterior. Ao vê-lo, Josué levantou-se e acenou com o chapéu.

— É bom vê-lo — disse o idoso.

— Velho, tive um sonho esquisito! — Disparou Evandro — Meu cérebro fritou ontem. Só pode ser!

— O que foi, moço? — indagou Josué, pondo o chapéu velho na cabeça manchada pelo sol.

— Não tive meus sonhos de hábito — respondeu o outro. — Não sonhei com mulheres... ou ainda o sono sem sonhos...

— O que o senhor viu? — Insistiu o lavrador.

— Este lugar estava cheio de flores. — Prosseguiu o rapaz. — Árvores altas!

— Então, o senhor compartilhou comigo o meu sonho. — Josué abriu sua boca murcha e desprovida de dentes, num sorriso largo e estranhamente cheio de vida. — Minha esperança!

Evandro coçou a cabeça. Aquilo era estranho demais.

— Falou com seu pai sobre o carro quebrado? — perguntou o velho, fitando o possante veículo.

— Sim — respondeu Evandro balançando a cabeça. — Ele riu.

— Quem não riria de pequenices assim, não é? — Suspirou o ancião.

— Velho, sonhos são devaneios — anunciou Evandro, com fervor. — Só isso. Nada sobrevive a essa secura!

— Venha comigo — disse Josué prontamente.

O lavrador guiou Evandro por entre touceiras secas de espinheiro, e chegaram a um local junto a um morro baixo. Ali havia um jovem cajueiro.

— Meu trabalho está rendendo, e vemos a recompensa! — exclamou o velho. — O senhor verá esse campo verde!

— Venha comigo para a fazenda — disse Evandro após observar lentamente a vigorosa muda.

— Não, obrigado — respondeu Josué. — Lavrarei essa terra. O senhor pode me ajudar.

Aquilo era absurdo para Evandro, que jamais pegara numa enxada ou em qualquer ferramenta. No entanto, o jovem segurou a gasta companheira do agricultor.

— Ponha a lâmina da enxada na terra e imagine que você dá a ela a força que faz brotar as plantas. Tenha fé de que está recuperando esta terra para o serviço de Deus — ensinou Josué com ar professoral.

Desajeitado, Evandro revolveu o solo. Era difícil fazer aquilo. As mãos logo doeram. As costas reclamaram, seu rosto ardeu com o sol implacável e o suor encharcou suas belas vestes.

— Chega — disse Evandro com o corpo rígido e dolorido, com as mãos entorpecidas e prestes a serem tomadas por bolhas doloridas.

— O senhor lavrou a terra, moço — disse Josué com ar satisfeito. — Caminhou. Deu esperança a essa terra.

Coberto de poeira, Evandro percebeu que sorria. O trecho que capinara era muito curto, mas fora ele quem o fizera. Os olhos dos dois homens encontraram-se.

De volta ao lar, Luciano estranhou a aparência do filho. Observando as mãos feridas de Evandro, o fazendeiro exasperou-se.

— Espero que a mulher tenha valido a pena — resmungou Luciano.

Evandro fitou o pai. Por um momento, viu em Luciano o que ele mesmo era. Incomodado com essa constatação, banhou-se e foi ao seu quarto. Sentia-se só como nunca. Ainda parecia que o peso da enxada estava em suas mãos. O sol também era percebido por sua pele queimada. Ao fechar os olhos, viu os campos do lavrador cheios de vida.

Adormeceu. Novamente, os campos do estranho agricultor estavam lá, porém, estavam ainda mais repletos de vida do que antes.

Sobressaltado, Evandro despertou. Sentia o perfume do sonho, mas uma sensação de imperiosidade o incomodava. A imagem do velho não lhe saía da cabeça. Trocou de roupa e saiu, pouco antes de os galos anunciarem o raiar do dia. Nos primeiros raios de luz, o jovem chegou ao lugar onde se encontrara com o lavrador pela primeira vez. Sabia que o velho chegava ao amanhecer. O sol chegou abrasador, mas não havia sinal do agricultor. O coração batia descompassadamente no peito de Evandro, que, num rompante, entrou no carro e saiu pelos campos. Iria encontrar o velho.

O carro jogou poeira para o céu por longo tempo até que, finalmente, quando o combustível estava prestes a acabar, Evandro divisou uma pequena casa de sapê. Era um casebre paupérrimo.

— Só pode ser ali! — gritou o rapaz.

Encostou o carro e irrompeu casa adentro. Havia somente um cômodo na tapera. Josué estava deitado na cama de tábuas. Ao seu lado, seu chapéu e a enxada. O ancião abriu lentamente os olhos. Evidenciava uma respiração lenta e fraca.

— Você está doente? — indagou o rapaz, abaixando-se ao lado de Josué.

— Estou indo conferir a riqueza que tenho, moço — respondeu o lavrador com um sorriso banguela.

— Não! — exclamou Evandro, sentindo lágrimas brotarem de seus olhos.

— Como não? — retrucou o outro, ainda sorrindo. — A morte é tão natural quanto o nascer do sol. Faz parte da vida, mocinho.

O corpo de Evandro tremia. Jamais se apegara a alguém antes. Parecia ao jovem que deveria ter aproveitado mais o tempo com aquele amigo que arranjara pela

graça do destino e que agora se ia.

— Vivi muito, filho — disse Josué. — É hora de conhecer outros campos. Gostei muito de conhecê-lo, moço.

— Há alguém a quem chamar? — indagou Evandro às lágrimas.

— Minha esposa me aguarda, e meus filhos mais velhos também — respondeu o velho. — O caçula ainda não está pronto...

— Irei buscá-lo! — bradou o rapaz. — Ele deve se despedir do pai!

— Para ele, estou morto. — Suspirou Josué. — Morto na carne e no espírito. Para mim, ele ainda precisa de cuidado, o mesmo que devemos ter para com a terra. Deixe-o onde está.

— Nem sei seu nome, mas gostaria que fosse meu avô — disse Evandro, beijando as mãos rijas e descarnadas do ancião.

— Meu nome é Josué Ambrósio — respondeu o lavrador.

Evandro estacou. Aquele era o nome de seu finado avô, que morrera quando Luciano era pouco mais do que um menino. O velho morrera após a esposa, Luzia, e os filhos mais velhos. Dois rapazes e uma moça.

Fitando cuidadosamente o rosto marcado do lavrador, o rapaz encontrou similaridades com a face dura de Luciano.

— Você é meu avô! — exclamou Evandro.

— Então, o ciclo se fecha. — Sorriu Josué. — Bendito seja Deus! Senti um grande carinho por você, assim que o vi! Meu neto...

— Por quê? — Volveu Evandro.

— Sem perguntas, meu neto — retrucou Josué com a voz ainda mais fraca.

Os dois homens olharam-se, sentindo um imenso júbilo dentro no coração.

— Ontem, você lavrou o solo com afinco, meu neto — disse Josué pondo o dedo ossudo no peito de Evandro. — É hora de lavrar seu coração. É você quem

deixará os campos que Deus emprestou verdejantes!

Dizendo aquilo, Josué sorriu e morreu. Evandro não ficou desesperado, pois uma sensação de paz o tomou. O rapaz beijou a testa fria do avô recém-encontrado e pegou a enxada que agora lhe pertencia. Cavou a cova de Josué próximo à casa de sapê e, por fim, pôs uma cruz simples. Não sabia o que acontecera na família. Isso não importava. Não odiava o pai, a quem amava.

De volta à casa, Evandro encontrou seu pai furioso. O velho fazendeiro bebia sofregamente uma dose de pinga, quando o rapaz entrou na sala carregando a enxada.

— Agora traz as ferramentas dos empregados?! — Rugiu Luciano. — Vou sumir com esse velho que está enfiando coisas idiotas em sua cabeça!

— O nome do velho era Josué Ambrósio, pai. — Disparou Evandro. — Ele morreu hoje. Ele o amava muito e tinha esperança em você!

Luciano, estarrecido, deixou o copo cair no chão. Os olhos do fazendeiro encheram-se de lágrimas, contudo, nenhuma delas rolou. Em silêncio, o filho de Josué foi até seu quarto e lá permaneceu.

Sentado na cozinha e com a enxada deitada sobre suas pernas, Evandro permaneceu ali até o dia seguinte. Sua cabeça girava, entorpecida, quando o peso da mão de Luciano o despertou definitivamente.

— Leve-me até onde meu pai está — disse o fazendeiro com a voz embargada. — Por favor.

No carro de Luciano, pai e filho foram até onde ficava o casebre de Josué. Pesadamente, Luciano caiu de joelhos diante do túmulo do pai. Finalmente, lágrimas rolaram pelo rosto do implacável fazendeiro, molhando o esturricado solo que Josué tanto amara. Pedindo perdão, Luciano estava com o espírito alquebrado.

Os dias correram, e, por fim, Luciano não se dedicava mais aos negócios. Caminhava pela enorme casa sem direção. Evandro também se sentia vazio. Às vezes, voltava para os campos onde conhecera o avô e usava a velha enxada para arrancar as ervas daninhas que ameaçavam as mudinhas esquálidas que Josué plantara.

Certa vez, Evandro, sentado em sua cama, teve uma ideia. Com muita cautela, foi até seu pai, com quem não mais falara desde o reconhecimento do velho lavrador como avô e pai de Luciano.

— Quer ir comigo ao campo do vô Josué? — perguntou Evandro com uma pontada de esperança.

Com um estremecimento, Luciano recebeu o convite. O fazendeiro, após um tempo de hesitação, aceitou. Dentro do automóvel era apenas silêncio e ansiedade. Levavam sementes, mudas e adubos.

Chegando lá, Luciano não quis sair do carro. Em silêncio, Evandro pegou as ferramentas e os insumos e começou a trabalhar.

— Mamãe morreu de tuberculose — disse Luciano com a voz ofegante. — Papai sentiu muito a perda dela. Talvez mais do que todos nós juntos. Getúlio, o mais velho, ficou à frente dos negócios das cabras, já que era o único meio de se conseguir dinheiro. Não tínhamos recursos para plantar ou criar algo que não fosse palma e cabra, mas Getúlio era péssimo administrador e contraiu dívidas enormes. — Com um suspiro, o fazendeiro ergueu seus olhos avermelhados para o céu azul. — Ele era o mais velho e tínhamos de segui-lo. Mesmo que ele gastasse no cabaré toda a mixaria que as cabras rendiam, deveríamos baixar a cabeça para ele.

Sem parar de carpir o solo, Evandro apenas ouvia.

— Papai nada fez. — Continuou o fazendeiro. — Acho que ele estava tão absorto na morte da mamãe que simplesmente não sabia o que se passava. Otávio, mais velho do que eu, se rebelou contra Getúlio, e eu o segui. Maura, pouco mais nova que Otávio, se alinhou com Getúlio. — Os olhos do filho de Josué voltaram-se para as mãos fechadas, que tremiam violentamente. — Houve luta. Getúlio era forte. Muito forte. Quebrou o nariz de Otávio com um único soco e me arremessou para longe. Ele começou a chutar Otávio, e eu corri para pegar a arma de papai. Quando apontei o revólver para meu irmão mais velho e pedi que Getúlio fosse embora, ele apenas riu! Eu tinha apenas treze anos. Ele me xingou e disse que iria me surrar até eu ficar aleijado. — O rosto de Luciano ficou pétreo, e Evandro, que tinha parado de capinar, fechou os olhos. — Eu atirei. A bala atravessou Getúlio e pegou a Maura. Otávio gritava muito. Ele tirou a arma de minha mão e correu para ver se Getúlio e Maura estavam vivos.

Quando Otávio se aproximou, Getúlio o surpreendeu e o desarmou. Deu um tiro na cabeça do irmão achando que era eu! Quando papai chegou da casa da tia Zuleica, encontrou os filhos mortos e eu sentado no chão da sala. Ele olhou para mim. Aqueles olhos! Ele soube o que havia acontecido! Papai pegou a arma e enterrou meus irmãos no quintal junto de mamãe. Não me disse uma única palavra. Apenas me beijou na testa e desapareceu nos campos ermos. Tia Zuleica veio e disse que iria cuidar de mim. Ela falou que a polícia procurava o papai pelo crime cometido. Eu cresci e tornei-me o que sou hoje: um traste!

— Você é meu pai! — exclamou Evandro. — Amo você!

Luciano fitou o filho. Desde que Eleonora morrera no acidente de carro, jamais sorrira. O fazendeiro abriu a porta do automóvel e fitou os campos secos. A passos largos, chegou até o filho e tomou-lhe a enxada.

— Você está fazendo errado — resmungou Luciano. — Vou lhe mostrar como se lavra a terra, meu filho.

FIM